



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Carlos Miguel Leal Cepa

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Um contributo para a Didática da História de Portugal no 2.º ciclo - da Ditadura à Democracia.

Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Henrique Rodrigues

fevereiro de 2013

AGRADECIMENTOS

É com orgulho e muita satisfação, mas ao mesmo tempo com saudade, que chego a esta fase, a fase da conclusão do mestrado em 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, que tem o seu culminar na defesa deste relatório final que agora termino.

Chegado a este momento, é agora tempo de olhar para o futuro, sem nunca esquecer o passado, recordando todos aqueles que fizeram com que estes anos que dediquei à minha formação no Ensino Superior fossem anos fantásticos, talvez os melhores de toda a minha vida. Para todos eles devo ter obrigatoriamente uma palavra de agradecimento.

Para começar, agradeço aos principais responsáveis por eu ter conseguido chegar até aqui. São os meus pais. Todo o meu percurso de estudante apenas foi possível graças ao seu apoio e a toda a paciência que tiveram comigo. Mais, foram eles que me permitiram ter a possibilidade de estudar e de me formar a nível académico. Por isso, o maior de todos os agradecimentos é justo que seja para eles.

Muito importante foi também toda a ajuda e auxílio que me prestou a Ana Patrícia (namorada) e toda a força que me deu, incentivando-me quando a minha vontade era desistir e dando-me força para continuar. As suas palavras e o seu conforto foram determinantes. Por isso, “muito obrigado por tudo”.

Referência especial merecem também todos os amigos que, ao longo destes 5 anos de Ensino Superior, fui fazendo e com os quais vivi (e partilhei) momentos que jamais serão apagados da minha memória. Destaco particularmente aqueles que, ao longo de anos, partilharam quarto comigo e as minhas parceiras de sempre, Juliana e Ana Adelina, que, desde o primeiro ano, me ajudaram em tudo, fazendo com que os obstáculos fossem mais fáceis de ultrapassar. Uma palavra de agradecimento também para a Samanta e a Andreia por toda a ajuda. A todas estas pessoas fica a dever-se o facto de estes anos passados em Viana terem sido especiais e repletos de bons momentos.

Às crianças com as quais me cruzei durante a PES I e a PES II e que sempre demonstraram o quanto gostavam de mim agradeço todo o respeito e o carinho demonstrado para comigo e a possibilidade de com elas ter a experiência de ver como é realmente a vida que eu escolhi.

Um agradecimento muito especial a todos os professores da Escola Básica Integrada de *Santiago* por me terem recebido tão bem (e aos meus colegas) e por toda a disponibilidade que sempre tiveram para comigo, na tentativa de me ajudarem. De entre todos eles, destaco a professora de História e Geografia de Portugal, Lurdes Belo, por todo o interesse demonstrado na elaboração deste relatório final e por todo o auxílio que me prestou, desde o seu papel fulcral para a oportunidade de entrevistar o Coronel Otelo Saraiva de Carvalho até aos manuais que amavelmente me emprestou para que eu pudesse fundamentar o meu trabalho. Um sentido bem-haja!

Quero deixar também expresso o meu sentimento de gratidão à diretora da referida escola, a professora Graça Pires, por ter autorizado e apoiado a aplicação do inquérito, bem como à Junta de Freguesia de *Santiago* por todos os dados que me forneceu.

Em relação à Escola Superior de Educação, quero agradecer a todos os professores que trabalharam comigo, uma vez que todos contribuíram para a minha formação. No entanto, deixo um agradecimento especial a todos aqueles professores que estiveram envolvidos nestes dois processos de PES pela paciência que tiveram comigo e pelos conselhos úteis que me deram. De entre estes, é justo destacar o meu orientador do relatório final, o Professor Henrique Fernandes Rodrigues, por, em primeiro lugar, não me encaminhar diretamente para um tema, tentando saber, primeiramente, o que eu pretendia e, só depois e a partir daí, tentarmos em conjunto chegar a um tema que se adequasse. Agradeço-lhe, também, toda a paciência que sempre manifestou para comigo, todo o material que me facultou e acima de tudo as suas palavras de alento, coragem e sentido de responsabilidade, dando-me total liberdade para trilhar este percurso, mas sempre amparado por um profissionalismo admirável.

Não posso também deixar aqui de agradecer a duas pessoas com as quais tive pouco contacto, mas sem as quais este relatório seria certamente mais pobre. São elas a Dr.^a Maria José Braga e o Coronel Otelo Saraiva de Carvalho. A primeira por ter tornado possível a entrevista ao Coronel, tendo combinado comigo como iria fazer. Ao segundo, por toda a disponibilidade demonstrada para ser entrevistado por mim, por toda a sua simpatia e descontração aquando da entrevista, tendo com isso facilitado o meu trabalho.

A todas estas pessoas, que tanto me ajudaram, aqui deixo o meu imenso Obrigado!

RESUMO

Este relatório final surge na sequência da experiência por mim vivenciada, no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, que decorreu numa escola localizada numa freguesia limítrofe do concelho e, simultaneamente, do distrito de Viana do Castelo. É um relatório direcionado para a disciplina de História e Geografia de Portugal, uma vez que o seu tema se relaciona com a revolução do 25 de abril de 1974, tendo, portanto, sido escolhido o seguinte título: *“Um contributo para a Didática da História de Portugal no 2.º ciclo – Da Ditadura à Democracia.”*

Assim, este relatório teve sempre como objetivo constatar o que a Revolução de abril significa, nos dias de hoje, para os mais jovens, neste caso para os alunos do 6.º ano de escolaridade. A pertinência deste estudo reside no facto de terem passado praticamente quatro décadas (38 anos, aquando da aplicação dos inquéritos nas turmas) da “Revolução dos Cravos”, revolução que, para além de instaurar a democracia, libertou Portugal para o exterior e possibilitou um desenvolvimento assinalável, bem como a adesão à União Europeia, em 1986.

Quase quatro décadas depois, é importante saber o que pensam e, sobretudo, o que sabem acerca deste acontecimento maior da História do nosso país. Grande parte deste relatório centra-se na análise dos dados pertencentes às distintas áreas (informações acerca da vida familiar, hábitos de estudo dos alunos e conhecimentos históricos) do inquérito apresentado aos alunos. No entanto, são também contempladas neste relatório final a parte didática desta matéria, *“O 25 de abril de 1974”*, e a análise de dois manuais escolares relativamente à mesma temática. Para que o trabalho ficasse mais completo e rico ao nível didático e histórico, entrevistei um dos símbolos da revolução, o Coronel Otelo Saraiva de Carvalho. Esta entrevista acrescenta um testemunho na primeira pessoa de alguém que, para além de viver bem de perto a revolução, coordenou e comandou muitas das operações que fizeram com que a revolução fosse um sucesso.

Convém também lembrar que, na altura de aplicação do inquérito, os alunos de ambas as turmas tinham acabado de ter contacto com os conteúdos programáticos em questão e tinham celebrado há escassos dias as comemorações do 38.º aniversário da Revolução do 25 de abril de 1974.

Palavras-chave: 25 de abril de 1974; revolução; democracia; didática.

ABSTRACT

This final report comes in the sequence of an experiment lived by me in the range of the curricular unit “Practice of Supervised Teaching II”, which took place in a school located in a neighboring town of the county and simultaneously of the Viana do Castelo district. It is a report directed to the subject History and Geography of Portugal, once its topic is related to the revolution of 25th April of 1974, being hence chosen the chapter: “*A contribution to the teaching of the History of Portugal in the second cycle – from Dictatorship to Democracy*”.

Thus, this report has always had as its goal to assess what the revolution of April means, in our days, in this particular case for the students of the 6th form. The pertinence of this study lies in the fact that there are spent almost four decades (38 years, when the questionnaires were made in the classes) of the “Carnation Revolution”, such a revolution that, besides establishing a democracy, freed Portugal for the outside world making thus possible a considerable development, as well as the entering in the European Union in 1986.

Nearly four decades after it is important to know what they think and (mainly) know about this major event of the History of our country. A big part of this report is centered in the analysis of the data belonging to the different areas (information about family life, study habits of students and historic knowledge) of the questionnaire given to the students. Meanwhile, there are also referred in this final report the didactic part of this topic (“25th of April of 1974”), and the analysis of two school books relating to the same subject. So that this work could be more complete and rich on the didactic and historic level, I interviewed one of the symbols of the revolution, the Colonel Otelo Saraiva de Carvalho. This interview adds a firsthand personal witness of someone who, besides living the revolution very closely, coordinated and commanded many of the operations that made the revolution a success.

It is necessary to add that, at the time of the application of the questionnaire, the students of both classes had just had contact with the referred programmatic contents and they had celebrated a few days before of the commemorations of the 38th anniversary of the revolution of the 25th of April of 1974.

Keywords: 25th of April of 1974; revolution; democracy; didactics.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vii
ÍNDICE DE FIGURAS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xiii
LISTA DE ANEXOS	xv
CAPÍTULO I – Enquadramento da PES	17
Contexto educativo.....	17
A escola.....	19
A turma.....	20
CAPÍTULO II – Seleção criteriosa e justificada das planificações	21
Língua Portuguesa.....	21
Ciências da Natureza.....	22
História e Geografia de Portugal.....	23
Matemática.....	25
CAPÍTULO III – Fundamentação do trabalho de investigação	27
Inquérito	27
Análise de manuais escolares.....	57
Questões sobre didática da História e Geografia de Portugal.....	68
CAPÍTULO IV – Reflexão global sobre o percurso realizado na Prática de Ensino Supervisionada	79
CONCLUSÃO.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	91

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Aspeto geral da escola de “ <i>Santiago</i> ”, vista do lado poente.	19
Figura 2 – Atividades profissionais dos progenitores à data da realização do inquérito.	33
Figura 3 – Atividades profissionais das mães dos alunos exercidas até à data da realização do inquérito.	34
Figura 4 – Motivos pelos quais os alunos gostam da escola (por sexo).	35
Figura 5 – Alunos com apoio pedagógico (por sexo).	36
Figura 6 – Transporte mais utilizado pelos alunos para se deslocarem para a escola (por sexo).	37
Figura 7 – Frequência com que os alunos estudam (por sexo).	38
Figura 8 – Local onde os alunos estudam frequentemente (por sexo).	39
Figura 9 – Frequência com que os alunos conversam em casa sobre a escola (por sexo).	39
Figura 10 – Locais de leitura eleitos pelos alunos (por sexo).	40
Figura 11 – Estimativa da quantidade de livros que cada aluno possui em casa (por sexo).	41
Figura 12 – Respostas dadas pelos alunos relativamente às personalidades que eles acham que estiveram ligadas à ditadura (por sexo).	42
Figura 13 – Respostas dadas pelos alunos relativamente às personalidades que eles acham que estiveram ligadas à democracia (por sexo).	43
Figura 14 - Percentagem de alunos que acertou na data correta do acontecimento descrito (por sexo).	48
Figura 15 – Percentagem de acerto no preenchimento dos espaços (por sexo).	49
Figura 16 – Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	50
Figura 17 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	51
Figura 18 – Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	52
Figura 19 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	53
Figura 20 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	54
Figura 21 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	54
Figura 22 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	55
Figura 23 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.	56
Figura 24 – Salgueiro Maia, um dos capitães de abril, em plena ação durante a Revolução.	75

Figura 25 – Logótipo do Movimento das Forças Armadas.	76
Figura 26 – O povo, em comunhão com os militares, celebra a conquista da liberdade.	77
Figura 27 - Realização de uma experiência com alunos do 3.º ano de escolaridade.	80

LISTA DE ABREVIATURAS

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PES I – Prática de Ensino Supervisionada I

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

NEE – Necessidades Educativas Especiais

LP – Língua Portuguesa

CN – Ciências Naturais

HGP – História e Geografia de Portugal

LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Planificação da aula de Língua Portuguesa

Anexo II – Planificação da aula de Ciências da Natureza

Anexo III – Planificação da aula de História e Geografia de Portugal

Anexo IV – Planificação da aula de Matemática

Anexo V – Questionário (inquérito) distribuído aos alunos

Anexo VI – Quadros do Excel relativos ao tratamento dos dados do Inquérito

Anexo VII – Grelha de Análise de Manuais

Anexo VIII – Entrevista ao Coronel Otelo Saraiva de Carvalho

CAPÍTULO I – Enquadramento da PES

O presente capítulo enquadra o contexto onde teve lugar a Prática de Ensino Supervisionada II. Faremos menção a alguns aspetos como a caracterização do contexto educativo, a caracterização do meio local, a caracterização da instituição, a caracterização da turma e dos alunos.

Contexto educativo

A escola onde se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada II pertence a uma freguesia do concelho de Viana do Castelo, situada na margem sul do rio Lima, fazendo fronteira geográfica com o concelho de Esposende e tendo como grande referência um curso fluvial que desagua no Oceano Atlântico. Trata-se de uma freguesia de características agro-marítimas, rica de história e cultura etnográfica e com impacto assinalável na história de Portugal, pois aí se encontram as ruínas de um castelo medieval, referência de grande significado no quadro da crise política da sucessão de D. Fernando.

A minha passagem por esta escola decorreu entre os meses de fevereiro e maio, período estipulado para o desenvolvimento da PES II. Aí, foram aplicados os inquéritos que suportam este relatório.

A freguesia em questão, à qual atribuímos o pseudónimo de “*Santiago*”, situa-se, aproximadamente, a 12 Km da cidade de Viana do Castelo, no extremo sul do concelho. “*Santiago*” está cintada por várias localidades do concelho de Viana do Castelo e Esposende, confrontando com a linha do Oceano Atlântico. Como se compreende, o rio Neiva muito contribui, em parceria com o mar, para o engrandecimento desta localidade. A população residente em “*Santiago*” é de 2930 habitantes. Do total de habitantes, 1382 são do sexo masculino, enquanto 1548 pertencem ao sexo feminino, donde resulta um rácio de 89,3 homens por cem mulheres, ou seja um predomínio do género feminino. A população apresenta características próprias de uma população envelhecida, registando-se 1563 habitantes situados na faixa etária entre os 25 e os 64 anos e 631 habitantes com idade superior a 64 anos. A restante população distribui-se da seguinte forma: 441

habitantes situam-se na faixa etária dos 0 aos 14 anos e 295 habitantes na faixa dos 15 aos 24 anos.¹

A agricultura, a construção civil, a pesca, o pequeno comércio e a indústria são atividades económicas de enorme importância nesta freguesia, com predominância das duas primeiras. A atividade piscatória tem muita importância na economia local, seja pelos aspetos turísticos promovidos pela sua faina ou pela gastronomia local que os seus produtos enriquecem.

Trata-se de uma paróquia muito antiga, com vestígios arqueológicos da Idade do Ferro e também do neolítico, como prova a existência de uma Mamoa, monumento funerário megalítico do tipo câmara-corredor, atribuível ao período Calcolítico. A Mamoa encontra-se em muito bom estado, devido à musealização a que foi submetida. Refira-se que, junto à capela da Senhora das Oliveiras, se encontrou uma necrópole e, durante as obras na Igreja Paroquial, descobriu-se um Arco Votivo. As principais festas e romarias realizam-se no mês de agosto e são a Nossa Senhora de Guadalupe e a Nossa Senhora dos Emigrantes.

De enorme importância é o Monte do Castelo, em cujo cimo existiu um castelo medieval que foi cabeça da Terra de Neiva. Foi conquistado por Nuno Álvares Pereira, aquando da crise de 1383-1385. O tempo e a falta de preservação humana encarregaram-se de desfazer este polo defensivo. Dele se veem apenas os alicerces da sua torre de menagem e alguns pedaços do muro da cerca. Neste monte houve também um extenso povoado castrejo. Erguido no mesmo monte, na Idade do Ferro, o Castro de Moldes possui fortes indícios de romanização. No interior do recinto fortificado, em sucessivos patamares, distribuía-se as habitações de planta circular e retangular, algumas com vestíbulo e separadas por ruas lajeadas. O espólio é rico e variado e dele constam, além dos habituais fragmentos de cerâmica comum na época romana, castreja e medieval, muitos outros elementos dos quais se destacam, pela raridade, os capacetes e copos de bronze, descobertos com as terraplanagens para a construção de uma casa no sopé do povoado. Também algumas moedas da época do imperador Augusto, que sugerem que terá sido por volta da mudança de Era, entre o séc. I a.C. e o séc. I d.C., que o povoado conheceu o seu

¹ Fontes: dados fornecidos pela Junta de Freguesia, presidida por Augusto Pires Alves Bandeira.

apogeu, não se sabendo ao certo a data precisa do fim da ocupação romana no local.²

A escola

A escola de “*Santiago*”, onde estive inserido, apresenta uma arquitetura moderna com um edifício central, um pavilhão desportivo e um campo de jogos, com balneários de apoio. No edifício central existem treze salas de aula normais, dois auditórios para seminários, três salas de trabalho, duas das quais funcionam como salas de aula para o 1º ciclo, sete salas específicas – um laboratório de Ciências da Natureza, um de Ciências Naturais, um de Ciências Físico-Químicas, uma sala de Educação Tecnológica, uma sala de Educação Musical, uma sala de grandes grupos/multimédia, uma sala de atendimento aos encarregados de educação; vinte arrumos/arrecadações, quartos de banho normais e para deficientes, elevador e diversas zonas específicas: a receção, serviços administrativos, reprografia, papelaria, sala de convívio de professores com bufete, sala de convívio dos alunos com bufete, cozinha, refeitório, biblioteca e duas salas de informática.

Para apoio às atividades letivas a escola possui diversos meios audiovisuais: computadores portáteis, retroprojetores, televisores, vídeos, gravadores áudio, leitores de C.D., projetores de diapositivos e mapas. No âmbito do Plano Tecnológico, a escola sede tem vindo a ser dotada de projetores multimédia nas salas de aula, quadros interativos e novos computadores.



Figura 1 - Aspeto geral da escola de “*Santiago*”, vista do lado ponte.

² Roteiro Arqueológico de Viana do Castelo. Viana do Castelo: 2008. [Consultado em 2 de novembro de 2012], disponível em:

<http://www.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=378&Itemid=589>.

A turma

Inicialmente, a turma era constituída por 18 alunos, sendo 11 raparigas e 7 rapazes. Após a transferência do aluno número 1, a turma passou a contar com 17 alunos (11 raparigas/6 rapazes). Dois elementos são novos na turma: um deles retido no 6.º ano e uma aluna do Ensino Especial, regressada da Escola Frei Bartolomeu dos Mártires. Essa mesma aluna, por apresentar visíveis dificuldades de aprendizagem e motoras, não realizou o inquérito, tendo este sido aplicado a 16 alunos desta turma. A faixa etária da turma situa-se entre os 11 e os 13 anos, com exceção de uma aluna que tem 14 anos. Treze alunos da turma são provenientes da freguesia vizinha, enquanto os restantes residem em Santiago.

É um grupo bastante heterogéneo. Muitos dos alunos transitaram para o 6.º ano com bastantes dificuldades. Há, nesta turma, alunos com comportamentos particularmente agitados.

A maioria é oriunda de quadros familiares com rendimentos médios e baixos, cujo nível profissional varia entre a construção civil, indústria, trabalho doméstico, e também desempregados.

CAPÍTULO II – Seleção criteriosa e justificada das planificações

Neste capítulo serão referenciadas as experiências de aprendizagem em cada uma das quatro áreas de ensino que a minha formação permite lecionar. Estas experiências aconteceram no decorrer da PES II, que decorreu durante o segundo semestre do 2.º ano do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico. Assim, será apresentada uma planificação e a reflexão de uma aula lecionada, relativa a cada uma das 4 disciplinas em causa. Contudo, as planificações da aula encontrar-se-ão em anexo, sendo apenas apresentada a reflexão referente à aula em questão. Por fim, apresentarei a área de estudo onde vai ser desenvolvido o meu trabalho de investigação, com a justificação da minha opção.

Língua Portuguesa

Tema: “A classe dos pronomes: pronomes possessivos e demonstrativos”.

Apesar de algum receio pré-leção, provocado essencialmente pela ansiedade de não saber o que esperar do comportamento da turma, foi com naturalidade e confiança que encarei o desafio de desempenhar o papel de professor de Língua Portuguesa da turma durante três semanas. Embalado pela confiança que adquiri na primeira aula, foi com vontade de mostrar serviço que parti para a segunda, que correspondeu à primeira aula observada pela professora supervisora. Esta foi, portanto, a planificação escolhida (Anexo I) para aqui expor.

Nesta aula (como em todas as outras), comecei por rememorar o que foi abordado na aula anterior. Deste modo, os alunos ficaram com a matéria anterior mais presente, ficando por isso mais aptos a estabelecer uma “ponte” com os conteúdos que foram abordados na aula aqui refletida. Na aula anterior, tinham sido abordados os determinantes e foi, por isso, muito bom relembrar os alunos, pois nesta aula iam ser tratados os pronomes. Deste modo, os alunos puderam perceber melhor a distinção entre uns e outros. Iniciei este tema com exemplos presentes nas frases escritas no quadro: “*Podes contar com*

a minha amizade. Eu contarei com a tua.” e “A Susana elogiou os teus desenhos, mas também gostou dos meus.” Seguidamente, questionei os alunos sobre quais seriam os pronomes e os determinantes e os pronomes possessivos presentes nas mesmas. Os alunos acompanharam bem a explicação e a grande maioria da turma assimilou bem a distinção. Entreguei, depois, um quadro sobre a classe dos pronomes possessivos para que os alunos completassem e depois colassem no caderno diário, para fixarem mais facilmente. Quanto aos pronomes demonstrativos, foram explorados de uma maneira diferente. Entreguei a cada aluno uma pequena banda desenhada, de maneira que os alunos identificassem a classe de palavras a que pertenciam as palavras destacadas. E, como forma de os alunos ficarem com tudo o que foi dado registado no seu caderno diário, entreguei um quadro sobre a classe dos pronomes demonstrativos para que os alunos completassem e, seguidamente colassem no seu caderno diário. Por fim, de forma a consolidar toda a matéria que foi dada, os alunos resolveram os exercícios de aplicação do manual da disciplina.

Penso que a minha tranquilidade e descontração me ajudaram bastante na condução da aula. Os alunos sentiram isso, intervindo e participando de forma bastante positiva. Como aspetos negativos, tenho a apontar o tempo que circulei pela sala, pois deveria ter sido maior, devendo ter dado mais tempo aos alunos para responderem às questões e ter explorado um pouco mais as frases ditas por eles.

Ciências da Natureza

Tema: “Transmissão de vida: reprodução humana e crescimento”.

A disciplina de Ciências da Natureza foi a segunda, no contexto do 2.º ciclo, a ser lecionada, juntamente com a de História e Geografia de Portugal. Lecionar esta disciplina sempre me deixou um pouco receoso, uma vez que esta nunca me despertou tanto interesse como as outras e, deste modo, estava algo nervoso e com um certo receio de a lecionar. O tema também não era o mais acessível, pelo que adverti os alunos para o facto de ser intransigente com qualquer tipo de piada ou brincadeira em relação aos conteúdos abordados, o que acabou por ajudar bastante na condução das aulas e fez com que os alunos adotassem uma postura séria e bastante participativa. Por isso, escolhi esta aula (que corresponde à primeira planificação) (Anexo II), pois penso que a aula correu bastante bem, sendo os objetivos atingidos. Iniciei a aula com a escrita do sumário. Seguidamente,

dei início ao tema, apresentando um “PowerPoint” com um pequeno texto intitulado: “*O meu corpo está a mudar!*”. Esse serviu simultaneamente como motivação e “motor de arranque” para dar início à abordagem (e distinção) dos conceitos “puberdade” e “adolescência”. Para que os alunos pudessem entender melhor o que foi lido anteriormente, pedi aos alunos que trouxessem de casa fotografias de quando eram bebés para a aula e, desta feita, realizei com eles no quadro um jogo intitulado “*Quem é quem?*”. Pretendia fazer com que os alunos tentassem adivinhar a qual dos colegas pertenciam as fotos. Os objetivos foram atingidos, pois a função principal do jogo era que os alunos chegassem à conclusão que enquanto bebés é difícil distinguir o sexo das crianças sem ser pela roupa ou acessórios, para além, claro está, dos caracteres sexuais primários. Posteriormente, apresentei outro “PowerPoint”, onde estavam tratados caracteres sexuais primários e os caracteres sexuais secundários para que os alunos registassem no caderno diário algumas informações acerca desse “PowerPoint”. Para consolidar este conteúdo, os alunos leram umas páginas do manual referentes à matéria dada na aula e resolveram as questões do “*Já Sabes?*”.

Assim, no geral, penso que a aula correu bem e se desenrolou de uma forma bastante positiva. Penso, também, que, antes de apresentar aos alunos os caracteres sexuais primários, deveria ter-lhes perguntado quais eram, para tentar perceber quais as suas conceções. Deveria, em determinados momentos, ter gasto menos tempo em questões não fundamentais e também ter dado um pouco mais de “voz” aos alunos, uma vez que poderia ter retirado benefícios dessa situação.

História e Geografia de Portugal

Tema: “O 25 de abril de 1974 e o regime democrático”.

Foi com bastante prazer que, ao longo de três semanas, lecionei a disciplina de História e Geografia de Portugal, disciplina que sempre me fascinou e, por isso, desde os meus tempos de menino, sempre foi a minha predileta. Optei por desenvolver o meu relatório final baseado num tema que, felizmente, tive que lecionar, o “25 de abril”. Sempre tive em mente realizar o meu relatório final nesta área e, por isso, quando foi altura da decisão, não tive qualquer espécie de problema, ao contrário de alguns dos meus

colegas, uma vez que já tinha decidido. Preparei inquéritos para apresentar às duas turmas que estavam divididos em duas partes: uma relacionada com os dados pessoais e o quadro familiar dos alunos e a outra com questões relacionadas com a “Revolução dos Cravos”. Tudo isto, com o objetivo de, em primeiro lugar, testar o conhecimento dos alunos (já depois de a matéria ter sido lecionada) acerca da revolução e de, em segundo lugar, estabelecer uma relação entre o conhecimento (ou falta dele) que os alunos possuem acerca do tema e a sua condição social e hábitos de estudo.

Foi, por isso, com muito empenho, dedicação e prazer que me dediquei à leção desta disciplina a uma turma do 6.º ano de escolaridade. A planificação que escolhi para aqui expor foi a da primeira aula (Anexo III), a que por sinal assistiu o professor supervisor. Como já estava ambientado com a turma e bastante à vontade com a matéria, encontrava-me tranquilo para dar esta aula e a mesma acabou por correr muito bem. A participação da turma foi enorme, mostrando que os alunos estavam bastante interessados na matéria e com vontade de demonstrar conhecimentos. Comecei por rever os conteúdos abordados pela minha colega que tinha estado com a turma a lecionar esta disciplina anteriormente. Depois de revistos esses conteúdos avancei para o tema que estava programado para a aula. Inicialmente projetei um “cartoon” com o objetivo de os alunos, através da análise da imagem, tentarem apontar causas que tenham levado à revolução. Essas causas foram, em seguida, expostas no quadro pelos alunos para depois registarem no seu caderno diário. Os alunos mostraram sempre estar a par daquilo que se tratava na aula. Foram depois encaminhados para a leitura do manual para, desta forma, terem conhecimento de como se desenrolaram os acontecimentos durante a revolução e aquilo que mudou com a mesma. Antes do final da aula, exibi um vídeo alusivo à revolução, ao qual os alunos prestaram toda a atenção. Para finalizar a aula, os conteúdos abordados foram revistos oralmente. Poderia, talvez, ter registado no quadro palavras-chave ligadas à parte dos conteúdos que já tinham sido abordados.

Foi, portanto, com enorme prazer que lecionei esta aula bem como as aulas de História e Geografia de Portugal que se seguiram durante as semanas seguintes. Sem dúvida que não me importava de para o resto da vida ser professor desta disciplina no 2.º ciclo.

Matemática

Tema: “Os Números Inteiros”.

Esta disciplina foi a última e ser lecionada por mim no contexto do 2º ciclo e, por isso, os níveis de confiança eram maiores e a relação com a turma já estava completamente consolidada, havendo total harmonia. Escolhi a segunda planificação (Anexo IV). Iniciei a aula com a abertura do sumário e, seguidamente, fiz uma pequena revisão sobre os conteúdos abordados na aula anterior. Dando especial atenção a uma aluna que na aula anterior demonstrou ter algumas dificuldades relacionadas com a temática dos números inteiros, questionei-a e tentei esclarecer com ela as dúvidas que possuía, tendo ela ficado esclarecida. Concluída esta pequena revisão, fiz a correção dos trabalhos de casa no quadro com os alunos para que todos os alunos ficassem com a correção no seu caderno diário. Depois disto, iniciei a matéria desta aula: “Valor absoluto e simétrico de um número inteiro”. Fui bastante incisivo com os alunos no que respeita às definições de “valor absoluto” e “números simétricos”, questionando-os repetidamente e em diferentes momentos da aula, de modo a que estes conceitos ficassem devidamente consolidados. Com o auxílio da reta numérica (que preparei em casa), que estava no quadro, usei os seguintes exemplos para abordar o valor absoluto (módulo) de um número: -3 e 3; -5 e 5; -2 e 2. Chamei alguns alunos ao quadro para que estes representassem os referidos números na reta, perguntei a que distância se encontrava cada um dos números da origem, ou seja, do 0, de modo a levar os alunos ao conceito de “*valor absoluto*”, conceito esse que anotaram no caderno diário: “ *O valor absoluto ou módulo de um número inteiro é a distância a que este se encontra da origem.*” Este conceito foi depois ilustrado pela utilização de um termómetro, onde os alunos puderam visualizar alguns exemplos através da projeção do mesmo, com a projeção desta imagem pretendia que os alunos percebessem que uma distância é sempre positiva ou nula. Utilizando os mesmos números, pedi aos alunos que detetassem aqueles que se encontravam à mesma distância do 0 (origem). Depois de devidamente identificados, informei os alunos de que quando os números possuem sinais contrários mas têm a mesma distância a separá-los da origem estão na presença de números simétricos. Seguidamente, escrevi no quadro a definição de números simétricos para os alunos a registarem no caderno: “*Dois números inteiros de sinais*

contrários dizem-se simétricos se tiverem o mesmo valor absoluto, ou seja, se estiverem à mesma distância da origem”. As projeções também foram importantes para captar a atenção dos alunos, que se mostraram bastante participativos e empenhados, mostrando sempre grande interesse. Com as estratégias utilizadas e com a minha postura acho que consegui motivar os alunos e daí tirar proveito ao nível das suas aprendizagens. No final da aula, talvez tenha faltado uma recapitulação dos conteúdos abordados, mas a falta de tempo não o permitiu.

CAPÍTULO III – Fundamentação do trabalho de investigação

Neste capítulo será explicado todo o meu trabalho no contexto do 2.º ciclo, o processo que levou até ao inquérito que posteriormente foi entregue a duas turmas do 6.º ano de escolaridade, bem como o tratamento dos dados que daí resultaram. No fundo, este capítulo permite ficar com uma ideia do que foi a minha experiência ao nível da lecionação no 2.º ciclo e de todos os passos que foram necessários para que o inquérito pudesse avançar, desde a sua elaboração até às autorizações necessárias para que pudesse ser aplicado.

Inquérito

Como anteriormente foi referido, foi necessária a realização de um inquérito, para obter algumas informações importantes acerca da vida familiar e dos hábitos de estudo e de leitura dos alunos, bem como dos seus conhecimentos históricos, mais concretamente sobre o tema “*A Revolução de 25 de abril de 1974*”³. Optei pela realização de um inquérito estatístico após uma conversa com o professor Henrique Rodrigues e pelas vantagens que este apresenta. Estes inquéritos são uma forma bastante eficiente de recolher informação acerca de um determinado número de inquiridos e onde podem ser utilizadas técnicas estatísticas de modo a determinar a validade, a fiabilidade e a significância estatística. São flexíveis, já que pode ser recolhida informação variada e podem ser usados para estudar um grande número de questões/acontecimentos. São fáceis de administrar e permitem uma rápida e precisa recolha de informação. Devido à sistematização dos resultados fornecidos,

³ Um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema. Deste modo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo constituído, por exemplo, por alunos, é possível recolher informações que permitam conhecer melhor as suas lacunas, bem como melhorar as metodologias de ensino, podendo, deste modo, individualizar o ensino quando necessário. AMARO, Ana et al. – *A arte de fazer questionários*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2004/2005. [Consultado a 18 de novembro de 2012]. Disponível em: < http://nautilus.fis.uc.pt/cec/esjf/wp-content/uploads/2009/11/elab_quest_quimica_up.pdf>, p. 3.

a análise dos dados torna-se bastante mais simples.⁴

A amostra do inquérito que apliquei foi de 34 alunos, distribuídos por duas turmas do 6.º ano de escolaridade, às quais serão atribuídos os nomes de Turma A e Turma B, para efeitos de comparação. Em relação à turma A, que contava com 18 alunos inscritos, preencheram este inquérito “apenas” 16 alunos, uma vez que um dos alunos foi transferido para outra escola e outra aluna não o realizou por manifesta incapacidade, sendo esta aluna uma aluna com NEE. Na turma B, embora dois alunos tivessem NEE, também realizaram o inquérito, estando envolvida no preenchimento do inquérito, portanto, a totalidade da turma, ou seja, 18 alunos.

Como a minha experiência a elaborar inquéritos não era muita, foi bastante importante nesta fase a ajuda do Professor Henrique Rodrigues que me disponibilizou bastantes inquéritos, utilizados noutras escolas, por outras pessoas. Em traços gerais, pretendia alcançar os mesmos objetivos que eu com a aplicação do inquérito⁵. Como todos nós (mestrandos que temos como orientador de Relatório Final o professor Henrique Rodrigues) necessitávamos de fazer inquéritos (no entanto, diferentes), em reunião com o professor e em conjunto, começamos a propor questões para serem utilizadas, relativas à vida familiar dos alunos e dos seus hábitos de estudo e de leitura. Uma vez que essa parte era comum a todos, as questões poderiam ser iguais. Cuidadosamente, tivemos em conta os tipos de questões que deveríamos colocar no inquérito e optamos por colocar apenas questões de escolha múltipla e de resposta direta, para, deste modo, evitar que os alunos tivessem que escrever em demasia e, conseqüentemente, dar erros e assim, não colocar informação desnecessária e quiçá pouco pertinente para aquilo que se pretendia.⁶

⁴ IDEM, p. 8.

⁵ Construir questionários não é, contudo, uma tarefa fácil, mas aplicar algum tempo e esforço na sua construção pode ser um fator favorável no “crescimento” de qualquer investigador. IDEM, p. 3.

⁶ É de salientar que o conjunto de questões deve ser muito bem organizado e conter uma forma lógica para quem a ele responde, evitando-as irrelevantes, insensíveis, intrusivas, desinteressantes, com uma estrutura (ou formato) demasiado confusos e complexos, ou ainda questões demasiado longas. Deve, o investigador, ter o cuidado de não utilizar questões ambíguas que possam, por isso, ter mais do que um significado, que por sua vez, levem a ter diferentes interpretações. Não deve incluir duas questões numa só (*double-barrelled questions*), pois pode levar a respostas induzidas ou nem sempre relevantes, além de não ser possível determinar qual das “questões” foi respondida, aquando o tratamento da informação. IDEM, p. 4.

Para garantir que as respostas fossem o mais verdadeiras possível optamos pelo anonimato dos inquiridos, evitando até que alguém se sentisse diminuído ou inferiorizado.⁷ Pode dizer-se, então, que a pesquisa por inquérito efetuada se dividiu em 5 partes distintas: o planeamento do inquérito, a recolha dos dados, o acesso aos dados, a preparação dos dados e, por fim, a análise dos mesmos.

Era necessário, para que a aplicação dos inquéritos ficasse concluída, a autorização das professoras com quem falei para que estes fossem aplicados nas suas aulas e da diretora da escola. Primeiramente, falei com a minha professora orientadora da disciplina de História, a professora Lurdes Belo, para aplicar este inquérito na turma em que eu fiquei a estagiar e onde lecionei a matéria relacionada com a Revolução do 25 de abril. A professora aprovou de imediato a ideia e disponibilizou uma das suas aulas para que o inquérito fosse aplicado. Na turma, a que dei o nome de turma B, como não conhecia a docente de História, falei com a professora de Matemática, a professora Maria João Passos, que também aceitou à ideia e se disponibilizou para o aplicar numa das suas aulas. Faltava, então, a autorização da diretora da escola, pois sem a mesma, não seria possível. Solicitei então um encontro com a diretora (a professora Graça Pires), no seu gabinete, para lhe apresentar a minha proposta. Ela ouviu-a atentamente e achou que era pertinente e tinha bastante interesse, mas só autorizaria a aplicação do inquérito com a garantia de que o mesmo fosse anónimo. Como já estava estabelecido que o inquérito iria salvaguardar a identidade dos inquiridos, tive o aval da diretora da escola para avançar.

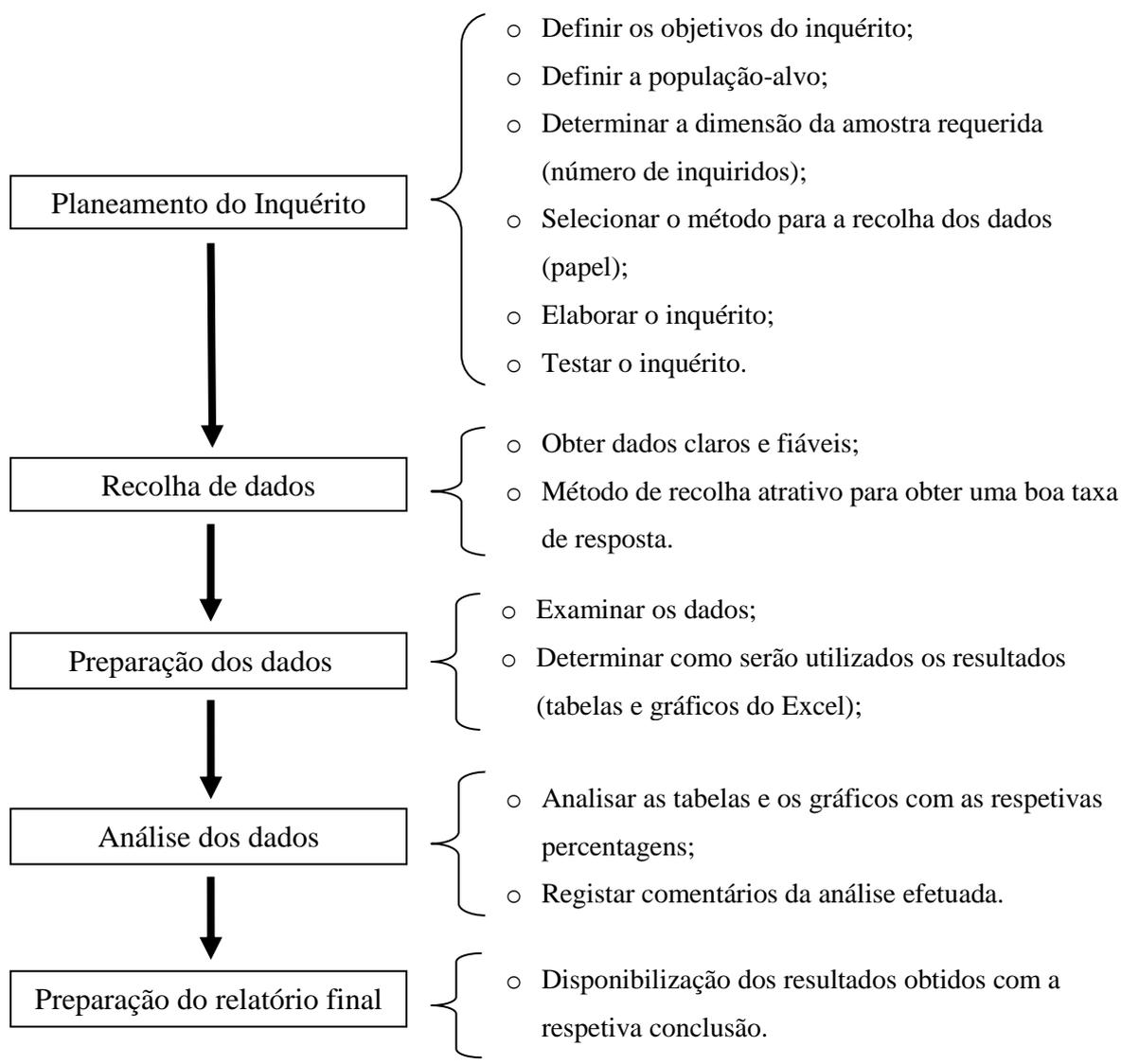
Este inquérito foi posto, então, em prática após estarem reunidas todas as autorizações necessárias. Primeiramente, foi aplicado na turma A, numa aula de HGP da professora Lurdes Belo, no dia 14 de maio de 2012. Depois foi aplicado na Turma B numa aula de Matemática da professora Maria João Passos, também em maio de 2012, aproveitando a folga que os alunos levavam em relação à matéria.

Na altura em que os inquéritos foram aplicados, já as duas turmas em causa haviam estudado nas aulas a matéria que foi testada no inquérito, “O 25 de abril e o Regime Democrático”. No caso da turma A, turma na qual realizei o meu estágio, essa matéria foi dada por mim e os alunos demonstraram, através da sua participação positiva nas aulas e

⁷ É também necessário redobrar a atenção ao formular questões de natureza pessoal, ou que abordem assuntos delicados ou incómodos para o inquirido. IDEM, *ibidem*.

da sua curiosidade, vontade de aprender e simultaneamente conhecimento adquirido de aula para aula.

Contudo, existem também alguns inconvenientes na aplicação deste tipo de inquéritos. Para começar, depende da motivação, honestidade e da capacidade de resposta de quem a eles responde. Por sua vez, o processo de elaboração e testagem de itens é muito moroso e a taxa de não-respostas é elevada, bem como as respostas de pouca fiabilidade. É também difícil ter a certeza se os inquiridos estão a responder realmente aquilo que sentem, ou se estão apenas a responder para corresponder a determinadas expectativas de quem aplica o inquérito⁸. Seguidamente, apresento os passos pelos quais se processou o meu inquérito.



⁸ AMARO, Ana et al. – *A arte de fazer questionários*. o.c. p. 8.

O inquérito, numa primeira parte, é constituído pelos dados pessoais dos alunos, o seu quadro familiar, a vida escolar e os hábitos de estudo e leitura, estando envolvidos 34 alunos de duas turmas (turma A e B) do 6.º ano de escolaridade.

Na primeira questão deste inquérito, eram solicitados alguns dados pessoais dos alunos, como a sua data de nascimento, sexo, naturalidade e local de residência, com referência ao concelho e à freguesia. No que toca ao ano de nascimento, dado de grande relevância para ter uma maior perceção sobre as respostas dadas pelos inquiridos, 30 destes alunos nasceram no ano de 2000, tendo 11 ou 12 anos completos aquando da aplicação deste inquérito. Os restantes (4 alunos) nasceram no ano de 1999, sendo três do sexo masculino e um do sexo feminino. Alguns destes 4 alunos são repetentes ou requerem de NEE. O sexo dominante é o feminino, com 18 dos inquiridos pertencentes a este sexo, e 16 do sexo masculino. As duas turmas encontram-se bastante equilibradas quanto ao número de elementos e ao sexo. No entanto, destaca-se a turma B pelos níveis atingidos ao longo dos períodos.

Relativamente à naturalidade dos inquiridos, a maioria dos alunos pertence ao concelho de Viana do Castelo, com 85.3% a serem naturais deste concelho, seguindo-se o concelho de Esposende com 5.9%. Por fim, e com a mesma equivalência, 2.9%, Paris, Reims (ambos em França) e Faro. Quanto à freguesia de onde são naturais, Chafé predomina com 41.2% dos inquiridos, 20.6% são naturais da freguesia de “*Santiago*”, os restantes são naturais de freguesias muito próximas. Quanto ao local de residência destes alunos, destaca-se novamente o concelho de Viana do Castelo com 94.1% de inquiridos a residir neste concelho, encontrando-se apenas dois casos isolados, pertencentes ao concelho de Esposende, mais concretamente à freguesia de S. Paio de Antas. A freguesia de Chafé destaca-se novamente como local de residência dos inquiridos, com 44.1% dos inquiridos a residirem nesta freguesia do concelho de Viana do Castelo. Seguem-se as freguesias de “*Santiago*” e S. Romão do Neiva com exatamente o mesmo número de alunos a residir nestas freguesias, correspondendo a 23.5%. Os restantes alunos moram relativamente perto destas freguesias. Um dos inquiridos do sexo masculino não indicou qual era a sua freguesia de residência.

Na segunda questão desta primeira parte os alunos referem com quem residem, a idade dos elementos que com eles habitam e a profissão e as habilitações literárias respetivas. A

totalidade dos alunos (100%) vive com a mãe. Já o mesmo não acontece em relação ao pai, pois 85.3% dos alunos residem com os dois progenitores e 14.7% dos alunos não têm o pai a viver consigo. No entanto, nem todos os alunos têm irmãos, sendo portanto filhos únicos. Isto sucede em 10 casos, são três do sexo masculino e sete do sexo feminino. Dos 34 alunos inquiridos, 10 afirmam que não têm irmãos, o que corresponde a 29.4% dos inquiridos. 29.4% é também a percentagem de alunos que afirma ter apenas 1 irmão, ou seja, 10 alunos. Já aqueles que afirmam ter apenas 1 irmã são 7 alunos, o que corresponde a aproximadamente 20.6% dos alunos inquiridos. Há também casos de alunos que têm mais que um irmão ou irmã, ou mesmo ambos. Esses alunos são 7, o que representa também 20.6% dos inquiridos. Mas nem só de pais e irmãos é constituído o agregado familiar dos alunos inquiridos. Tios, tias, avós paternos, avós maternos surgem também com algum destaque no questionário em causa. 5.9% dos alunos afirma morar com outra pessoa em casa que não os parentescos atrás referidos, podendo ou não, essa mesma pessoa, fazer parte da família. A idade média do pai dos alunos inquiridos ronda os 42.3 anos e a da mãe os 40.0 anos. Dois dos alunos não indicaram a idade dos seus progenitores. Quando questionados acerca das profissões dos seus progenitores, a profissão do pai mais mencionada é de trabalhador da construção civil, com oito alunos a referirem que o seu pai exerce esta profissão, seguindo-se profissões como camionista, soldador, carpinteiro ou até mesmo sem profissão, ou seja desempregado. Como podemos verificar no gráfico seguinte, os pais dos alunos apresentam profissões variadas e que não exigem muitas habilitações literárias.

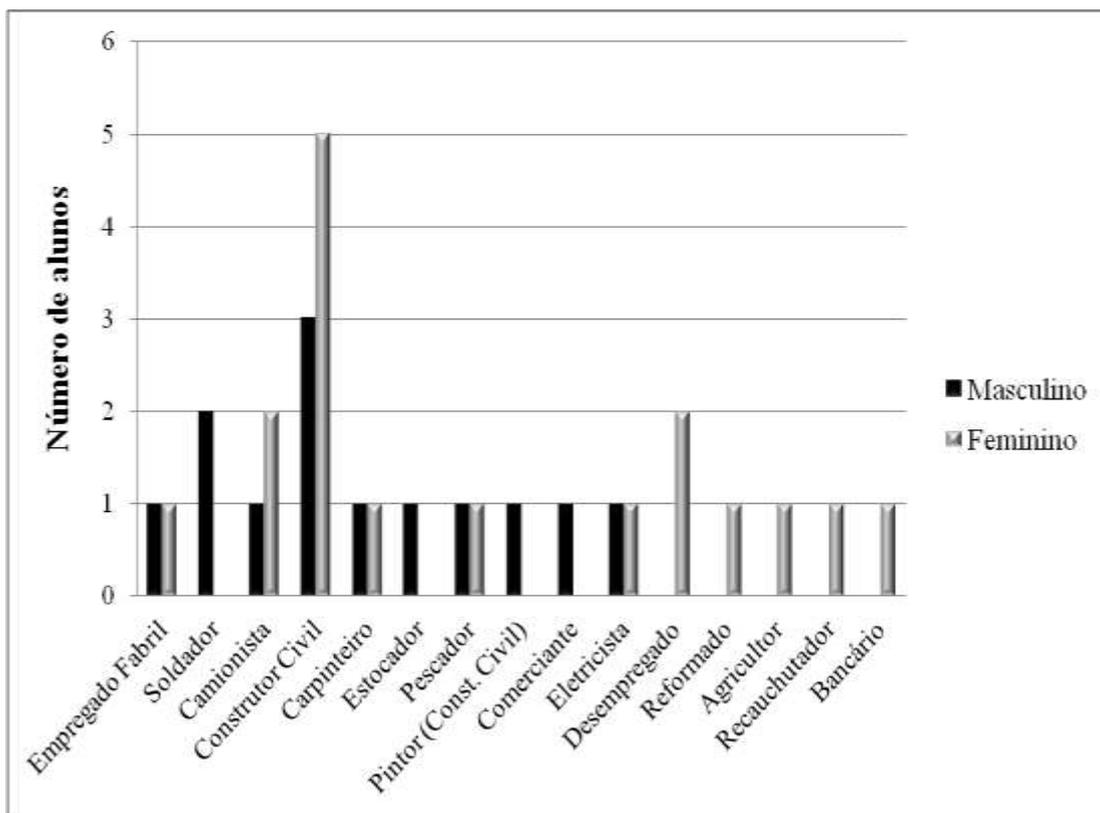


Figura 2 – Atividades profissionais dos progenitores à data da realização do inquérito.

Em relação à profissão exercida pela mãe dos alunos inquiridos, infelizmente, a situação laboral mais mencionada pelos alunos é a de desempregada, com sete alunos a referirem que a sua mãe se encontra nesta situação. Destaca-se também a profissão de empregada fabril (6). Todas as outras profissões mencionadas aparecem em menor número e bastante mais repartidas. É de referir que em 34 alunos inquiridos, 2 têm ambos os progenitores no desemprego, 1 aluna tem o seu pai reformado e a sua mãe desempregada e existe ainda o caso de uma aluna que vive sozinha com a mãe, que está no desemprego.

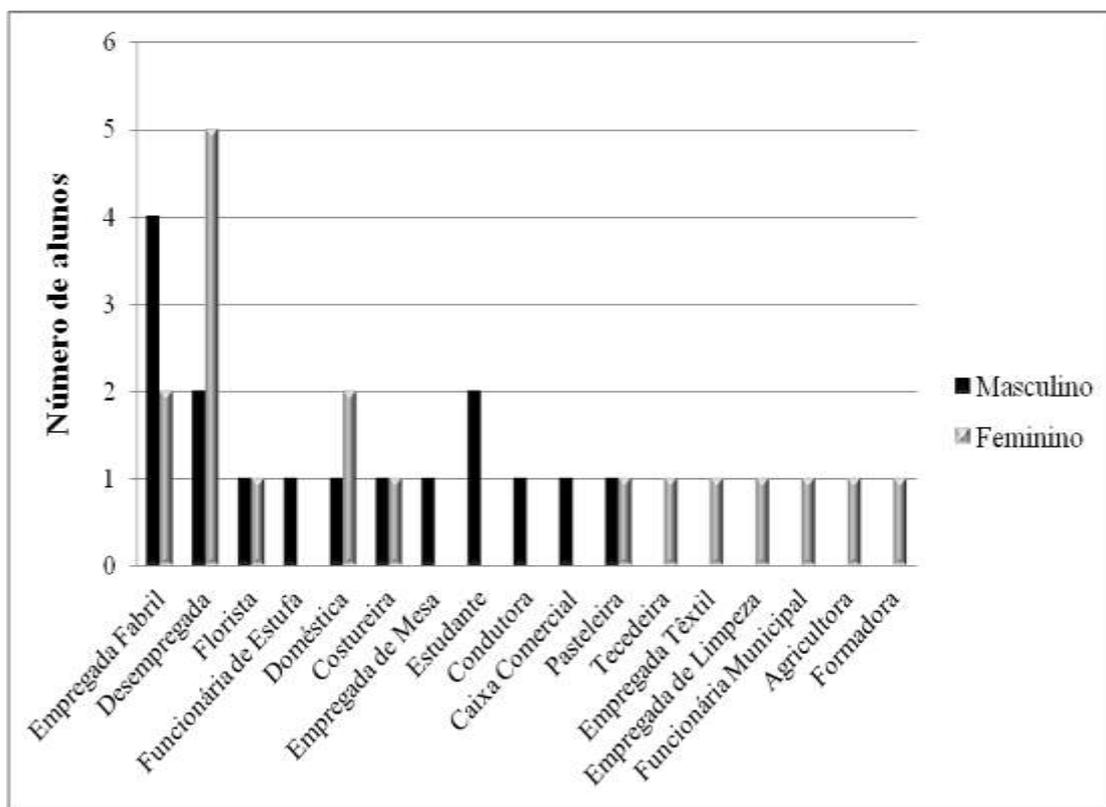


Figura 3 – Atividades profissionais das mães dos alunos exercidas até à data da realização do inquérito.

Quanto às habilitações literárias dos pais dos alunos, como era frequente em gerações anteriores à minha, poucos foram os que levaram avante os estudos e que atingiram elevados níveis escolares. Consequentemente, o grau literário dominante entre os progenitores é o 6.º ano de escolaridade. 42% destes (12 pais e 9 mães) completaram o 2.º ciclo, seguindo-se o 12ºano com 18% (de realçar o facto de dos 9 progenitores que concluíram o 12.º ano, 7 serem mães). Em menor número, concluíram apenas o 4º ano de escolaridade 14% dos educandos, o 9.º ano 12%, o 8.º ano e o 11.º ano 4%, destacando-se com um número ainda mais reduzido, o 1.º ano e o 7.º ano, ambos com 2%. Apenas uma das mães (de entre pais e mães) dos 34 alunos concluiu uma licenciatura. De salientar o facto de 8 dos alunos nada terem colocado acerca das habilitações literárias dos seus pais.

Na terceira questão, relativa ainda à primeira parte, uma vez que esta era composta por 4 questões, os alunos eram questionados acerca da vida escolar, um assunto bastante pertinente, pois nem todos gostam da escola. Daí as dificuldades acrescidas que muitos apresentam ao longo dos anos escolares. Primeiramente, foram questionados se gostavam da escola. A maioria das respostas foi bastante positiva, com 94.1% dos inquiridos a

responder afirmativamente à questão colocada, contra 5.9% que responderam negativamente, o que corresponde a 2 alunos (ambos do sexo masculino). Os alunos que responderam afirmativamente tinham de justificar a sua resposta. Apesar de ter sido pedido para selecionarem apenas uma das 5 opções, alguns selecionaram uma ou mais opções, como sendo as suas prediletas. Gostar de estar com os amigos é para muitos dos inquiridos a principal razão que os levanta da cama para irem à escola, em detrimento da vontade de aprender. No gráfico abaixo, é possível observar as escolhas dos alunos. É-me possível concluir que apenas 18.6% dos alunos, num total de 34 (ou 100%), gosta de ir à escola para aprender e ao mesmo tempo gosta de estudar. Um dos alunos do sexo masculino refere-se como sendo obrigado pelos pais, o que é bastante negativo, pois os alunos, atualmente, têm de completar escolaridade obrigatória até ao 12.º ano.

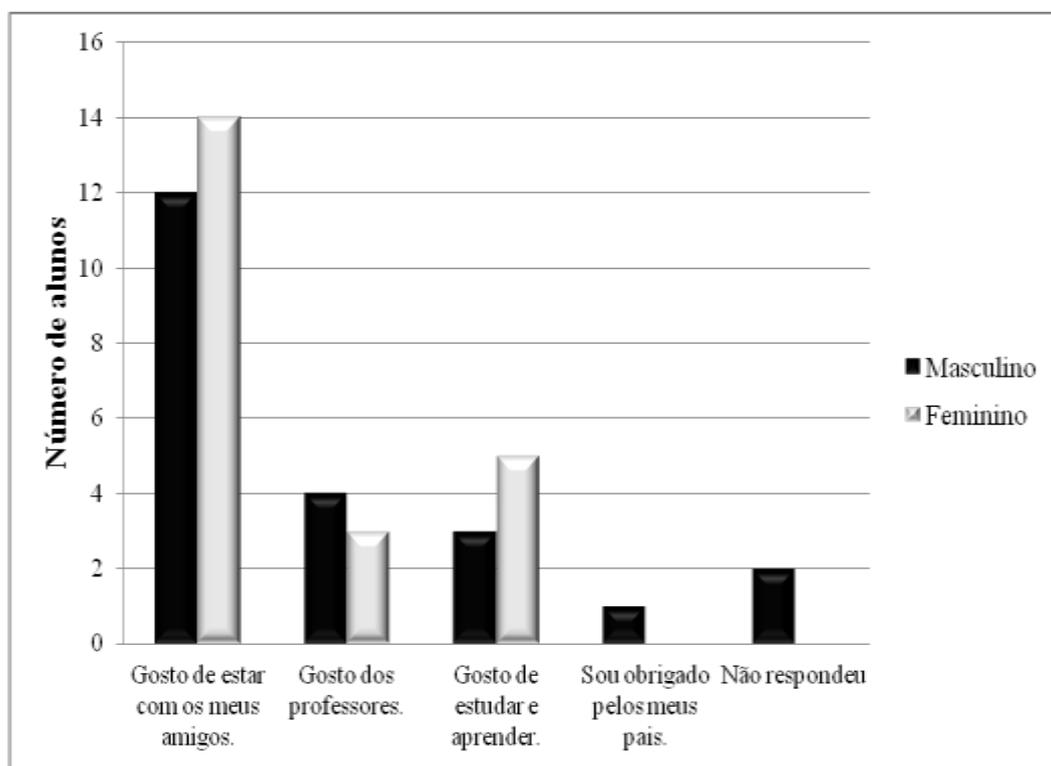


Figura 4 – Motivos pelos quais os alunos gostam da escola (por sexo).

Quanto à frequência do ensino pré-primário, 94.1% responde afirmativamente. 5.9% não deu qualquer tipo de resposta acerca da sua frequência no ensino pré-primário. Como anteriormente foi referido, quando foram questionados acerca da data de nascimento, tendo eu dado mais importância ao ano, verifiquei que 4 deles eram repetentes. Quando questionados sobre essa questão, 70.6% responderam negativamente.

20.6% não responderam, por distração na leitura da questão ou por má interpretação da mesma, tendo apenas 8.8% respondido afirmativamente, o que equivale a apenas 3 alunos. Uma aluna que já havia reprovado não deu qualquer tipo de resposta e, por isso, apenas 3 alunos do sexo masculino indicaram os anos em que tinham sido retidos, 2 deles no 2.º ano e 1 deles no 6.º ano de escolaridade.

O apoio pedagógico, que deve ser dado pelo professor da disciplina a que o aluno apresenta dificuldades, é cada vez mais procurado pelos alunos, pois sentem dificuldades nas matérias lecionadas nas aulas. Apesar destas dificuldades serem sentidas por parte dos professores e refletidas na classificação final dos alunos, apenas 20.6% alunos é que afirmam frequentar o apoio, enquanto 23.5% destes não deu qualquer tipo de resposta e 55.9% dos alunos não tem qualquer tipo de apoio, como nos indica o gráfico abaixo. As disciplinas em que pedem mais apoio são as quatro principais: Matemática, Língua Portuguesa, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal.

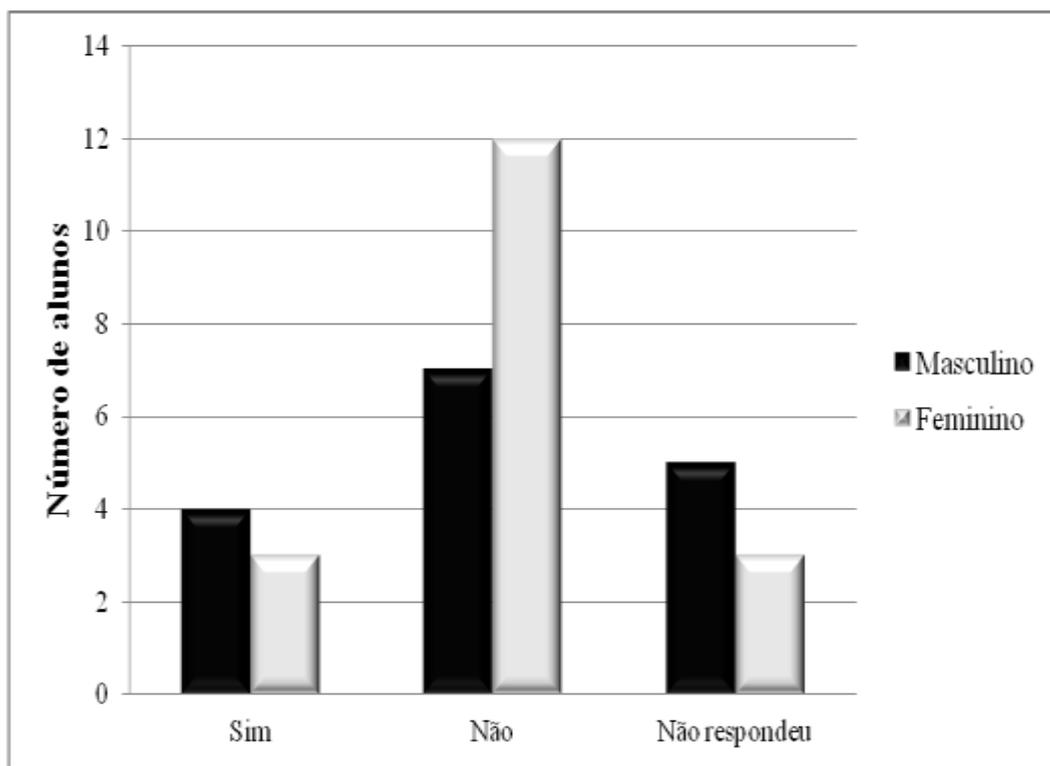


Figura 5 – Alunos com apoio pedagógico (por sexo).

Por último, dentro da vida escolar dos alunos é importante verificar o meio de transporte que utilizam no seu percurso casa → escola, escola → casa. O transporte mais utilizado é o autocarro. Este transporte pode não ser o mais favorável devido ao tempo que

pode demorar no trajeto, por causa das inúmeras paragens que tem que efetuar para recolher e deixar alunos. Pode tornar-se cansativo se a viagem for longa, e sendo um autocarro escolar, transporta um elevado número de alunos, fazendo alguns a viagem de pé. No entanto, é o transporte mais em conta para todos aqueles que não têm a possibilidade de levar os seus filhos à escola. São poucos os casos em que os pais ou outros parentes têm a disponibilidade de levar os alunos à escola, verificando-se que apenas um aluno se desloca a pé para a escola, possivelmente porque mora perto desta.

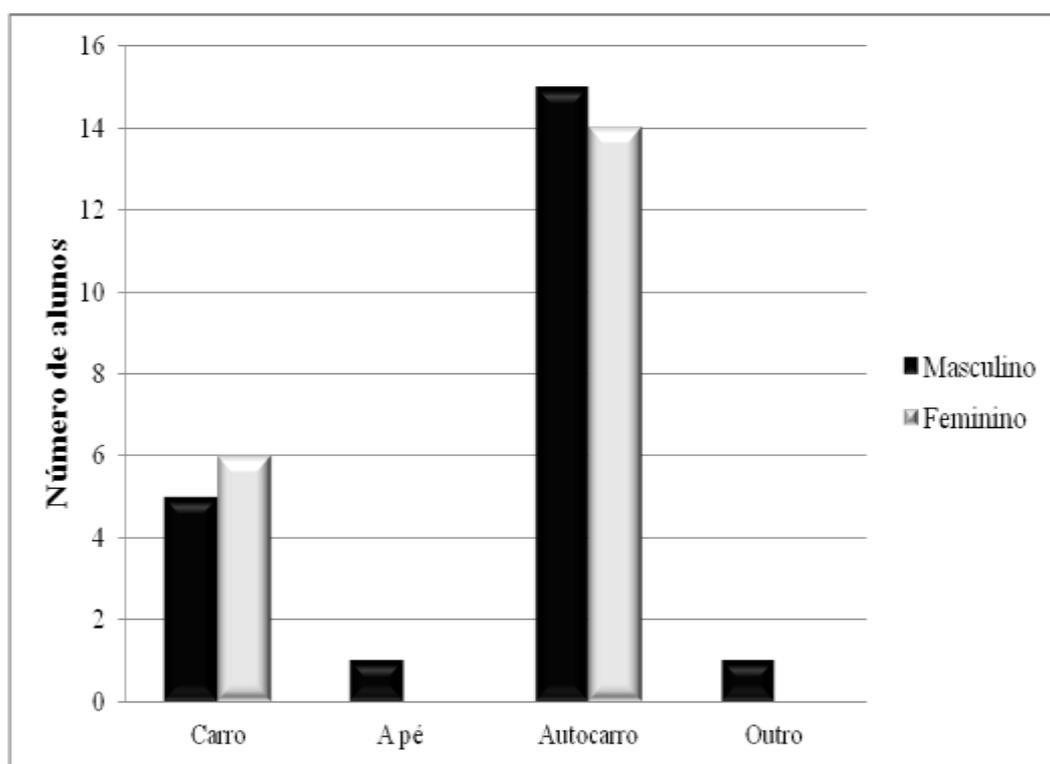


Figura 6 – Transporte mais utilizado pelos alunos para se deslocarem para a escola (por sexo).

Entrando na última questão da primeira parte do meu inquérito, vamos analisar os hábitos de estudo e leitura dos alunos. Como primeira intervenção, inquiri acerca da frequência com que os alunos estudavam. As respostas obtidas foram bastante positivas, uma vez que 58.8% destes responderam que estudavam diariamente, o que é satisfatório. No entanto, 5.9% dos alunos referiram que o fazem 1 vez por semana ou na véspera dos testes (cada uma das opções com 5.9%). Por sua vez, um aluno refere que só estuda raramente. Este desinteresse em relação ao estudo, que alguns alunos apresentam, é fruto

muitas das vezes da falta de motivação para estudar que encontram em suas casas, com os seus pais e familiares, pouco preocupados com o percurso acadêmico do aluno.

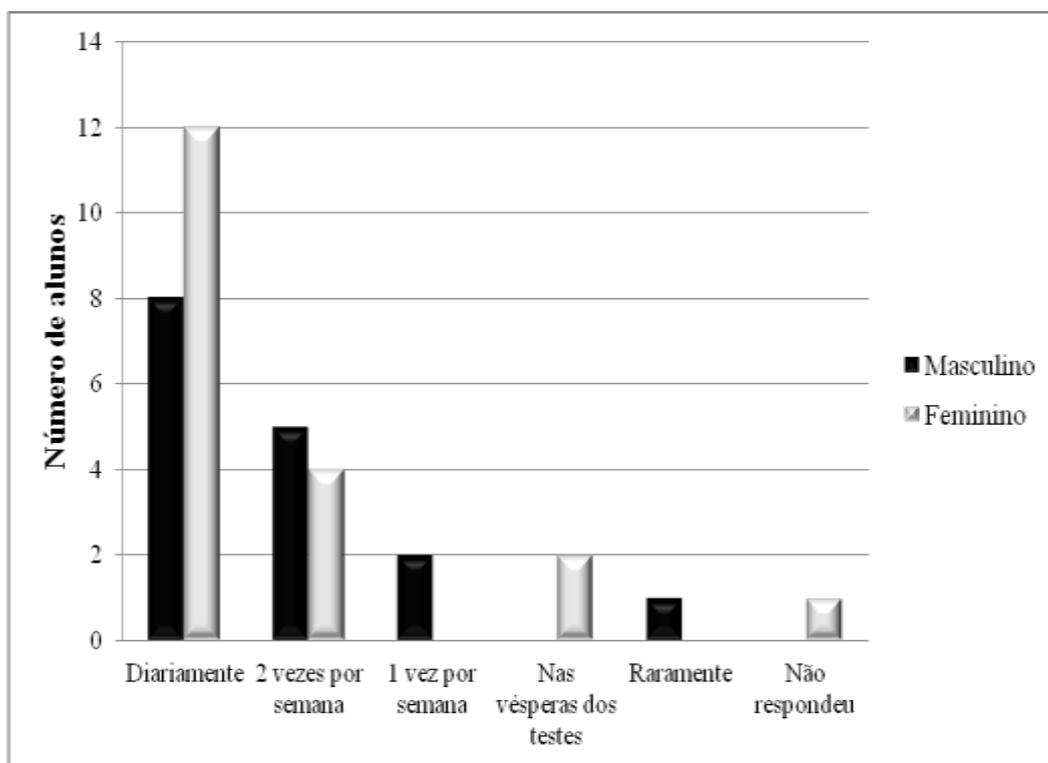


Figura 7 – Frequência com que os alunos estudam (por sexo).

Com as dificuldades acrescidas que estes têm em algumas das matérias lecionadas, muitas vezes precisam de alguém que os ajude no estudo, ou numa dúvida que tenha surgido, tendo sido afirmado por 70.6% dos inquiridos que requerem ajuda durante o seu estudo. 29.4% destes diz não necessitar de qualquer ajuda. Como tem vindo a acontecer neste tipo de questões, os alunos mencionaram quem os ajudava nos estudos, sendo as suas respostas variadas: a mãe, o pai, o irmão (ã), o primo (a), explicadora ou a filha da ama. Na maioria dos casos, são os irmãos que os ajudam neste tipo de tarefas, pois a habilitação literária que os pais possuem, não permite ajudar o seu educando.

A questão seguinte é de enorme importância, pois nem sempre o local de estudo escolhido pelos alunos é o mais apropriado e uma má escolha deste local pode influenciar o seu estudo. 43.1% dos inquiridos elege o quarto como local de estudo. Este deve ser calmo e não conter objetos passíveis de causar distração e devem ter uma boa luminosidade.

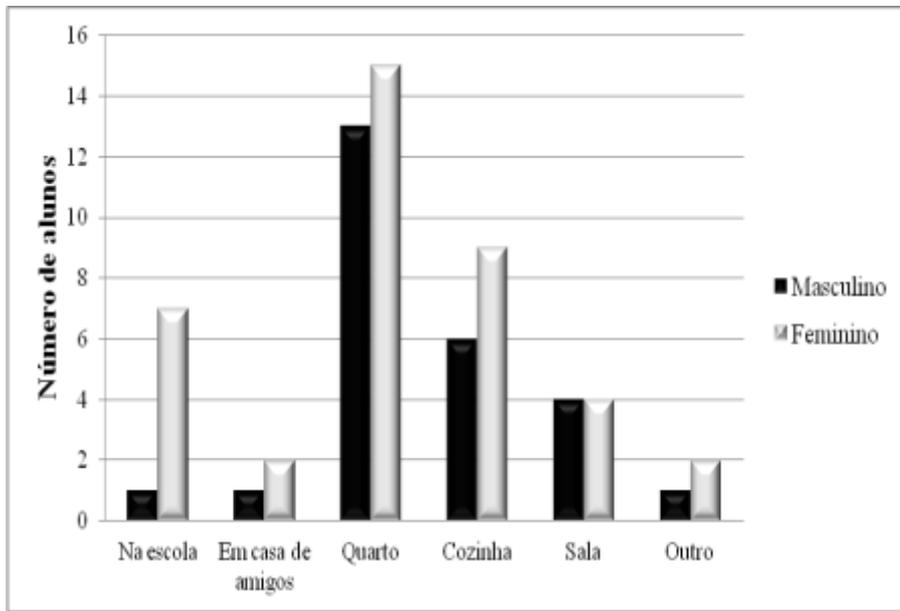


Figura 8 – Local onde os alunos estudam frequentemente (por sexo).

São poucos os alunos que não conversam em casa sobre a escola, como comprova a questão que foi lançada sobre este assunto. Analisando a questão, 11.8% dos alunos não falam em casa sobre a escola, o que corresponde a um total de 4 alunos (3 deles do sexo masculino e 1 do sexo feminino) e, comparando com a resposta dada na questão seguinte, que apenas um dos inquiridos não respondeu, os restantes responderam que conversavam sobre a escola todos os dias (grande maioria dos inquiridos), ao fim de semana, quando têm testes ou quando têm boas notas. Em suma, alguns dos inquiridos não respondeu a esta questão de forma consciente ou fez uma má interpretação, pois se fala em casa quando recebe testes ou tem boas notas, fala, com certeza, da escola, com uma menor frequência do que aquela que deve ser feita.

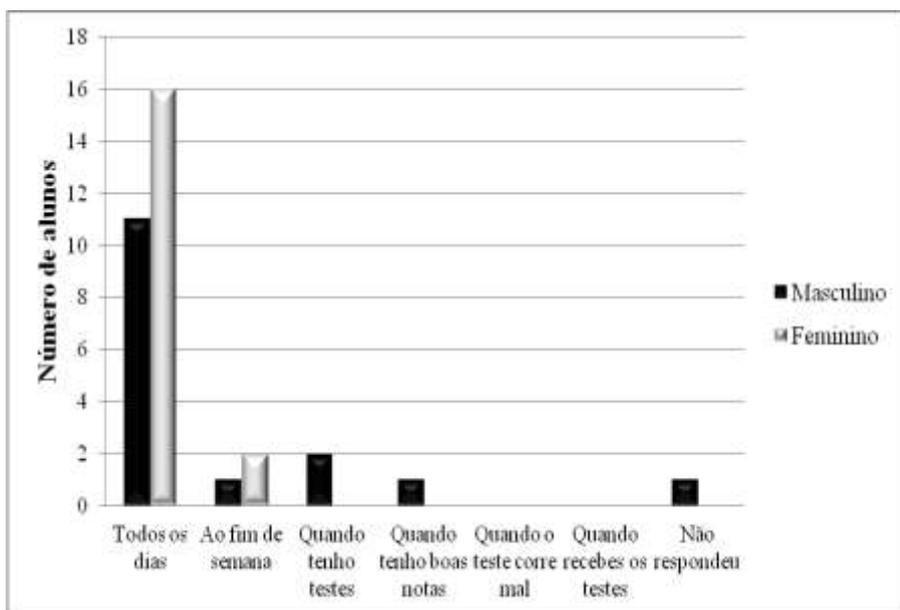


Figura 9 – Frequência com que os alunos conversam em casa sobre a escola (por sexo).

Seguidamente, estes foram questionados acerca dos seus hábitos de leitura, pois muitos dos alunos não leem nenhum livro para além do manual. Neste caso, isso não se verifica, pois 94.1% respondeu de forma positiva, respondendo que lê livros para além dos manuais escolares. No entanto, 5.9% não lê qualquer tipo de livro. Aqueles que responderam afirmativamente tinham de indicar o local de leitura escolhido. O local onde, preferencialmente, os alunos costumam ler os seus livros é em casa, uma vez que todos os inquiridos elegeram esse local, apesar de terem selecionado também outros locais como opção.

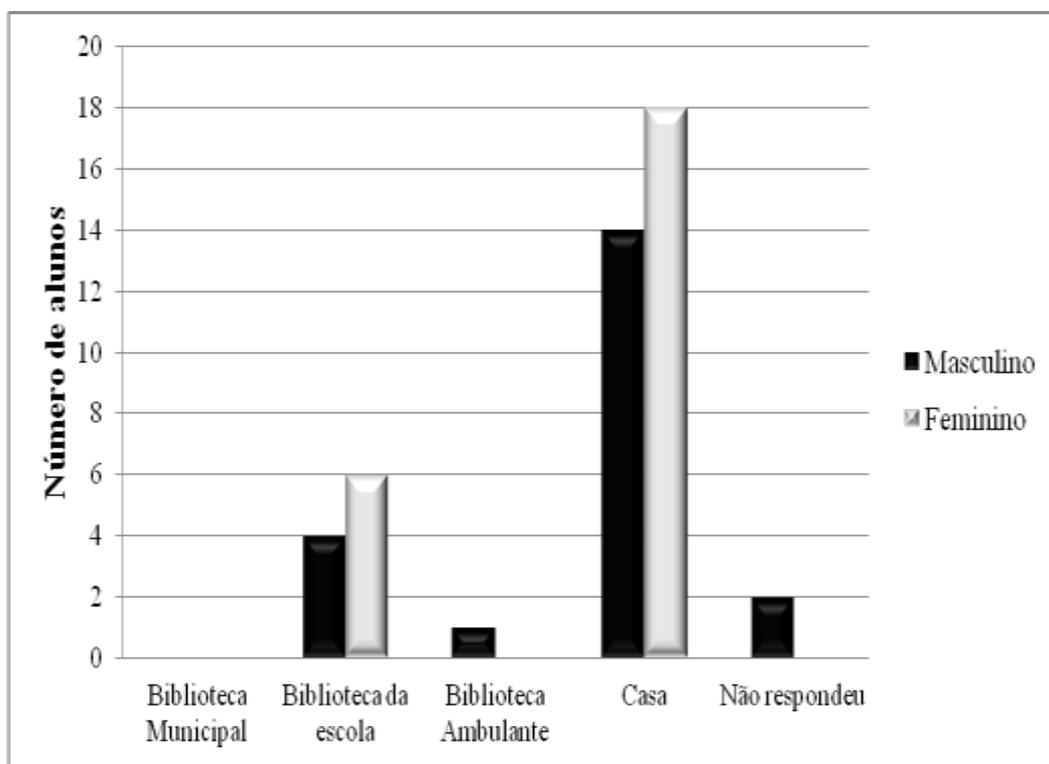


Figura 10 – Locais de leitura eleitos pelos alunos (por sexo).

De seguida, os inquiridos foram questionados se possuíam livros de leitura em casa. Mais uma vez as respostas foram afirmativas, com 97.1% a afirmarem que têm livros em sua casa. 2.9% respondem que na sua casa não existe qualquer livro para além dos manuais escolares. Por último, e para finalizar esta primeira parte do inquérito, deveriam mencionar que quantidade de livros tinham em sua casa. 58.8% afirmam que possui mais de 10 livros em casa e uma percentagem mais reduzida, 20.6%, afirma que possui mais de 50.

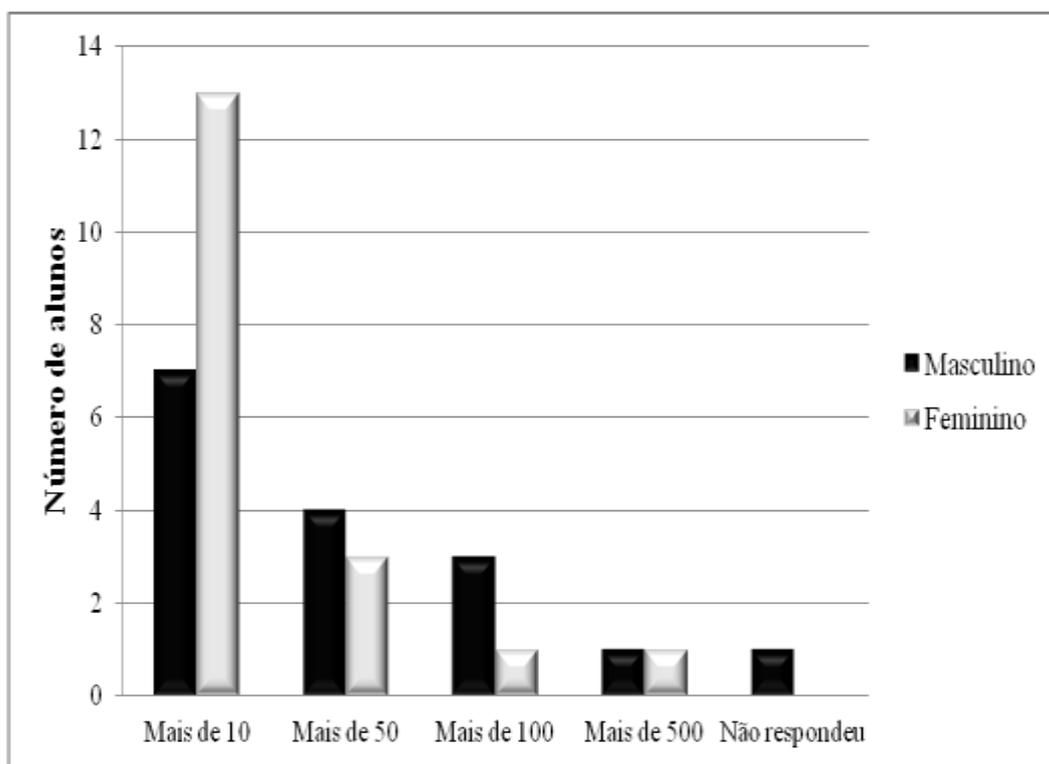


Figura 11 – Estimativa da quantidade de livros que cada aluno possui em casa (por sexo).

A segunda parte do inquérito era constituída por variados exercícios acerca da ditadura e do 25 de abril. Esta parte irá fundamentar o meu relatório final e assim mostrar em que medida é que os alunos estão por dentro da matéria, lecionada este ano letivo por mim. Nestes exercícios, um grupo de alunos evidenciaram algumas dificuldades.

Esta parte era igualmente constituída por 4 questões, todas diferentes e que requeriam conhecimentos sobre o 25 de abril de 1974. A primeira questão, desta segunda parte, era constituída por um quadro com várias personalidades ligadas ou não à ditadura ou democracia. Cada inquirido, tinha de dizer se a personalidade estava ligada, de alguma maneira, à ditadura ou à democracia ou a nenhuma das duas, colocando um X na resposta correta. De maneira a obter uma análise mais rigorosa, dividi as duas partes. Numa primeira parte vou analisar as respostas dadas na coluna da ditadura e, numa segunda parte, vou analisar as respostas dadas na coluna referente à democracia.

Nesta primeira parte, estão presentes personalidades relacionadas com a ditadura: Américo Tomás, Marcello Caetano e Salazar. Como podemos observar através do gráfico, todos os alunos colocaram um X em todas as personalidades. No entanto, os alunos estiveram bem, uma vez que as personalidades mais assinaladas foram as que deveriam ser, ou seja, Américo Tomás (presidente da República durante o Estado Novo), Marcello

Caetano e Salazar. Se não vejamos, 88.2% dos alunos inquiridos assinalaram Salazar, 73.5% Américo Tomás e 70.6% Marcello Caetano, fazendo destas, então, as personalidades mais destacadas.

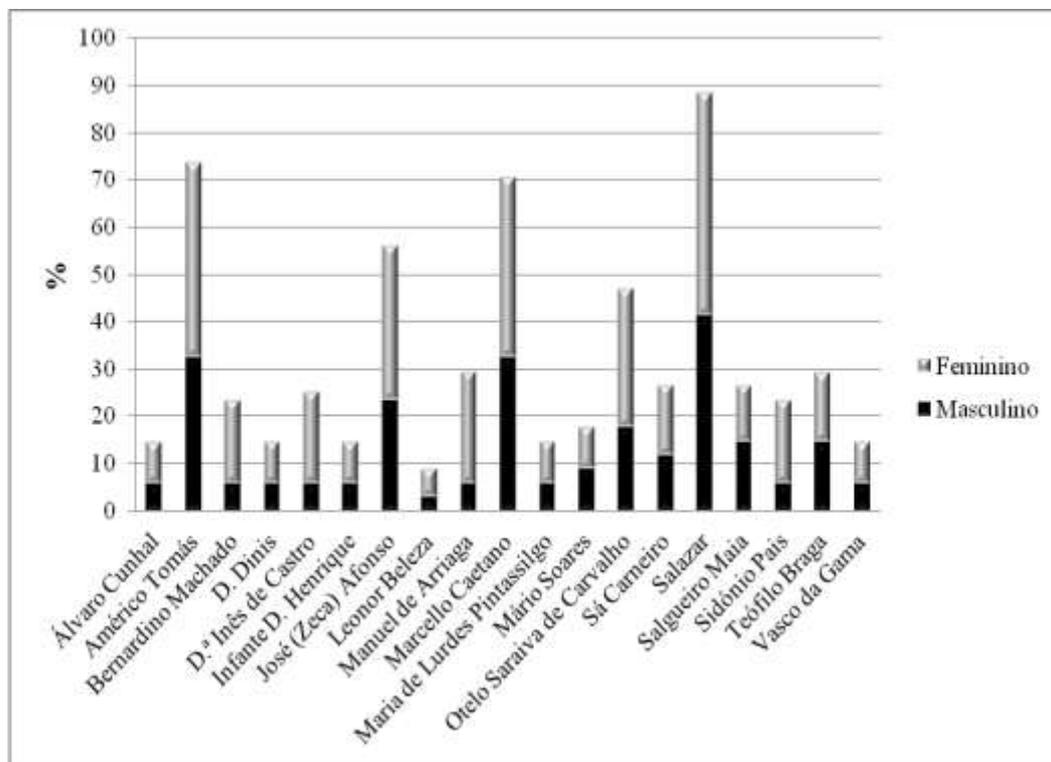


Figura 12 – Respostas dadas pelos alunos relativamente às personalidades que eles acham que estiveram ligadas à ditadura (por sexo).

Com base nas mesmas personalidades, os alunos (no inquérito) tiveram que, depois, assinalar aquelas que, no seu entender e baseados em conhecimentos já adquiridos nas aulas de História e Geografia de Portugal, estão conotadas com a Democracia que se instaurou em Portugal após o 25 de abril de 1974, fazendo também parte desse leque aquelas personalidades que, de alguma forma, contribuíram ou tiveram um papel ativo para o fim da ditadura em Portugal. Apesar de, na generalidade, as figuras ligadas à democracia terem sido destacadas pelos alunos inquiridos, principalmente algumas das mais mediáticas como Mário Soares, Salgueiro Maia, Otelo Saraiva de Carvalho ou Zeca Afonso, outras há, igualmente mediáticas como Sá Carneiro ou Álvaro Cunhal, que não gozam do mesmo reconhecimento por parte dos alunos inquiridos. 58.8% dos alunos reconhecem Mário Soares como uma das figuras da Democracia em Portugal, o que ainda assim é um valor bastante baixo para ser a figura relacionada com a Democracia mais destacada entre os

inquiridos. Para além de Mário Soares, só Salgueiro Maia obteve uma percentagem superior a 50%, tendo sido reconhecido por 55.9% dos alunos como uma das principais figuras da Democracia portuguesa, o que é manifestamente pouco para um dos homens que liderou a revolução de abril. O mesmo acontece com Otelo Saraiva de Carvalho. Neste caso, não atinge sequer a percentagem de 50%, o que significa que menos de metade da população-alvo, só 47.1%, o reconhece como um dos símbolos da democracia. Um pouco atrás surge o cantor José (Zeca) Afonso, com 44.1% do total dos inquiridos a conotá-lo com a democracia.

Não deixa de ser curioso que personalidades tão diferentes como Vasco da Gama, D. Dinis, Infante D. Henrique ou D.^a Inês de Castro sejam assinalados por alguns alunos como pertencentes à Democracia, o que demonstra uma total falta de conhecimentos, como se pode constatar no gráfico a seguir. Até António de Oliveira Salazar, um dos mais reconhecidos ditadores a nível europeu, surge com 5.9%.

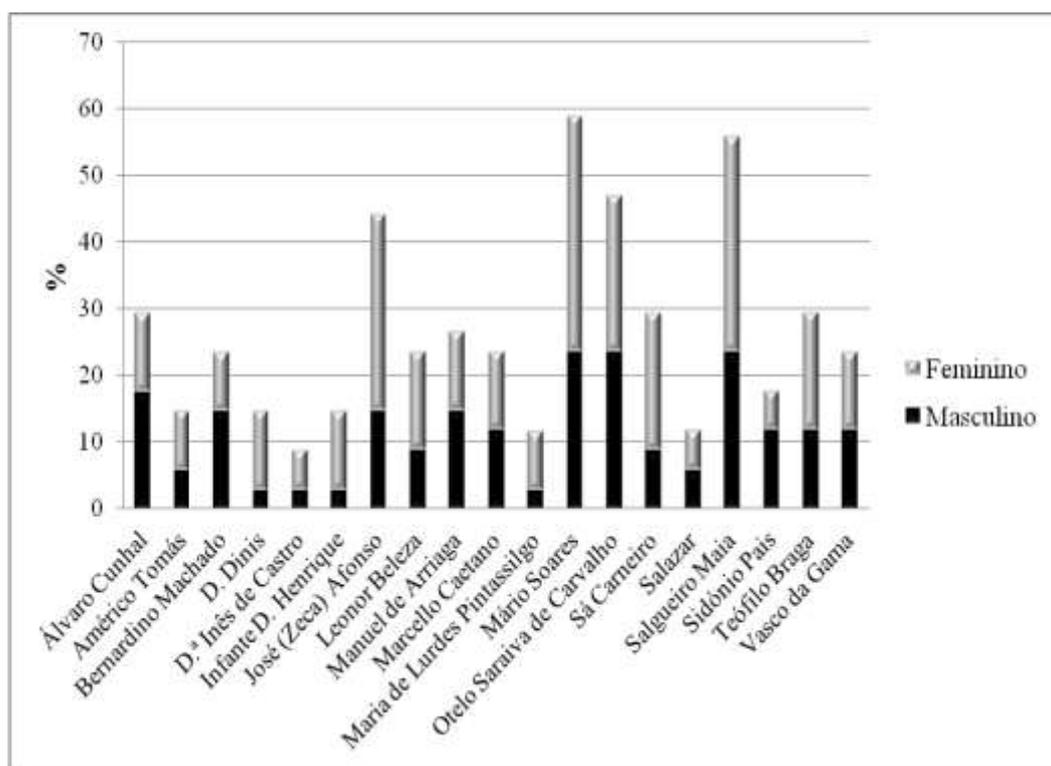


Figura 13 – Respostas dadas pelos alunos relativamente às personalidades que eles acham que estiveram ligadas à democracia (por sexo).

No inquérito pedia também para os alunos identificarem, da lista de personalidades, aquelas que não estavam de qualquer forma ligadas ao período da ditadura nem à

democracia. Neste campo específico destacam-se, acima de todas, três personalidades. Uma delas é Maria de Lurdes Pintassilgo, cujo nome foi mencionado por 73.5% dos alunos como não estando ligada a nenhum dos momentos atrás referidos, o que acaba por ser falso, uma vez que exerceu funções de Primeira-Ministra e, só por isso, está intrinsecamente ligada à democracia portuguesa. D.^a Inês de Castro possui a mesma percentagem (73.5%). Neste caso é bem mais acertado, já que esta personalidade nada tem a ver com nenhum dos dois períodos. Por outro lado, Salazar destaca-se por não ter sido referido por nenhum dos 34 alunos, o que faz com que obtenha uma percentagem de 0%, o que quer dizer que os alunos tinham a plena consciência de que Salazar está relacionado com a ditadura e alguns também acham que ele está ligado à democracia. Não existe mais nenhuma personalidade que não tenha sido referida por nenhum aluno. Daqui podemos concluir que António de Oliveira Salazar é aquela personalidade que mais se destaca de entre as demais e aquela que é mais facilmente reconhecida pelos alunos.

Na segunda questão da segunda parte do inquérito era pedido aos alunos que estabelecessem uma ligação entre um determinado acontecimento e o ano em que o mesmo ocorreu. De seguida, será apresentada a tabela que foi fornecida aos inquiridos, já com a opção correta assinalada na coluna relativa ao “Número”. A coluna “Número” surge a seguir à coluna que contém os anos em que os acontecimentos mencionados na primeira coluna ocorreram. Porém, a sua ordem está (na maior parte dos casos) trocada. Para isso, a seguir a cada ano, aparece o número que corresponde ao número do acontecimento que está expresso na primeira coluna. Eis a tabela:

<u>Acontecimentos</u>	<u>Datas</u>	<u>Número</u>
1 – Início do Estado Novo, com a aprovação da nova Constituição.	1933	1
2 – Angola torna-se oficialmente independente.	1958	7
3 – Salazar é substituído por Marcello Caetano.	1961	5
4 – Mário Soares e outros fundam, na Alemanha, o Partido Socialista.	1968	3
5 – Início da Guerra Colonial.	1973	4
6 – Revolução que pôs fim à ditadura.	1974	6
7 – Humberto Delgado candidata-se às eleições presidenciais.	1975	2
8 – Foi aprovada a primeira constituição após o 25 de Abril.	1976	8

Com este exercício pretendia-se que os alunos inquiridos pusessem em prática alguns dos conhecimentos que adquiriram ao longo das aulas de HGP ou revelassem cultura geral, visto que alguns destes acontecimentos são do conhecimento geral. Contudo, os resultados obtidos pelos alunos inquiridos neste exercício não foram os mais desejáveis. Existem alguns fatores que podem explicar estes resultados aquém daquilo que era esperado. Desde logo, a falta de concentração dos alunos proveniente do facto de estarem entusiasmados por realizarem o inquérito, que provocou alguma excitação já que a aula estava a fugir aos padrões normais. A má interpretação, por parte dos alunos, do que era pedido nas questões do inquérito pode também ajudar a explicar estes resultados. No entanto, aquele que me parece ser o principal fator justificativo destes resultados é a falta de estudo dos alunos, uma vez que não fizeram teste acerca desta matéria, elaborando apenas um trabalho acerca da revolução de 25 de abril de 1974.

Como se pode observar através da análise do gráfico abaixo, dos 8 acontecimentos selecionados para o exercício apenas a data em que 2 deles ocorreram reúne consenso entre os 34 inquiridos. São eles o “Início do Estado Novo com a elaboração da nova Constituição” (facto que ocorreu em 1933) e a “Revolução que pôs fim à ditadura” (ocorrida a 25 de abril de 1974). O ano em que aconteceram estes dois acontecimentos é sabido e reconhecido por 61.8% dos inquiridos, o que corresponde a 21 alunos, 8 do sexo masculino e 13 do sexo feminino no primeiro caso e 10 rapazes e 11 raparigas no que diz respeito ao segundo acontecimento mencionado. Já em relação aos outros 6 acontecimentos, nenhum deles consegue atingir os 50%, o que significa que a maioria (em alguns uma grande maioria) dos alunos inquiridos não sabe em que ano se passaram os mesmos.

A 11 de novembro de 1975 Angola torna-se num estado independente⁹, após quase 500 anos sob o domínio de Portugal. Apenas 26.5% dos alunos reconhecem o ano de 1975 como o ano em que Angola se tornou independente, curiosamente a mesma percentagem que acha que a independência deste país lusófono se deu em 1968. Todos os outros anos que constituíam possibilidade de resposta recolhem percentagens inferiores às anteriormente referidas, sendo que apenas o ano de 1973 não foi opção para nenhum dos inquiridos.

⁹ República de Angola: Portal Oficial do Governo de Angola. [Consultado a 15 de dezembro de 2012]. Disponível em: < <http://www.governo.gov.ao/Historia.aspx> >.

No início de setembro de 1968, António de Oliveira Salazar adoeceu, após sofrer um acidente, o que o impossibilitou de continuar a ser o chefe do governo, tendo sido substituído no cargo por Marcello Caetano.¹⁰ No acontecimento que tinha a ver com esta substituição de chefe de governo, os alunos voltaram a não corresponder, tendo apenas 2 alunos (1 rapaz e 1 rapariga) acertado no ano em que se processou esta mudança ou seja 1968, o que corresponde a 5.9% do total de alunos inquiridos. Neste caso particular, o ano que mais foi mencionado pelos alunos foi o ano anterior à revolução (1973), com 32.4% dos alunos (11 alunos) a tomarem-no como a opção que achavam mais acertada. Apenas 1933 não foi opção para nenhum dos inquiridos.

A 19 de abril de 1973 foi fundado o Partido Socialista Português na Alemanha, mais concretamente na cidade de Bad Münstereifel por militantes da Ação Socialista Portuguesa, entre os quais Mário Soares.¹¹ Apenas 14.7% dos alunos identificaram o ano de 1973 como sendo o ano da fundação do PS, o que corresponde a um total de 5 pessoas, não sendo o ano que teve mais respostas. Esse foi o de 1961 com 7 alunos a preferirem esta opção (20.6%). Todos os outros anos que podiam ser possíveis opções tiveram uma percentagem de escolha muito aproximada, com a exceção de 1933 que volta a não ser selecionado por nenhum dos inquiridos.

Em fevereiro de 1961, em Angola, os guerrilheiros do MPLA atacaram prisões, quartéis e a estação emissora de Luanda. No entanto, as autoridades da colónia conseguiram repelir os atacantes que se refugiaram no mato. Um sentimento de medo entre os colonos levou-os a matar muitos indígenas, enquanto outros fugiram para se juntar aos guerrilheiros. Teve aí início uma guerra de guerrilha que iria durar 13 anos, com vitórias e reveses de parte a parte. Estava, então, iniciada a Guerra Colonial.¹² Relativamente ao item “Início da Guerra Colonial”, os alunos voltaram a não mostrar conhecimento em relação ao ano em que a mesma se iniciou. Porém, o ano que o maior número de alunos escolheu foi o correto, ou seja 1961, com 6 alunos (2 do sexo masculino e 4 do sexo feminino), o que corresponde a 17.6% dos inquiridos. Igual percentagem obteve o ano de 1958, com 1 rapaz

¹⁰ OLIVEIRA, Ana et al. – *Novo História* 9. 1ª ed. Lisboa: Texto Editores, Lda., 2008.

¹¹ Não apaguem a memória!: movimento cívico. [Consultado a 18 de dezembro de 2012], disponível em: <<http://naoapaguemamemoria2.blogspot.pt/2007/04/fundao-do-partido-socialista-19041973.html>>.

¹² OLIVEIRA, Ana et al. – *Novo História* o.c.

e 5 raparigas a assinalarem este ano como a sua opção. Todas as outras opções foram selecionadas pelos alunos, não havendo, neste caso, nenhum ano que não tenha sido selecionado.

A candidatura do general Humberto Delgado em 1958 fez tremer o salazarismo, entusiasmando a população de todo o país. Contudo, os resultados oficiais apenas lhe atribuíram um quarto dos votos, enquanto o candidato Américo Tomás, apoiado por Salazar, foi declarado vencedor. Estas eleições foram consideradas fraudulentas por muitos observadores.¹³ Quando interpelados pela frase “Humberto Delgado candidata-se às eleições presidenciais”, (para disputá-las contra Américo Tomás, como anteriormente referido) apenas 5 alunos acertaram no ano das eleições (1958), o que equivale a 14.7%. 1968 e 1973 com 17.6% e 20.6%, respetivamente, têm assim um maior número de alunos que os consideram como o ano em que o “General sem medo” se candidatou às eleições presidenciais. Volta a não haver nenhuma opção “em branco”, o que significa que as respostas dos alunos foram repartidas por todas as hipóteses, neste caso em números bastante similares.

“Foi aprovada a 1.^a Constituição após o 25 de abril” era a última citação deste segundo exercício da segunda parte do inquérito. A primeira Constituição Democrática do pós-revolução foi aprovada a 2 de abril de 1976 e entrou em vigor no dia 25 desse mesmo mês.¹⁴ Neste caso, e apesar de não haver uma resposta maioritária por parte dos alunos, é notória uma tendência para a resposta certa, uma vez que 15 dos 34 inquiridos (7 do sexo masculino e 8 do sexo feminino) optaram pelo ano de 1976 o que resulta nuns esclarecedores 44.1%. 1975 foi a segunda resposta mais escolhida com 17.1% dos alunos (6) a optarem pela mesma, enquanto 4 alunos escolheram o exato ano da revolução (1974). Os restantes 9 alunos optaram por anos anteriores a 1974, o que acaba por ser incompreensível, já que ainda não tinha acontecido a revolução. 1933 foi, das opções, o único ano em que nenhum dos inquiridos achou ter sido aprovada a 1.^a constituição posterior ao 25 de abril.

¹³ IDEM

¹⁴ IDEM, Ibidem

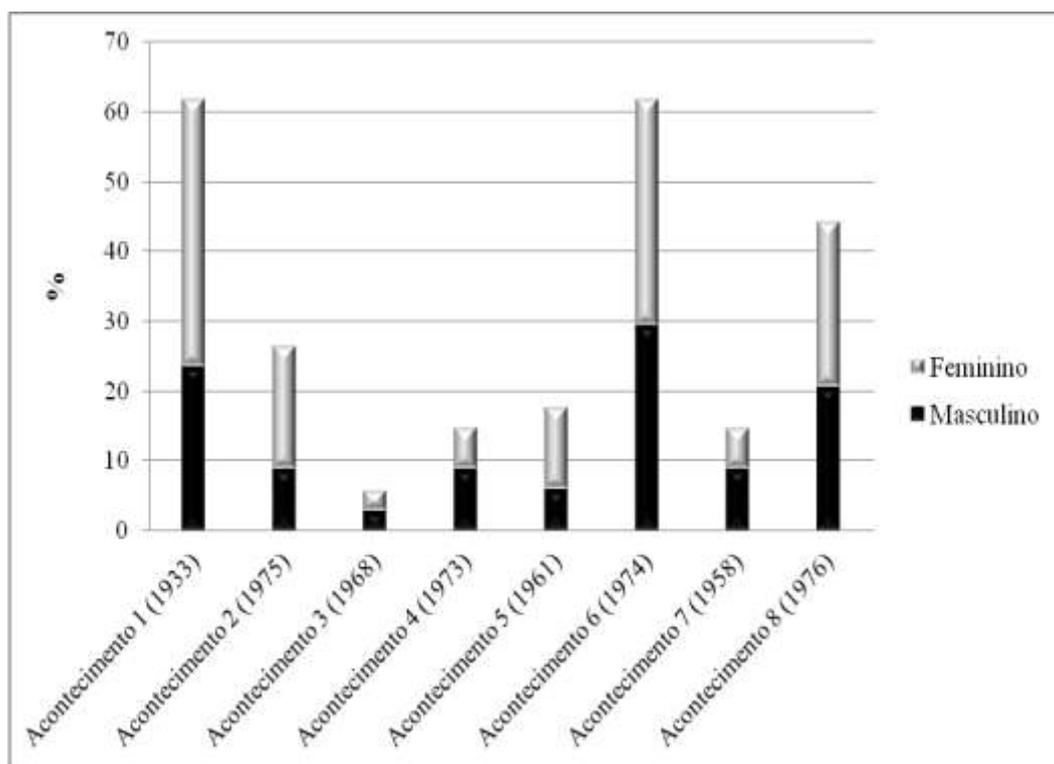


Figura 14 - Percentagem de alunos que acertou na data correta do acontecimento descrito (por sexo).

Seguidamente, os alunos tinham de completar espaços em branco com palavras ou números que eram fornecidas por uma chave que se encontrava acima dos espaços para completar. Quanto a este exercício, os resultados foram bem mais agradáveis. De todas as possibilidades existentes na chave, apenas “1945” e “sindicatos” tiveram uma percentagem de acerto (por parte dos alunos) inferior a 50%. Tendo em conta que havia 18 espaços para preencher, estes resultados são bastante bons. Este exercício, em termos de resultados, é muito mais satisfatório que o anterior, o que pode ser explicado pela atribuição de uma chave para a resolução do mesmo, o que facilita as respostas dos alunos, bem como obriga a que haja uma certa lógica para colocar uma palavra ou um número (no caso, um ano) em determinado espaço em branco. Excetuando as possibilidades atrás mencionadas, e como se pode confirmar através da observação do gráfico (na página seguinte), todas as palavras ou números presentes na chave tiveram uma percentagem de colocação no espaço correto igual ou superior (algumas até bastante superior) a 50%. Como já foi referido, “1945” teve uma percentagem de acerto inferior a 50%, no caso 38.2%. Os outros dois anos presentes na chave eram 1961 e 1963, que têm 50% e 52.9% respetivamente à percentagem de acerto, que apesar de positivo são também valores aquém do desejado. Isto significa que os

alunos tiveram bastantes dúvidas acerca da colocação dos anos, o que demonstra uma falta de noção temporal e, simultaneamente, pouco estudo da matéria em causa. “Sindicatos” foi a outra palavra que não obteve uma percentagem positiva, ficando-se pelos 47.1%, muito provavelmente por causa de os alunos não estarem particularmente familiarizados com o significado da própria palavra.

Por outro lado, destacam-se algumas palavras que conseguiram bastante unanimidade, isto é, a sua percentagem de acerto foi superior aos 80%. Essas palavras são: “expressão”, “adeus”, “Zeca” e “censura”. “Expressão” com 91.2% foi a palavra que gerou maior consenso quanto ao sítio em que devia ser colocada, o que significa que 31 dos 34 inquiridos a colocaram no sítio correto. Isto tem a ver com a falta de liberdade de expressão que estava instalada antes da revolução de abril, pois este era sempre um item mencionado pelos alunos nas aulas, principalmente quando se falava daquilo que se pretendia alcançar com a revolução. “Adeus” e “Zeca”, ambas com 88.2% de percentagem de acerto, também se destacaram das demais, já que estas palavras estão relacionadas com as canções-senha da revolução, “E depois do adeus” de Paulo de Carvalho e “Grândola vila morena” de Zeca Afonso, e ficaram na memória da maioria dos alunos. Os alunos têm também presente o significado de “censura” que obteve 82.4% de percentagem de acerto.

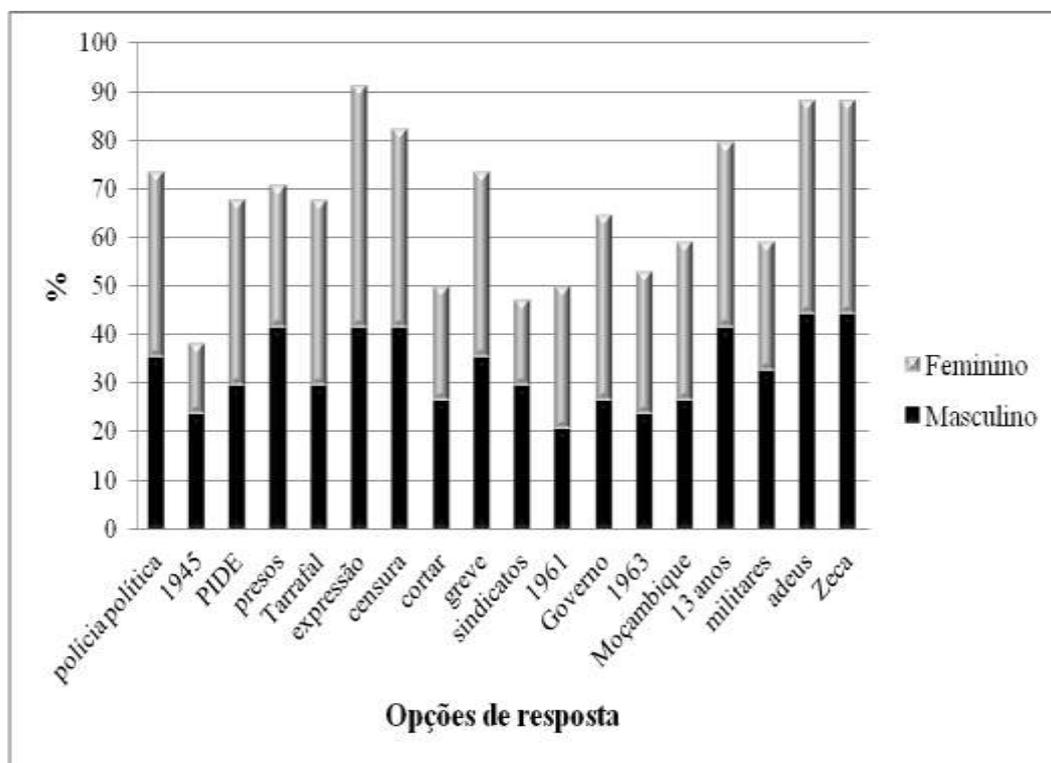


Figura 15 – Percentagem de acerto no preenchimento dos espaços (por sexo).

Por último, e de modo a concluir o preenchimento do inquérito, foram apresentadas 8 afirmações aos alunos. Teriam depois que assinalar essas afirmações como sendo verdadeiras ou falsas. Globalmente, os resultados obtidos com este exercício acabaram por ser positivos, uma vez que a maioria dos alunos correspondeu bem àquilo que era exigido, acontecendo apenas por uma vez a opção errada ter sido a mais escolhida pelos alunos.

A 25 de abril de 1975, exatamente um ano após a “revolução dos cravos”, apesar do ambiente revolucionário, tinham-se realizado, de forma ordeira, eleições para a Assembleia Constituinte, tendo a nova Constituição Democrática sido aprovada a 2 de abril de 1976 e entrado em vigor no dia 25 desse mês¹⁵ (2 anos após a revolução). No questionário, em relação à afirmação “As primeiras eleições após o 25 de abril realizaram-se a 25 de abril de 1976.”, os alunos ficaram divididos e 17 assinalaram a afirmação como Verdadeira, exatamente o mesmo número de inquiridos que a assinalou como sendo Falsa. A proximidade dos anos mencionados pode ter equivocado os alunos e com isso levado a resultados tão próximos.

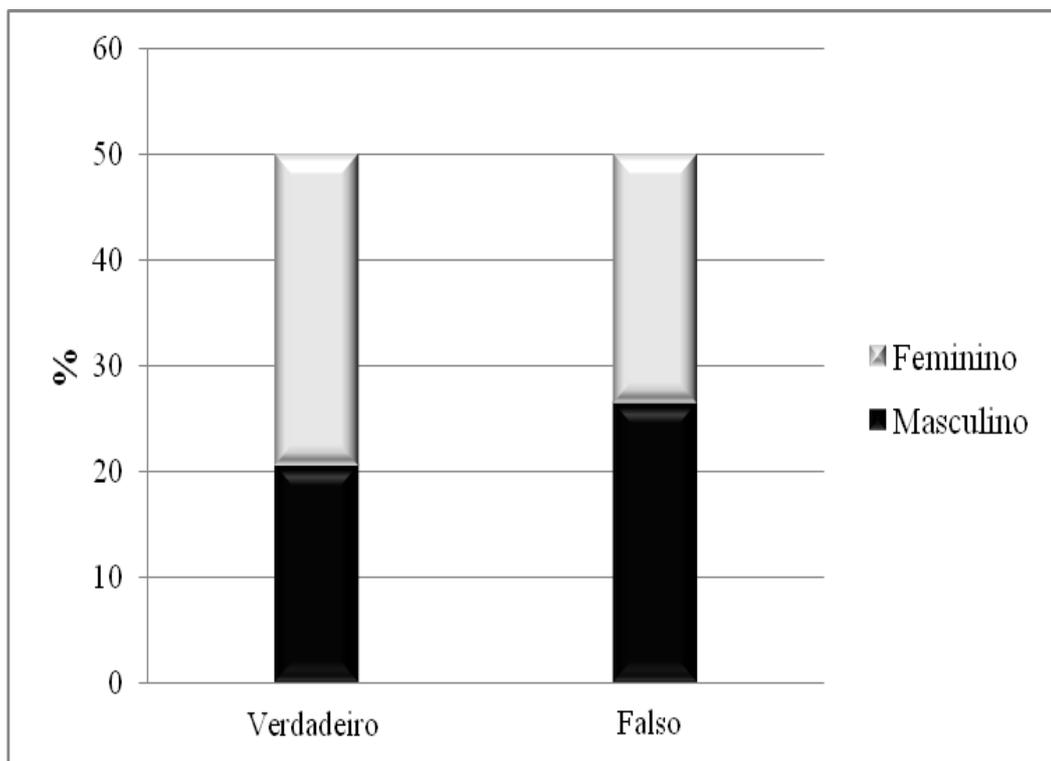


Figura 16 – Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

¹⁵ IDEM, Ibidem.

A partir de julho de 1974, realizaram-se negociações com os representantes dos movimentos de libertação, tendo em vista o reconhecimento do direito à autodeterminação e à independência. Rapidamente, na Guiné, em Moçambique, em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe e em Angola, o poder foi transferido para os movimentos de libertação e foi proclamada a independência. Formaram-se, assim, cinco novos países independentes.¹⁶ Já em relação à independência das colónias portuguesas em África e, perante a afirmação (“Como resultado da “descolonização” portuguesa em África, nasceram cinco novos países independentes: Guiné Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola.”), a grande maioria dos alunos inquiridos (82.4%) não teve dúvidas em assinalar a afirmação como Verdadeira, havendo, contudo, 6 alunos que consideraram esta afirmação Falsa.

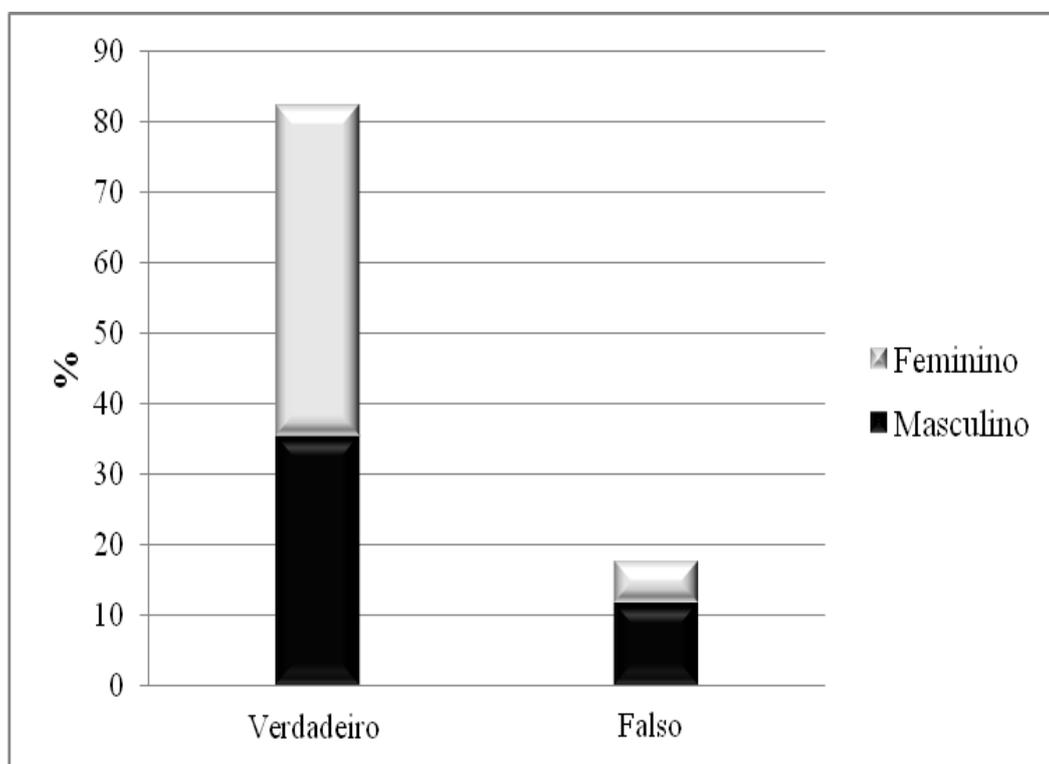


Figura 17 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

Consumada a revolução, constituiu-se uma Junta de Salvação Nacional, presidida pelo General Spínola, com a missão de governar o País até à formação de um governo

¹⁶ IDEM, Ibidem.

provisório. O Estado Novo deixara de existir.¹⁷ “Os oficiais do MFA entregaram o poder a uma Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general António de Spínola.”, os alunos voltaram a não ter grandes dúvidas em relação a esta afirmação e dos 34 inquiridos, 25 assinalaram esta afirmação como sendo Verdadeira, o que corresponde a 73.5% do total dos alunos inquiridos. Este foi um dos pontos mais sublinhados ao longo das minhas aulas, como sendo uma das consequências da revolução.

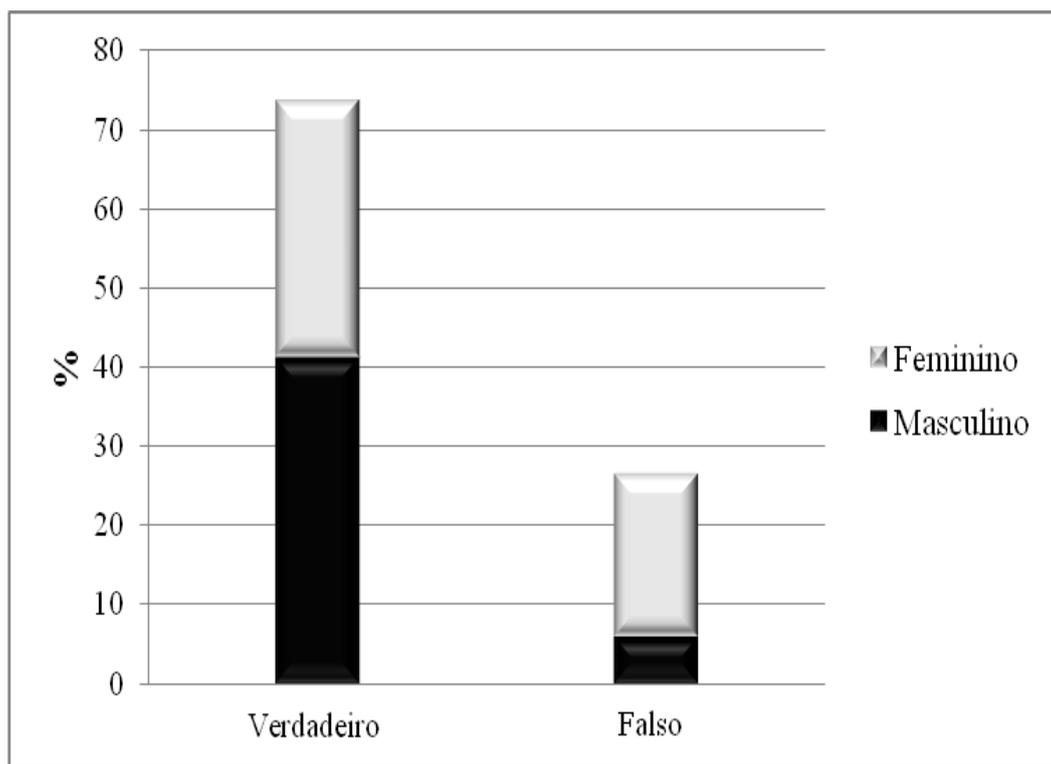


Figura 18 – Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

O Bloco de Esquerda foi um partido que surgiu no final dos anos 90, mais concretamente em 28 de fevereiro de 1999 (data da sua assembleia de fundação).¹⁸ Não foi, por isso, um dos partidos que contribuiu para o fim da ditadura, que era uma das afirmações presentes no questionário (“O Bloco de Esquerda foi um dos partidos que mais contribuiu para o fim da ditadura.”). Esta foi a afirmação em que a maioria dos alunos

¹⁷ IDEM, Ibidem.

¹⁸ Rutura integra a construção do Bloco de Esquerda. [Consultado a 20 de novembro de 2012]. Disponível em: <<http://litci.org/especial/index.php/construcao/portugal/portugal-artigos/1809-ruptura-integra-a-construcao-do-bloco-de-esquerda>>.

falhou, já que 67.6% dos inquiridos assinalou a opção Verdadeira. Só 11 alunos dos 34 inquiridos acertaram, ou seja, assinalaram a opção Falsa. Apesar de recente, o Bloco de Esquerda é um partido sensivelmente com a mesma idade dos alunos. Portanto, como os alunos sempre se lembram de ver e ouvir falar do Bloco de Esquerda não é descabido que julguem que este seja um partido contemporâneo dos outros grandes partidos portugueses.

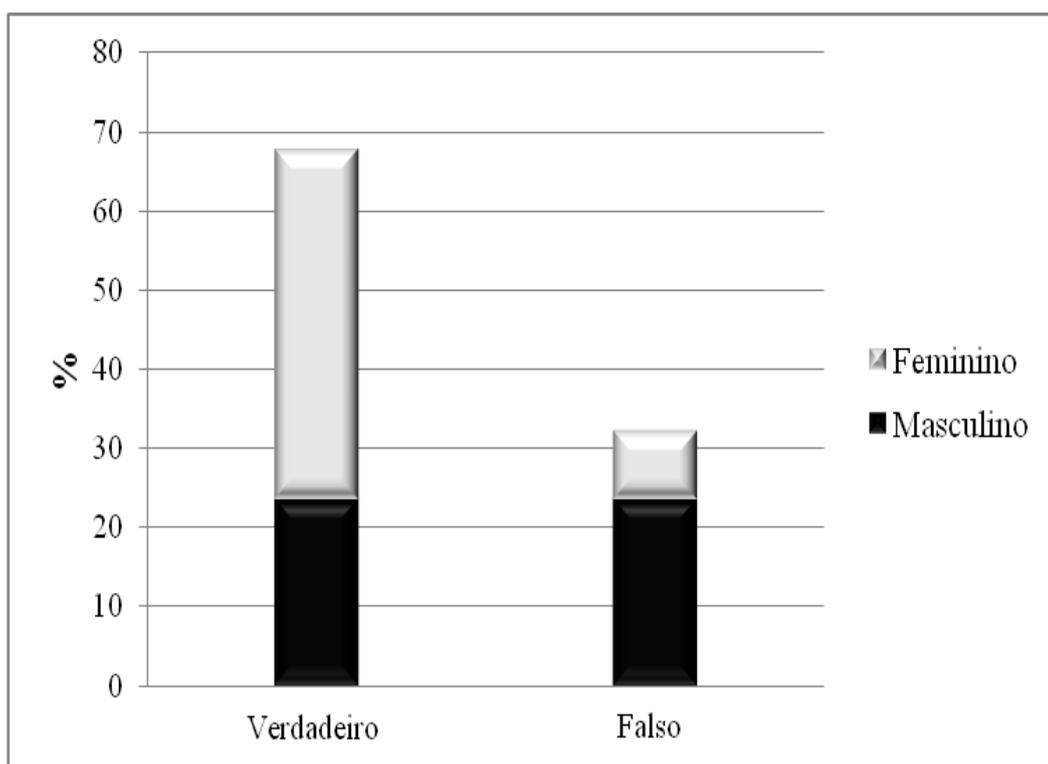


Figura 19 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

“A reconquista da liberdade permitiu o regresso dos exilados, a libertação dos presos políticos e a comemoração do dia 1.º de dezembro.” Apesar desta afirmação ser falsa, possui partes verídicas. Aquilo que é falso na mesma é a comemoração do dia 1.º de dezembro (dia da proclamação da nossa independência, em 1640), em detrimento do dia 1.º de maio, dia do Trabalhador, que em 1974 foi pela primeira vez comemorado em liberdade e levou milhões de portugueses às ruas. 20 alunos inquiridos (58.8%) escolheram a opção Falsa, o que significa que a maioria dos alunos acertou e percebeu onde estava a “armadilha”.

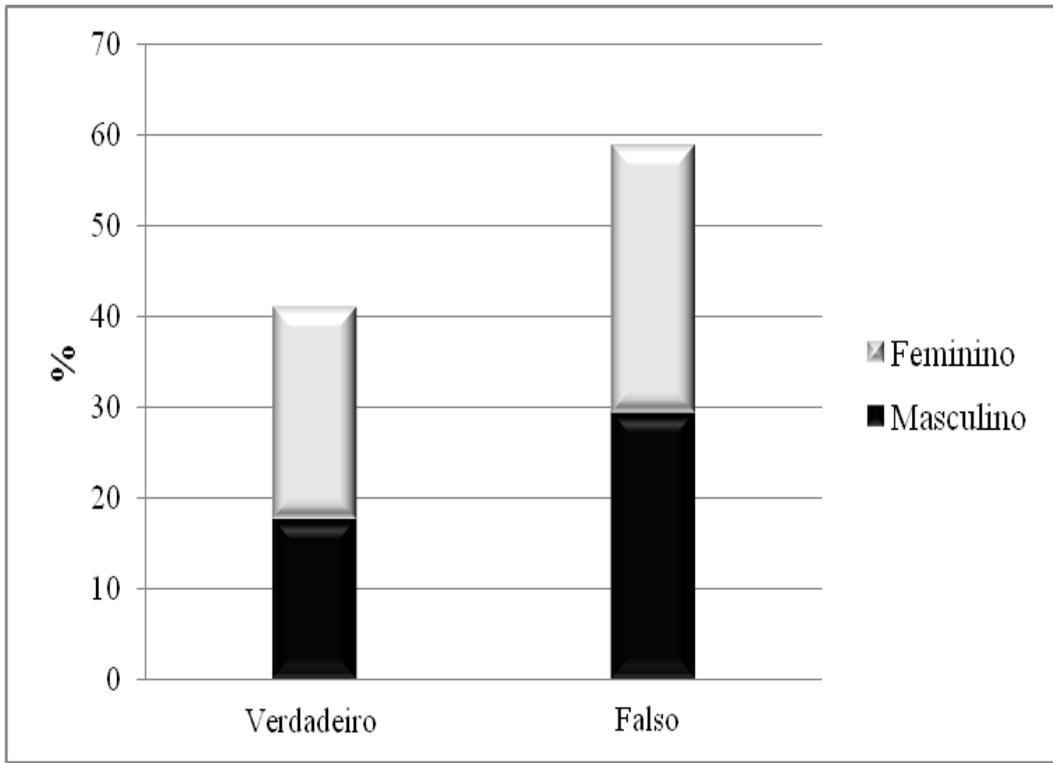


Figura 20 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

Como, após a independência dos novos países africanos, não se justificava a permanência naquele território dos soldados portugueses, estes regressaram a Portugal. Por isso, 67.6% (23 alunos) dos inquiridos escolheram acertadamente a opção Falsa relativamente à afirmação “Com a independência dos novos países, os militares portugueses mantiveram-se em território africano.”

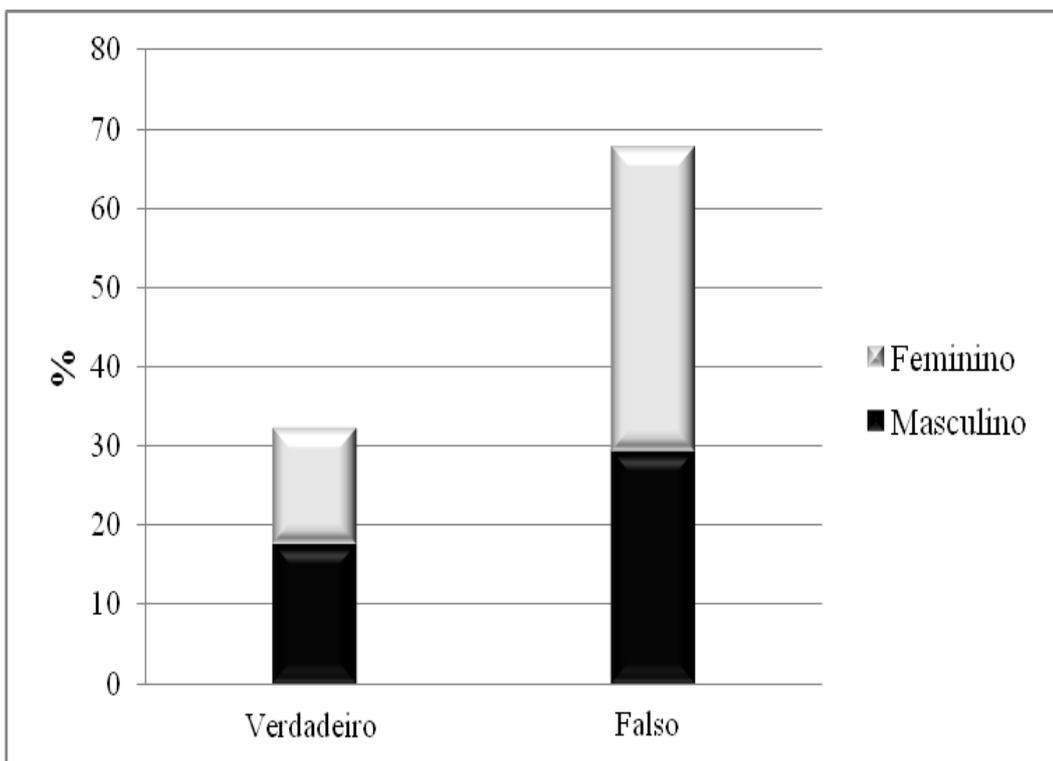


Figura 21 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

Com a substituição de Salazar por Marcello Caetano, uma das únicas alterações que houvera foi a mudança de nome da PIDE que passara a designar-se Direção-Geral de Segurança (DGS).¹⁹ Assim, a afirmação presente no inquérito é Verdadeira (“Após Marcello Caetano assumir o poder, a PIDE passou a chamar-se DGS.”) Esta afirmação causou algumas dúvidas entre os alunos inquiridos, como comprovam os resultados 52.9% acharam que era Verdadeira e 47.1% que era uma afirmação Falsa. O facto de os alunos se referirem sempre à PIDE, mesmo quando já se referiam ao Governo de Marcello Caetano pode ter afetado estes resultados, uma vez que, muitos alunos nem deram pela mudança.

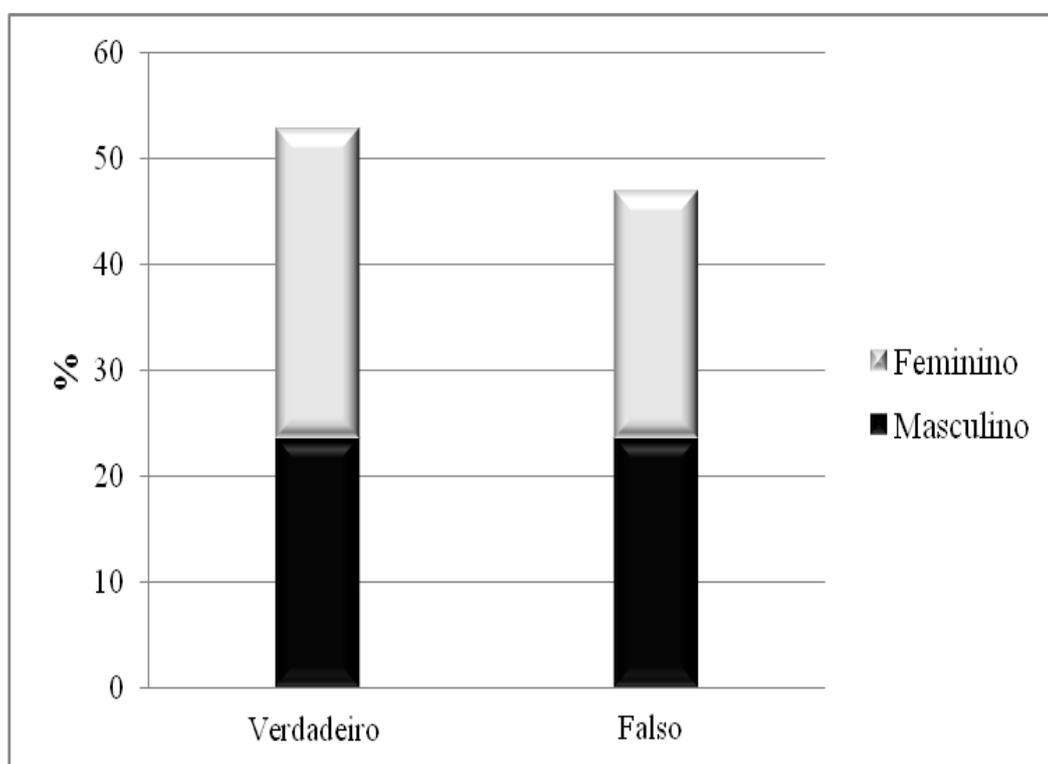


Figura 22 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

“O Partido Socialista (PS), O Partido Popular Democrático (PPD/PSD), o Partido Comunista Português (PCP) e o Partido Popular (CDS-PP) concorrem às primeiras eleições após a revolução.” A grande maioria da turma (73.5%) escolheu a opção correta (Verdadeira). 9 alunos optaram pela opção Falsa. Estes resultados causam estranheza, já que 67.6% atribuiu ao Bloco de Esquerda um papel importante no combate ao regime e

¹⁹ OLIVEIRA, Ana et al. – *Novo História*, o. c.

perante a ausência do referido partido nesta afirmação, não tiveram dúvidas em optar pela opção Verdadeira, que o excluía.

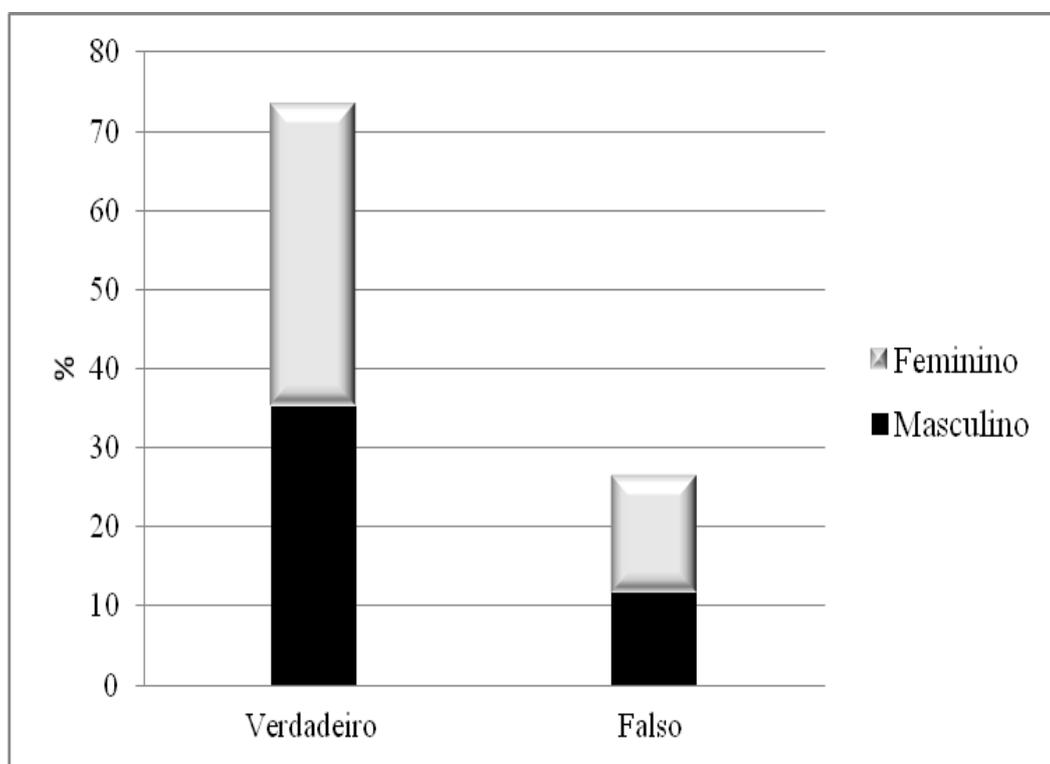


Figura 23 - Percentagem de alunos (por sexo) que escolheram uma das opções.

Análise de manuais escolares

O manual escolar continua a ser um dos principais instrumentos de trabalho de alunos e professores. Mediador entre o programa e os alunos, o manual conserva a sua centralidade nas práticas pedagógicas. Muitas vezes constitui o único utensílio de aprendizagem utilizado nas aulas, sendo usado para orientar as atividades de ensino – aprendizagem. Serve de referência ao professor como suporte de um método tantas vezes exacerbadamente expositivo e de referência aos alunos que, através da sua leitura, se apropriam da informação nele veiculada, sistematizam e avaliam conhecimentos. Assim, o manual escolar é um recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem. É concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário. Apresenta informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de atividade didáticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor.²⁰

Para muitos professores a aula é indissociável da omnipresença do manual escolar – determina os conteúdos de aprendizagem, estrutura o ritmo de trabalho entre o tempo de explicação das matérias e a realização de tarefas de aplicação e/ou desenvolvimento de conhecimento e define os instrumentos de avaliação do aprendido. Assim, a forma como o professor utiliza o manual escolar influencia decisivamente a perceção que o aluno tem da sua centralidade na aprendizagem escolar. A estas divergentes perspetivas de utilização do manual escolar estão associadas, naturalmente, diferentes opções metodológicas, distintos métodos de ensino – aprendizagem e, a um outro nível de análise, opostas correntes pedagógicas.

No entanto, a escolha do manual escolar é uma decisão demasiado importante. É este que serve de apoio ao aluno durante o ano letivo. Assim, foi proposto pelo professor orientador, e eu aceitei imediatamente esta proposta, que no meu relatório final constasse a avaliação de alguns manuais escolares. Foram escolhidos dois manuais, que identifico

²⁰ Direção Geral da Educação: Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto. [Consultado a 8 de dezembro de 2012], disponível em: <<http://www.dgidec.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=63>>.

como manuais A e B, representando duas editoras, ambas da cidade de Lisboa.

O estudo aqui apresentado integra uma investigação mais ampla e centra-se essencialmente na reflexão sobre a importância e qualidade dos manuais no processo de ensino – aprendizagem. A análise que aqui será elaborada centra-se apenas na parte do manual referente ao tema “*O 25 de abril de 1974 e o regime democrático*”.

Para dar início a esta avaliação, foi necessária a realização de uma grelha, sendo esta baseada na grelha de Marianela Cabral²¹, tendo eu feito ligeiras modificações, pois foi necessário adicionar outros aspetos a serem avaliados, para assim obter uma análise mais eficaz.

Inicialmente, foi analisado o número de páginas, acabando por não vir a ser muito relevante, uma vez que a diferença entre os dois manuais em questão é apenas de duas páginas. Seguidamente, verifiquei se estes apresentavam uma página de introdução com objetivos, reparando que nenhum dos manuais em questão apresenta a referida página. Logo de seguida, comparei o número de subtemas, tendo verificado que o manual A apresenta três subtemas, intitulados “O 25 de abril de 1974”, “A independências das colónias portuguesas” e “A construção da democracia”. Já o manual B apresenta apenas um grande subtema, “O 25 de abril e a consolidação da democracia portuguesa”. Em seguida, verifiquei se estes apresentavam soluções relativas às questões propostas no manual, bem como no livro de atividades. O manual A apresenta soluções apenas no livro de atividades, sendo estas excluídas do manual. Já o manual B não apresenta qualquer tipo de soluções em ambos os livros fornecidos aos alunos. Quando analisados quanto à existência de autoavaliação²², com o objetivo de permitir aos alunos testarem os seus conhecimentos acerca dos conteúdos já lecionados, ambos os manuais a possuem. O manual A apresenta esta autoavaliação separadamente. Quero eu dizer com isto que, no final de cada subtema - desta parte da matéria fazem parte três subtemas, referidos

²¹ CABRAL, Marianela – *Como analisar manuais escolares*. Lisboa: Texto Editores. 2005, p. 152.

²² Um processo de autoavaliação só tem significado enquanto reflexão do educando, tomada de consciência individual sobre as suas aprendizagens e condutas cotidianas, de forma natural e espontânea como aspeto intrínseco ao seu desenvolvimento, e para ampliar o âmbito de suas possibilidades iniciais, favorecendo a sua superação em termos intelectuais. RAMOS, Graziela et al. – *A função educativa da autoavaliação*. Maio de 2006. [Consultado a 9 de dezembro de 2012], disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=806>>.

anteriormente - é apresentada uma ficha de autoavaliação referente à matéria abordada. Por um lado, as questões apresentadas nesta ficha encaminham para uma análise a um documento ou esquema, que se encontram na página onde está a resposta à questão. Sendo assim, o aluno acaba por dar uma vista de olhos à matéria que se encontra na página para que a questão remete. O manual B apresenta a autoavaliação no final do subtema. As questões avaliativas neste manual são de análise de documentos e imagens. Apesar das questões estarem no final do subtema, vêm já encaminhadas para uma determinada página anteriormente estudada.

Em seguida, verifiquei se os manuais apresentavam projetos ou investigações. Concluí que o manual A não apresentava qualquer projeto ou investigação. Já o manual B apresenta algumas sugestões de trabalho/investigação para os alunos. Propõe a elaboração da biografia de personalidades, a realização de banda desenhada e, numa investigação mais de campo, os problemas que afetam a população da freguesia do aluno, onde se apela também à criatividade, como, por exemplo, na elaboração de cartazes.

Depois, procedi à análise da tipologia da informação, nomeadamente os textos, a tipologia de atividades (questões) e a tipologia de ilustrações.

No que toca à análise de textos, que se encontra inserida na tipologia da informação, foram alvo de análise três pontos essenciais: os documentos históricos, o texto explicativo e as fontes atuais. Os documentos históricos são uma boa opção em manuais de História. Estes apresentam várias funções pedagógicas, nas quais se destacam a motivadora, vicarial, redundante e recreativa. Em ambos os manuais existe uma larga profusão de documentos históricos. O manual B apresenta maior quantidade e qualidade de documentos que o manual A, o que considero ser bastante importante, pois muitas vezes os alunos recordam-se do que viram e do que estudaram através de imagens que ficaram no seu subconsciente. Para além disso, nada melhor que as imagens para dar a conhecer aos alunos personalidades e realidades de outras épocas. São imagens de diversas dimensões e épocas que, na maior parte dos casos, exercem um papel pedagógico mais valioso que a ilustração, permitindo uma exploração mais rica.

De seguida, procedi à análise dos textos explicativos, que nem sempre são os melhores, isto é, o mais perceptíveis. Muitas vezes são demasiado extensos, contendo excessiva informação para o ano de escolaridade em questão. Neste caso, o manual A, apresenta textos um pouco extensos, em alguns casos, ocupando uma página de texto.

Muitas vezes, estes têm demasiada informação para o aluno, explorando mais do que aquilo que é necessário e acabando, muitas vezes, por desviá-los daquilo que é essencial. No manual B, o texto é dirigido ao aluno de uma forma clara e acessível. Em muitos casos, o texto não excede mais do que meia página.

A maneira como a matéria é abordada inicialmente também influencia a aprendizagem, pois nem sempre o que foi dado anteriormente ficou retido na memória do aluno. No manual A, a abordagem inicial do conteúdo é feita, recorrendo ao que foi lecionado anteriormente, favorecendo uma melhor compreensão da matéria que será lecionada seguidamente. Já no manual B, esta abordagem é feita ao longo das páginas, existindo uma pequena caixa intitulada “*Recordo...*”, onde é lembrado aquilo que foi abordado na página anterior.

Em seguida, dediquei-me à análise da localização dos documentos e constatei nos dois manuais que alguns deles têm uma dimensão exagerada, muitas vezes relacionados com assuntos bastante secundários. No manual A, estes localizam-se, essencialmente, ao centro ou do lado da dobra do manual. Muitos deles adquirem grande dimensão. Esta dimensão deve-se ao facto de retratarem momentos relacionados com o 25 de abril de 1974. Já o manual B apresenta documentos em qualquer parte do manual, sendo estes mais evidentes ao centro. A dimensão que estes adquirem é equilibrada, tendo, assim, quase todos a mesma dimensão. A forma como estes se encontram no manual é de enorme importância, procedendo-se à análise do destaque que estes têm em cada manual. No caso do manual A, estes documentos apresentam-se sem destaque, isto é, sem limites envolventes nos mesmos, acompanhando-se sempre com a devida legenda. No manual B, não apresentam qualquer tipo de destaque nos documentos, mas este destaque é feito na legenda dos documentos. A legenda está inserida num retângulo destacado a cinzento. Em alguns casos, estes documentos são acompanhados de questões, as quais o aluno deve responder com base no mesmo.

De seguida foquei-me na análise da tipologia de atividades e questões. Serão analisadas todas as questões que o manual e o livro de atividades disponibilizam relativamente ao capítulo em causa. Assim, numa primeira parte verifiquei se estes eram compostos por questões mais de campo, como, por exemplo, se dispunham de pistas de trabalho ou de investigação para os alunos se deslocarem fora da sala de aula para a realização dos mesmos. Em ambos os manuais este tipo de questões está presente, embora

no manual B estas apareçam com mais frequência do que no manual A. No manual A, esta questão aparece como facultativa (uma espécie de sugestão). Caso o aluno queira saber mais acerca do assunto em questão, faz a sua própria pesquisa. Esta pesquisa pode também ser usada em aula (ou parte dela), sendo necessários computadores, para serem usados pelos alunos, com ligação à internet. Já no manual B, é proposto aos alunos um trabalho individual ou em grupo (com a ajuda do respetivo professor) e as questões são de investigação de alguns problemas que afetam a região onde os mesmos residem, elaborando um cartaz a expor esses mesmos problemas. Este tipo de trabalho é enriquecedor, pois leva o aluno a ter uma visão mais concreta sobre a zona onde reside

Posteriormente, dediquei-me à verificação (nos 2 manuais) de perguntas que exigem respostas factuais, questões que são muito frequentes nesta disciplina neste grau de escolaridade. Em anos mais avançados este tipo de questões começa a deixar de existir, em detrimento de perguntas que envolvem ou relacionam muitos factos da mesma matéria e até matérias diferentes, sendo por isso de desenvolvimento. Com esta observação constatei que, em ambos os manuais, esta tipologia de questões está presente, assim como no livro de atividades. No entanto, no manual B este tipo de questões é mais notório que no manual A. No que concerne aos cadernos de atividades de cada um dos livros, este tipo de questões é também abundante. Mas, neste caso, o livro de atividades oferece mais questões deste género que as questões colocadas no manual.

Segue-se a análise das questões de complementação, onde se completam esquemas, textos, etc. Em ambos os manuais, A e B, este tipo de questões apenas vêm expressas no caderno de atividades, existindo em maior número no caderno de atividades do manual B. As perguntas de interpretação de textos (documentos históricos) também são muito habituais nesta disciplina. Assim, tanto o manual escolar como o livro de atividades propõem com bastante frequência este tipo de questões.

Depois, tentei verificar se as questões colocadas correspondiam a interpretação de textos. Neste caso, há uma enorme diferença entre os dois manuais, principalmente na parte da autoavaliação. Ao longo das páginas expositivas dos conteúdos, são colocadas várias questões aos alunos no final das páginas. No manual A, as questões são colocadas, referindo onde se encontra a resposta, num documento ou figura. Já nas páginas de autoavaliação, a questão remete para a página e parágrafo onde se encontra a resposta. Aquilo que se pretendia que funcionasse como autoavaliação falha rotundamente a sua

missão, uma vez que nem obriga os alunos a situarem-se e a procurarem eles mesmos a resposta, dando logo indicações acerca de onde encontrar a resposta. No livro de atividades, as questões são feitas com base nos documentos e figuras que se encontram nas suas páginas, não remetendo para nenhuma página do manual. No manual B, as questões ao longo das páginas explicativas encontram-se expostas de várias formas: são colocadas questões acerca de um documento, por baixo do próprio documento e, no final da página, são colocadas questões acerca da matéria presente nas duas páginas. As páginas de autoavaliação são compostas por perguntas de vários tipos, mais simples e outras mais complexas, que exigem mais raciocínio por parte dos alunos, bem como um maior sentido de construção de resposta. Nestas páginas encontram-se documentos e imagens nas quais o aluno tem de se basear para responder às mesmas, não remetendo diretamente para as páginas explicativas, como acontece no manual A. No livro de atividades são colocadas questões idênticas às das páginas de autoavaliação. Mas são colocados menos gráficos e mais perguntas de complementação de esquemas. Para que o assunto da tipologia de atividades e de questões ficasse completo, analisei as perguntas de análise e/ou síntese dos dois manuais. Ambos os manuais apresentam este tipo de questões. No entanto, no manual B e no caderno de atividades respetivo, estas aparecem com mais frequência do que no manual A e no caderno de atividades que lhe corresponde. Neste manual, este tipo de questões de análise são apresentadas apenas no manual do aluno, mas, como foi referido anteriormente, pede para rever um parágrafo ou texto das páginas anteriores, acabando o aluno por dar uma revisão à matéria que o levará até à resposta pretendida. Já as questões de síntese aparecem mais no caderno de atividades (do manual A), onde surgem questões acerca de acontecimentos numa data específica. Contudo, no manual B este tipo de questões é mais frequente, como referi anteriormente, sendo as perguntas de análise mais notórias na parte dedicada à autoavaliação do aluno, onde as questões presentes nesta parte do manual tentam ser parecidas com as questões que podem aparecer na ficha de avaliação. Já as perguntas de síntese aparecem em quase todas as partes onde se encontram as questões do manual. Assim, estas aparecem bastante nas páginas de texto explicativo, onde se encontram questões acerca da matéria dada. São bastante favoráveis, uma vez que, assim, o aluno pode, ao mesmo tempo que a matéria é lecionada, fazer uma pequena revisão ou mesmo uma introdução à matéria nova.

Agora, segue-se a análise do tipo de ilustrações/fotografias, desenhos, esquemas, gráficos e mapas, dando também destaque à localização que estes ocupam e à relevância que possuem. Relativamente às fotografias, nesta disciplina, a função é documentar, mas a sua qualidade estética é importante e não deve ser menosprezada. Ao longo das páginas (dos 2 manuais) são apresentados vários tipos de fotografias: a preto e branco e coloridas. Algumas delas são fotografias únicas que documentam determinados acontecimentos e, por isso, perderam alguma qualidade por razões de antiguidade. O número de fotos que os dois manuais consagram ao tema em questão (“O 25 de abril e a consolidação/construção da democracia portuguesa) é bastante aproximado. No manual A são-nos apresentadas 16 fotos, enquanto no manual B o número de fotos dedicadas ao tema é de 24. Convém não esquecer que no manual B este capítulo é maior. Caso não o fosse, talvez o número de fotos de um e do outro fosse ainda mais aproximado. Ambos os manuais apresentam fotos a preto e branco. Apesar de tudo são as fotos a cores que mais aparecem nos dois manuais aqui em análise (nesta determinada parte), a começar logo pelas fotos da própria revolução.

O próximo passo foi verificar que (e quantas) ilustrações estes manuais inseriram ao longo das suas páginas explicativas. Estas ilustrações são pequenas reconstruções de alguns acontecimentos e o seu objetivo é dar uma ideia aos leitores, através dos desenhos (de forma fidedigna), daquilo que aconteceu. Apesar de tudo, ambos os manuais possuem, neste ponto da matéria, poucas ilustrações. O manual A, neste caso, apresenta mais desenhos que o manual B. No manual A, são apresentados 2 desenhos que retratam dois grandes acontecimentos da época do 25 de abril, sendo eles as Eleições para a Assembleia Constituinte em 1975 e o regresso de milhares de portugueses vindos de África (retornados), sendo esta ilustração acompanhada por balões de diálogo, o que permite um retrato ainda mais fiel da situação porque estavam a passar esses portugueses na altura. Já o manual B recorre apenas a um desenho (caricatura, no caso) da época, que se intitula “Como nasce o 25 de abril” e que pretende dar a conhecer aos alunos de uma forma caricaturada as razões que levaram à revolução e os passos em que a mesma assentou.

Observei, depois, os esquemas presentes nos dois manuais, que se apresentam ao longo das páginas explicativas e de resumo/síntese. Estes têm como objetivo a organização de conteúdos essenciais, facilitando a compreensão e retenção por parte dos alunos. Os esquemas assumem um papel importante nos dois manuais. Ambos os manuais se servem de esquemas para explicarem os órgãos do poder local e do poder central, bem como as

funções que cada um desses órgãos tem. O manual A utiliza também um esquema para apontar as razões que levaram à revolução de 25 de abril de 1974. A juntar aos já referidos esquemas dos órgãos do poder central e local, o manual B contém nas páginas de resumo/síntese um esquema global onde sintetiza a matéria abordada neste capítulo, desde as razões que levaram à revolução até aos órgãos constituintes do poder local e central.

É de referir o facto, de neste capítulo, tanto num manual como no outro, não haver a presença de qualquer gráfico. Segue-se a análise de mapas. Em ambos os manuais são apresentados mapas, estando presentes, no entanto, no manual B em maior número do que no manual A. Estes têm a mesma função pedagógica que os esquemas, ou seja, a função explicativa. No manual A (neste capítulo), apenas aparecem dois mapas, um logo na introdução ao tema, com a localização de Portugal, onde o seu território atual (Madeira e Açores incluídos) aparece assinalado a vermelho. O outro mapa é referente aos países africanos de língua oficial portuguesa e à data da sua independência. Já no manual B, durante o capítulo em causa aparecem 5 mapas distintos. Estes mapas, muitas vezes, pretendem introduzir a matéria, estando colocados no início das páginas, vindo acompanhados por questões. A sua localização nas páginas é idêntica à dos documentos históricos, estando colocados ao centro ou na parte da dobra do manual, com algum destaque visual, onde dão nas vistas as respetivas legendas que surgem num retângulo cinza. Estes mapas têm a ver com a descrição, por símbolos, da ação militar que ocorreu a 25 de abril de 1974, com o atual território português e com as colónias que Portugal possuía em África e na Ásia, aparecendo também um mapa com todos os concelhos de Portugal Continental delimitados, dando especial atenção, no caso, ao concelho de Faro.

Contudo, após a análise dos conteúdos atrás mencionados, verifica-se que ambos os manuais oferecem aos alunos mais do que aquilo que já foi referido. O manual A, em algumas páginas, apresenta uma secção de “Cronologia”, onde aparecem datas significativas da matéria presente nessas duas páginas (uma vez que a cronologia aparece sempre no fundo da página da direita). O manual B apresenta logo no início do capítulo uma cronologia e, para além desta cronologia que está inserida logo na primeira página, aparecem mais duas, por sinal as duas relativas ao ano de 1974, uma vez que este foi um ano rico em acontecimentos importantes. Para além destas cronologias, este manual (B) oferece ainda mais três secções. Uma delas intitula-se “Recordo...” e serve para sintetizar a matéria abordada nas páginas anteriores, através de um pequeno texto, o qual acaba

também por complementar essa mesma matéria. Outra das secções intitula-se “À descoberta de palavras”. Nesta secção é dada aos alunos a definição de algumas palavras que se encontram no texto explicativo. É de referir também uma outra secção presente, ao longo das páginas expositivas, cujo nome é “História e...” e que tem como objetivo promover a interdisciplinaridade, apresentando sugestões para as aulas de História e também para trabalhos. No que toca a este capítulo, esta secção aparece apenas uma única vez e sugere aos alunos que, junto dos seus familiares, façam um levantamento dos problemas existentes na freguesia e com os resultados obtidos construam um gráfico. É sugerido também que, posteriormente, o professor de Formação Cívica convide para a aula o Presidente da Junta de Freguesia, para que aí possa debater com os alunos possíveis soluções para os problemas apresentados. Desta forma, esta secção promove, neste caso específico, a interdisciplinaridade entre a História, a Matemática e a Formação Cívica.

No final do tema, o manual A, apresenta duas páginas com um texto sobre voluntariado, em virtude de o ano de 2011 ter sido declarado o Ano Europeu do Voluntariado, intitulado “Heróis de ontem e de sempre”. Neste texto são dados exemplos de algumas instituições solidárias como são o caso da Cruz Vermelha Portuguesa, o Banco Alimentar contra a Fome ou a Assistência Médica Internacional (AMI). Este texto dá como exemplo uma ação de voluntariado que teve lugar na Escola E. B. 2, 3 D. José I, no Lumiar, em Lisboa, e tenta cativar os alunos a inscreverem-se num qualquer organismo de ajuda. Por sua vez, no manual B, no final do tema são apresentadas duas páginas dedicadas a personalidades que marcaram a época, neste caso o 25 de abril de 1974, com o título “Eles lutaram pela Liberdade”. São as seguintes: Salgueiro Maia, José Afonso, Otelo Saraiva de Carvalho, Natália de Oliveira Correia e Maria da Conceição da Cunha Lamas. É sempre importante para os alunos que no manual haja este tipo de referências, uma vez que podem ficar a saber mais sobre algumas personalidades que já conheciam (ou de que pelo menos já tinham ouvido falar) e outras que provavelmente, se não lhes tivesse sido feita uma referência no manual, os alunos desconheciam.

Logicamente, ambos os manuais têm os seus pontos fracos e fortes. Seguidamente, vou mencionar aqueles que, em minha opinião, são os pontos que jogam contra e a favor de cada um dos manuais aqui analisados, a fim de tentar chegar a uma conclusão acerca daquele que é mais apropriado para os alunos do 6.º ano de escolaridade. No manual A, destacam-se, como pontos mais fortes, a facilidade de interpretação dos esquemas

utilizados para tornar a matéria mais perceptível, a boa seleção de documentos (incluindo as ilustrações que são adequadas para a faixa etária em causa), com fotografias e capas de jornais da época. É também de salientar a leveza visual que o manual apresenta, tornando-se fácil e apetecível de ler. Em relação ao manual B, este apresenta mais pontos fortes que o manual A, pois, para além de também ter a seu favor pontos abonatórios mencionados para o manual A (com exceção das ilustrações), possui também uma boa organização/disposição da informação (não exagera em textos nem em documentos), valoriza mais as legendas e oferece uma maior panóplia de questões. Oferece também ao aluno pequenas coisas que podem ser bastante vantajosas, como a cronologia, o “Recordo...”, “À descoberta de palavras” e “História e...”, pois vai facilitar de certa forma o estudo do aluno. O quadro-síntese é também bastante bem conseguido, simplifica e auxilia os alunos.

Como pontos menos positivos dos dois manuais há a destacar alguns aspetos. No manual A, as páginas de resumo apresentam uma grande densidade de texto, com pouco espaço em branco entre os seus vários blocos; as perguntas de autoavaliação não são as mais adequadas, uma vez que indicam quase exatamente onde se encontra a resposta, o que até podia não ser mau se fosse bem utilizado pelos alunos. No entanto, é sabido que, nestas idades, o facilitismo impera e, por isso, a tentação dos alunos de ir logo ver a resposta acaba por não surtir o efeito desejado. O mesmo acontece em relação às questões que surgem ao longo do capítulo. As páginas de texto explicativo, em alguns casos, são demasiado extensas, ocupando uma página do manual. Já no manual B, considero que não há nenhum ponto fraco a apontar, pois este encontra-se bem construído e estruturado para a faixa etária que pretendem servir.

Em suma, considero que o manual B é o que mais se adequa aos alunos da faixa etária em questão. Este manual está muito bem estruturado, desde a forma como explicita a matéria até às questões que apresenta, tanto ao longo das páginas explicativas, como nas páginas de autoavaliação, bem como no livro de atividades. É de salientar que, a faixa etária dos alunos à qual este manual se destina requer uma fácil e concisa explicação da matéria, não sendo necessárias (nem convém que sejam) explicações para lá daquilo que é essencial perceberem. Desta forma, este manual respeita aquilo que é exigido a um aluno que esteja a frequentar o 6º ano de escolaridade, não apresentando páginas explicativas muito extensas e recorrendo, muitas vezes, a documentos históricos ou imagens de época

para a explicação da mesma. Isto acaba por ser muito positivo, já que permite que o aluno fixe muitas dessas imagens (documentos), facilitando, assim, a fixação da matéria, pois podem (e conseguem) muitas vezes associar o texto à imagem. Também a utilização dos mapas leva o aluno a ter noção de alguns países onde aconteceram algumas “marcas históricas” na história de Portugal. São estes pequenos detalhes que, no fundo, fazem a balança pender para o lado do manual B, pois tornam-no mais atrativo e adequado, tanto para professores como para os alunos.

Questões sobre didática da História e Geografia de Portugal

A didática é muito importante, essencialmente na educação, uma vez que estuda as relações de ensino e aprendizagem, integrando necessariamente outros campos específicos, principalmente do conhecimento da História e Geografia. No entanto, para o processo de ensino-aprendizagem, seja qual for o contexto em que este esteja inserido, é necessário que se conheçam as categorias que integram este processo como elementos fundamentais para um melhor aproveitamento da aprendizagem²⁴.

Assim, o papel do docente na sala de aula é indispensável. Não é possível haver um bom processo de ensino-aprendizagem sem que, antes, o professor fomente a produção do conhecimento dos seus alunos.

A didática está presente em muitos aspetos deste relatório final, desde o conteúdo lecionado (nas aulas), ao contexto de aprendizagem, às estratégias metodológicas até ao (e por fim) inquérito aplicado. É, portanto, facilmente constatável que a didática está relacionada com tudo o que se passa na sala de aula, desde as decisões sobre conteúdos a apresentar e a analisar até aos instrumentos de ensino utilizados. Assim sendo, o comportamento do professor e dos alunos está ligado à didática e a tudo o que envolve este mesmo conceito, além dos enquadramentos pedagógicos que vierem a ser aplicados.

A forma como a História e Geografia de Portugal é “trabalhada” com os alunos está relacionada com o interesse que estes vão desenvolvendo por tais saberes. É do conhecimento geral que nesta disciplina existe uma grande “fatia” de alunos que demonstram desinteresse pela mesma. Outros não têm a mínima vontade de aprender e de adquirir conhecimentos em relação ao passado, muitas vezes argumentando que não lhes diz nada saber como foi ou o que aconteceu “no tempo dos nossos antepassados”. Estes alunos ficam, então, com a agregação de valores condicionada e privados de potencializar as suas competências. Em alguns casos, o desrespeito existente perante o professor, impede o sucesso dos estudantes, o que não quer dizer que (neste caso) o professor nada possa

²⁴ MESQUITA, Raimundo Nonato Silva - *O papel da didática no ensino-aprendizagem*. [Consultado a 9 de janeiro de 2013], disponível em: <http://mesquit.bligoo.com.br/o-papel-da-didatica-no-processo-ensino-aprendizagem#.UPqHQfKnW-0><http://mesquit.bligoo.com.br/o-papel-da-didatica-no-processo-ensino-aprendizagem#.UPqHQfKnW-0>.

fazer.

No que concerne à faixa etária com que se lida nestes anos de escolaridade (5.º e 6.º ano de escolaridade) é preciso ter em conta alguns fatores de significativa importância. Por norma, as crianças que frequentam estes anos de escolaridade têm entre os 10 e os 12 anos de idade (é evidente que há exceções, como crianças que entram com 9 anos para o 5.º ano e outras que apenas saem do 6.º ano com 13 ou 14 anos) e, como é normal, a maturidade de uma criança de 10 anos é diferente da de uma criança de 12 e é o professor que tem que ter isso em atenção e saber lidar com esse aspeto. Não queremos com isto dizer que não haja crianças de 10 anos mais desenvolvidas intelectualmente do que algumas crianças de 12. Tudo depende da educação que tiveram e do meio em que estão (ou foram) inseridas. No entanto, aos 10 anos a criança possui já um grande poder de assimilação. Memoriza, identifica e reconhece factos, embora tenha mais dificuldades na generalização. A atenção que a criança de 10 anos tem nas aulas pode, por vezes, não ser a mais desejável. Por norma, as crianças desta idade gostam mais de falar, ler e escutar do que propriamente trabalhar. Atividades físicas como correr, trepar e saltar, nesta idade, dão enorme prazer à grande maioria das crianças. Com 12 anos de idade, as crianças têm, já, diferentes comportamentos e distintas maneiras de pensar e de encarar a realidade, fruto também da experiência de vida que foram adquirindo com o passar dos anos. Por isso, é normal que possuam um maior amadurecimento e maior objetividade. São mais reflexivas perante os diferentes problemas, procurando solucioná-los sozinhas. É comum que ganhem, também, uma maior responsabilidade no cuidado com os seus objetos.²⁵

Para que as aulas de História cumpram na plenitude a sua função, tornando-se, por isso, eficientes, o professor deve ensinar apenas o essencial para a formação do aluno, como é dito por RODRIGUES, Henrique: “Só devemos ensinar o que os alunos possam compreender e que vá contribuir para a sua formação.”²⁶ No entanto, o professor tem que estar consciente de que a História, devido à carga de subjetividade que possui, não é de fácil compreensão para muitos alunos. Torna-se por isso necessário que o professor saiba conduzir a imaginação, as energias e as capacidades dos alunos, através de inúmeros

²⁵ Educação na Aldeia. [Consultado a 9 de janeiro de 2013], disponível em: <http://educacao.aaldeia.net/psicologia-crianca-1012-anos/>.

²⁶ RODRIGUES, Henrique – *Didática e Pedagogia do Ensino da História: Um conjunto de experiências*. Viana do Castelo: 1986. Policopiado, p. 5 e 6

exemplos relacionados com o meio em que vivem. Um bom ensino da História só é possível com o uso eficiente, preciso e conciso da linguagem.²⁷ Importa saber (para um bom ensino) se é possível melhorar a comunicação em História, para tornar o raciocínio dos alunos mais eficiente. Fornecer aos alunos uma lista com vários significados pode permitir uma rápida verificação da compreensão dos termos básicos e a utilização de palavras e expressões de uso frequente e comum.

É também importante que as aulas se afastem da rotina e, para isso, o professor deve adequar os métodos indicados para uma determinada turma, tentando sempre perceber aquilo que poderá fazer de novo para manter a turma atenta, interessada e motivada, acima de tudo, com vontade de aprender e de ouvir, no fundo, “narrativas”. Para dar início a uma determinada matéria, usar um filme relacionado pode ser o impulso necessário para que os alunos, ou a sua maioria, ganhem interesse por ela. O cinema, percebido como recurso didático, possibilita a construção do conhecimento histórico, pois “o cinema possui mensagens fílmicas individuais e múltiplas, mensagens que trazem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade”. O filme torna-se um documento a partir do momento em que ele apresenta vestígios do passado. O filme representa uma ótima oportunidade para trabalhar o senso crítico do aluno, pois o seu uso em sala de aula não se limita apenas ao visualizar, mas também ao questionar a obra, cabendo ao professor o papel de guiar tal processo. Trabalhar com o cinema na sala de aula requer muito cuidado por parte de quem vai utilizá-lo, uma vez que ao tratar temas históricos, apresenta uma versão de um facto, onde geralmente as liberdades artísticas permeiam toda a obra. O professor deve lembrar ao aluno que o filme não representa uma verdade histórica, mas sim uma interpretação dos fatos.²⁸

A apresentação de diapositivos, gravuras, gravações ou até mesmo a realização de um jogo podem igualmente funcionar bem perante uma turma. O que é realmente necessário é que os alunos se sintam estimulados e que sejam seduzidos a aprender. É importante que nestas idades os alunos se interessem e comecem já a fazer uma análise (ainda que muito rudimentar, por vezes) dos documentos históricos que lhes vão sendo apresentados e dados a conhecer, uma vez que no futuro muito do ensino da História assentará sobre o referido

²⁷ IDEM, *Ibidem*.

²⁸ ANDRADE, Luiz Alexandre – *Cinema como recurso didático nas aulas de história*. [Consultado a 7 de fevereiro de 2013], disponível em: <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/cinema-como-recurso-didatico>.

(análise de documentos).

São imensas as vantagens que possui a aula participativa em relação à típica aula meramente expositiva e monótona em que o professor nada mais faz senão um “vomitar” de conteúdos para que os alunos registem no seu caderno, realizando uma aula que carece de criatividade e espírito crítico. A aula participativa ganha imediatamente vantagem, devido ao facto de o professor poder (e dever) adaptar o vocabulário ao nível etário, claramente em contraponto com o debitar de matéria de um qualquer manual. Durante a exposição o professor pode socorrer-se de expressões históricas ou algumas citações que, pela riqueza do conteúdo, vão, com certeza, chamar a atenção dos alunos, servindo, muitas vezes, como um “farol” para o aluno em relação a determinada matéria.

No que toca à exploração de textos, a escolha dos textos deve recair sobre partes ricas de conteúdo, de modo que permitam vários exercícios. O texto deve ser claro e sugestivo, podendo ter cortes ou adaptações.²⁹ Aliás, para esta faixa etária, o texto para além de dever sempre ser apresentado em português, deve surgir, sempre que possível, adaptado. É importante que, relativamente a este nível etário, os textos apresentados em aula sejam textos vivos, por forma a conseguir deter a atenção dos alunos. A exploração dos textos irá permitir a perceção e a aquisição de conhecimentos e também a iniciação à leitura crítica.

Outro dos aspetos a ter em conta são as imagens a apresentar nas aulas. Antes de mais, as imagens apresentadas devem ser alvo de uma análise por parte dos alunos ou por parte do professor, ou até mesmo em conjunto. O tipo de imagens que podem ser analisadas é vasto e pode ir desde pinturas e gravuras até caricaturas, passando por fotografias. É certo e sabido que as crianças/jovens veem com “olhos da sua idade” e, por isso, não veem tudo. Cabe ao professor a tarefa de os acompanhar de perto e, sempre que possível, mostrar-lhes vários documentos sobre o mesmo acontecimento, para que possa prevenir os alunos da subjetividade e tendência dos seus autores, já que a ação pode apaixonar o jovem aluno.³⁰ Se os alunos conseguirem associar a imagem a um texto é perfeito e um indicador de que o trabalho está a ser bem feito.

A fotografia tem, portanto, uma função relevante que é documentar. No entanto, a sua qualidade estética assume grande importância, não devendo, por isso, ser

²⁹ IDEM, p. 7.

³⁰ IDEM, p. 9.

menosprezada. Se forem utilizadas imagens de qualidade, quer estética quer material, os livros transformam-se em objetos mais sedutores e os factos ou objetos a estudar mais motivadores. Algumas fotografias, por serem fotografias únicas que documentam determinados acontecimentos, perderam qualidade por razões de antiguidade. Noutras, a falta de qualidade é menos compreensível, na medida em que representam realidades atuais.

O mapa é um meio indispensável para o ensino da História, estando a sua utilização ligada à aquisição do conceito de espaço tão necessária à correta compreensão dos fenómenos históricos.³¹ Este permite ao aluno ter conhecimento espacial de factos e acontecimentos históricos ocorridos nos mais diversos locais, uma vez que muitas salas de aula possuem um mapa do mundo, o que permite ao professor localizar a região a que se quer referir. Os manuais escolares desta disciplina apresentam também, por norma, uma grande variedade de mapas.

No sentido de diversificar tarefas, devem também ser implementados frequentemente na disciplina de História trabalhos prático/manuais que, muitas vezes, são um pouco postos à margem por aqueles que orientam esta disciplina. Estimular a criatividade dos alunos, promovendo a elaboração de cartazes, textos, desenhos, esculturas em diversos materiais, etc.. É importante para que os alunos adquiram um maior gosto pela disciplina e (quem sabe?) tenham um maior empenho na mesma.

As visitas de estudo também não devem ser menosprezadas. Uma visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos devido ao carácter motivador da saída do espaço tradicional no desenrolar do processo ensino/aprendizagem.³² No entanto, os alunos veem esta saída da escola como um “passeio” e não como uma aula dada em moldes diferentes. Assim, o professor deve transmitir aos alunos o interesse desta visita de estudo, motivando-os com o que podem encontrar e principalmente com o que podem aprender acerca da História. Quando bem estruturadas, estas podem ser bastantes positivas, podendo levar o aluno aos seus antepassados e podendo assim, motivá-lo para a aprendizagem de História.

No meio de tudo isto há um elemento incontornável, que não pode ser esquecido.

³¹ PROENÇA, Maria Cândida – *Ensinar / Aprender História – questões da didática aplicada*. Fevereiro de 1990, p. 109.

³² IDEM, p. 137.

Falo, claro, do manual escolar. A sua importância para o professor, para os alunos e para a assimilação da matéria por parte destes é imensa. No entanto, para ser um bom manual, é necessário que tenha texto explicativo na dose certa, isto é, não ocupar demasiado espaço com este tipo de texto, sob pena de desmotivar, logo à partida, o aluno. É necessário que seja harmonioso ao nível visual e para isso precisa de uma acertada escolha das cores, de modo a não causar uma espécie de “visão ferida”. É necessário também que possua bastantes documentos de qualidade, pois estes têm como grande função motivar os alunos e, muitas das vezes, os alunos conseguem recordar-se de um texto porque o associam a determinado documento que o acompanhava. As questões e os exercícios que o manual apresenta são também de elevado grau de importância, pois o manual é a principal ferramenta de trabalho dos alunos e, dessa forma, é também o principal instrumento de preparação para as fichas de avaliação. Sou da opinião que o manual tem de ser muito bem escolhido (e para isso é necessária a análise de diversos manuais). Caso contrário, corre-se o risco de comprometer o trabalho de todo um ano letivo. Esse risco deve ser evitado, pois são os pais dos alunos que pagam o manual escolar dos filhos e, se este não for usado pelo professor, isso irá gerar nestes (e com toda a legitimidade) um sentimento de revolta, pois irão sentir que compraram o manual para nada.

Por norma, antes do final da aula, o professor comunica à turma quais os trabalhos que pretende ver realizados pelos alunos até à aula seguinte, os denominados trabalhos para casa. A grande maioria das vezes estes trabalhos consistem na realização de tarefas presentes no manual escolar, quase sempre com o objetivo de reforçar os conteúdos lecionados na aula que finda. No entanto, essas tarefas têm um carácter repetitivo o que faz com que muitas vezes adquiram um sentido negativo. A importância desta atividade deve ser, por um lado, a de rever a matéria dada na aula através da sua aplicação em exercícios que são mandados para casa pelo professor e, por outro, preparar a matéria que se segue, muitas vezes pela leitura de texto do livro, de documentos ou, até mesmo, através da realização de exercícios do manual ou de pesquisas que o professor mande com o objetivo de testar os conhecimentos prévios dos alunos. A nível do domínio afetivo permitem desenvolver hábitos de trabalho, espírito de pesquisa, interesse, responsabilidade, capacidade criativa e trabalho independente, além de dar a conhecer dificuldades que não seriam descobertas durante o tempo de aula.³³

³³ RODRIGUES, Henrique – *Didática e Pedagogia do Ensino da História, o.c.*, p. 9.

Muitas vezes, os testemunhos reais são uma ferramenta valiosa no que à motivação dos alunos e ao ensino da história diz respeito. Tendo esse aspeto presente, não hesitei quando me foi concedida a oportunidade de entrevistar um dos maiores vultos da “Revolução dos Cravos”, o Coronel Otelo Saraiva de Carvalho, aquando da sua visita a algumas escolas do concelho de Viana do Castelo (no âmbito das comemorações do 38.º aniversário do 25 de abril de 1974) que decorreram durante os dias 19 e 20 de abril de 2012. Durante essas visitas, o Coronel encheu auditórios de escolas com alunos, professores, funcionários ou meros interessados nas suas palavras e nos seus relatos. A entrevista ocorreu na visita do Coronel à Escola Secundária de Santa Maria Maior no dia 20 de abril de 2012. No final da sessão no auditório da escola o Coronel mostrou a sua enorme disponibilidade para responder às minhas perguntas, conseguindo arranjar algum tempo na sua preenchida agenda.

Esta entrevista pareceu-me desde o início uma ideia bastante vantajosa, já que envolvia um dos ícones da Revolução que pôs termo ao Estado Novo e, como tal, uma das personalidades mais indicadas para responder a dúvidas e questões relacionadas com a referida revolução. As vantagens desta entrevista não se esgotam por aqui, pois esta constitui também um ótimo instrumento de trabalho para explorar no contexto de sala de aula, conjuntamente com os alunos, quer no seu formato áudio ou na sua forma escrita. A entrevista realizada pode ser muito importante para os alunos, que vivem num tempo já muito distante da Revolução e a quem a Revolução já pouco ou nada diz, ganharem consciência do quão difícil foi a luta pela liberdade, que eles sempre conheceram (felizmente) e o quão importante foi para a nossa sociedade o alcance da mesma através da Revolução ocorrida a 25 de abril de 1974, praticamente há 4 décadas atrás.

A entrevista realizada permite explorar questões fulcrais relacionadas com a revolução, desde a sua preparação e planeamento, as influências e os apoios externos com que contou, os acontecimentos marcantes do próprio dia e até uma mensagem deixada por Otelo Saraiva de Carvalho à juventude portuguesa.

Assim, através das palavras do Coronel Otelo Saraiva de Carvalho, os alunos ficaram esclarecidos relativamente a uma questão que eles próprios poderiam colocar que é: *Como surge o 25 de abril?* Com um vocabulário conciso e com objetividade Otelo afirma que “ O 25 de abril surge em consequência (...) de uma Guerra Colonial que já durava havia 12 anos. (...) O governo da ditadura, liderado pelo prof. Marcello Caetano,

decide dar continuidade à Guerra Colonial que já durava há 12 anos, quando nós, militares do Quadro Permanente, e o povo deste país estava à espera que fosse encontrada uma solução política que estancasse a Guerra Colonial (...) e que não permitisse a partir daí que 200 000 jovens portugueses tivessem que estiolar em situações de perigo na Guerra Colonial e perder, por vezes, as suas vidas ao serviço de uma causa perfeitamente injusta. (...) Isso não acontece e, pelo contrário, o Governo Fascista toma medidas no sentido de dar continuidade à Guerra Colonial. Então, ultrapassados os limites considerados admissíveis (...) os Capitães vão agora aliciar oficiais de outras patentes e outros ramos das Forças Armadas para símbolos do Exército. Vão organizar-se, vão realizar eleições dentro de si para escolher uma Comissão Diretiva e tudo isto vai tomando forma com o sentido objetivo de um dia derrubar o Governo.”



Figura 24 – Salgueiro Maia, um dos capitães de abril, em plena ação durante a Revolução.³⁴

O Coronel, eloquente, admite que “ havia por parte do presidente dos Estados Unidos (...) John Kennedy, em 1961 uma pressão grande no sentido de Portugal conceder a independência a Angola e Moçambique, sobretudo, pois havia interesses económicos em jogo, por parte dos Estados Unidos da América.”, no entanto afirma, categoricamente, que não existiu “nenhum apoio estrangeiro” quando o MFA levou avante a revolução e para

³⁴ *Nova biografia acusa Salgueiro Maia de mentir, Revista Sábado.* [Consultado a 10 de fevereiro de 2013]. Disponível em: < <http://www.sabado.pt/Multimedia/FOTOS/Fotogaleria/Fotogaleria-%28502%29.aspx>>.

além disso “quando se dá o 25 de abril (...) a CIA e o Embaixador americano em Lisboa são apanhados completamente de surpresa, não esperavam que houvesse, sobretudo depois (da tentativa neutralizada) do 16 de março, uma nova operação militar com o objetivo de derrubar o Governo.”



Figura 25 – Logótipo do Movimento das Forças Armadas.³⁵

Otelo Saraiva de Carvalho afiança que “houve momentos de hesitação”, mas nunca da sua parte, “porque eu tinha a certeza que íamos ganhar. Se as missões fossem todas cumpridas íamos ganhar.” Quando confrontado com aquilo que valeu a pena na revolução de 25 de abril de 1974, Otelo não tem dúvidas “valeu a pena a reconquista daquilo que é fundamental para qualquer ser humano, eu diria mesmo que é fundamental para qualquer ser vivo, que é a liberdade. A liberdade é um bem precioso, um bem inestimável que nós devemos preservar a todo o custo...”

Para finalizar o Capitão de Abril deixa uma mensagem aos jovens: “Há valores fundamentais, como são os casos da liberdade, da dignidade, do conceito de ser um cidadão livre na posse dos seus direitos sociais, políticos e civis. Este conceito do que é a liberdade que deve ser preservada a todo o custo e lutar por ela sempre, pela continuidade do gozo das liberdades. O conceito da dignidade do ser humano que não pode ser rebaixado, não deve ser humilhado, espezinhado. O conceito de cidadania, de cada um de

³⁵ Núcleo de Estudos 25 de Abril. [Consultado a 10 de fevereiro de 2013]. Disponível em: <<http://nucleoestudos25abril.blogspot.pt/2012/12/reuniao-de-obidos-39-anos-apos.html>>.

nós se sentir um cidadão livre, num Estado livre, em que os seus direitos sejam assegurados e ele deve também cumprir os seus deveres.”



Figura 26 – O povo, em comunhão com os militares, celebra a conquista da liberdade.³⁶

³⁶ Biblioteca da Nazaré: Cravos de Abril - O 25 de Abril de José Gomes Ferreira. [Consultado a 10 de fevereiro de 2013]. Disponível em: <<http://bibliotecadanazare.blogspot.pt/2011/04/cravos-de-abril-o-25-de-abril-de-jose.html>>.

CAPÍTULO IV – Reflexão global sobre o percurso realizado na Prática de Ensino Supervisionada

Neste capítulo é descrita a experiência que tive ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, onde se incluem os dois ciclos em que estive inserido (1.º e 2.º Ciclo), que ocorreu ao longo dos dois semestres que compuseram o ano letivo 2011/2012. Apesar do receio inicial, que considero ser normal para quem ainda não tinha sido verdadeiramente posto à prova no papel de professor, a experiência nestes dois ciclos acabou por ser muito gratificante e, mais importante do que isso, fez-me ter a certeza de que é este o caminho que pretendo seguir.

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.”

(Jean Piaget)

Inicialmente, logo no princípio de outubro de 2011 começamos com a PES I. No primeiro semestre a PES ocorreu no 1.º ciclo de escolaridade, tendo tocado em sorte a mim e à minha colega de par pedagógico uma turma de 3.º ano, em que a idade dos alunos que dela faziam parte variava entre os 8 e os 11 anos (apenas 1 aluna). Já no 2.º semestre, tudo foi diferente. A PESII ocorreu no 2.º ciclo de escolaridade e a antiga parceria foi desfeita, passando eu agora a fazer parte de um trio pedagógico, com colegas com as quais estava já mais habituado a trabalhar. Nessa experiência, foi-nos atribuída uma turma do 6.º ano de escolaridade, com alunos de 11 (uma vez que até à data em que a PES terminou ainda não tinha sido a data do seu aniversário), 12 e 13 anos.

“Não se pode falar de educação sem amor.”

(Paulo Freire)

Tudo foi diferente, de um ciclo para o outro. No entanto, há em comum o facto de boas recordações desses tempos permanecerem intactas e guardadas ainda dentro de mim, bem como de crianças que jamais esquecerei e que, posso aqui afirmar, tão cedo não esquecerão o professor Carlos. Foi exatamente isso que eu mais valorizei ao longo desta experiência, a boa relação e a fácil comunicação com todas as crianças e a amizade estabelecida com algumas delas, que, hoje, sabem que têm em mim, antes de alguém que tinha como tarefa ensiná-las (ou melhor, incentivá-las a descobrir), acima de tudo um amigo.



Figura 27 - Realização de uma experiência com alunos do 3.º ano de escolaridade.³⁷

No início de outubro de 2011, após sorteio, foi-nos indicada (a mim e à minha colega) a escola onde iríamos ter a oportunidade de estagiar ao nível do 1.º ciclo de escolaridade. Calhou-nos, então, uma das escolas primárias existentes na cidade de Viana do Castelo. Foi-nos, por essa altura, concedido um período de observação e adaptação de 3 semanas, as quais eu aproveitei para consolidar uma boa relação com os alunos, para depois estar totalmente à vontade quando chegasse a altura de intervir. Considerei este

³⁷ Foto da autoria de Cátia Agra.

tempo de observação essencial para encarar com otimismo o período de implementação que se seguiu, na medida em que estabeleci uma relação cúmplice com os alunos e, ao mesmo tempo, me apercebi de algumas rotinas existentes na turma. Um dos factos, de que, apenas quando tive a oportunidade de estar perante uma turma a lecionar, me apercebi foi de que o professor é sempre o primeiro dos alunos. Quero eu dizer com isto que ao preparar as aulas, em casa, tive contacto com matérias em que a falta de hábito e de treino obrigou a que fosse revista e também estudada por mim, de modo a que a aula ficasse bem preparada e eu pudesse ser uma voz sólida na sua transmissão, bem como uma ajuda credível para alunos que tivessem mais dificuldades ou apresentassem dúvidas.

“Com organização e tempo, encontra-se o segredo para fazer tudo e bem feito.”
(Pitágoras)

Esta foi uma experiência que exigiu bastante de mim. Como éramos dois professores estagiários a lidar com a mesma turma, o sistema adotado foi o seguinte: cada um de nós (estagiários) era responsável por conduzir as aulas da turma, de segunda a quarta-feira, em semanas diferentes. Isto é, enquanto numa semana um de nós dava aulas, o outro tinha (em conjunto com a professora cooperante) que preparar e planificar convenientemente, e de acordo com as orientações da docente cooperante, as aulas que iria lecionar na semana seguinte. Este sistema não permitia, portanto, grande sentimento de descompressão, já que era obrigado a estar sempre em atividade, devido às responsabilidades que tinha semanalmente. Exatamente por ser tão exigente, este estágio realizado no 1.º ciclo fez-me crescer, ganhar conhecimentos didáticos e até apurar competências que tinha pouco cimentadas, como o método e a organização. Sem uma boa organização seria impossível levar avante esta prática pedagógica, uma vez que se tornaria difícil conciliar a planificação, preparação e reflexão das aulas com o arranjo de materiais e todas as tarefas adjacentes às aulas que tinha às sextas-feiras.

Foi um estágio exigente, pois estava com a turma desde as 9 da manhã até às 3 e meia da tarde, com interrupção no intervalo da manhã e na hora de almoço. No entanto, essa exigência de ter que lecionar conteúdos e liderar uma turma que não era propriamente muito fácil, uma vez que apesar do seu bom aproveitamento ao nível global o seu comportamento geral nem sempre era o melhor, foi muito enriquecedora. Apesar disso,

sempre consegui levar avante aquilo a que (em casa) me propunha, ou seja, dar a matéria que havia planeado e perceber que os alunos a assimilaram.

Uma das aulas que mais prazer me deu lecionar foi de Estudo do Meio, acerca da história local de Viana do Castelo e que, ainda por cima, foi visionada com fins avaliativos pelo professor Henrique Rodrigues. As razões pelas quais esta aula me deu tanto deleite e satisfação são muito simples. Em primeiro lugar, a História (no caso o Estudo do Meio) sempre me deu mais prazer do que as outras disciplinas. Depois, é sempre com enorme alegria que falo de Viana do Castelo, cidade que eu adoro e na qual passei muito bons momentos, os quais para sempre recordarei. A juntar a isto, foi muito interessante ver os alunos a terem uma aula acerca da sua própria cidade (estando, por isso, bastante entusiasmados e atentos) e a repararem e a darem valor a monumentos em que muitas vezes nem reparam. Interessante foi, também, a espécie de competição entre os alunos na tentativa de mostrar ao professor quem sabia mais acerca da cidade ou quem conhecia melhor Viana do Castelo. A aula baseou-se em diapositivos com lugares, monumentos da cidade, edifícios, serviços e até romarias e os alunos do seu lugar e de forma ordenada diziam o nome correspondente à imagem, registando, posteriormente, no seu caderno o nome de monumentos, tradições, igrejas, ruas, danças tradicionais, etc. Nessa aula distribuí pelos alunos miniaturas em papel da bandeira e do brasão da cidade de Viana do Castelo para que os alunos colorissem com as cores correspondentes. Os alunos foram também alertados para o facto de a cidade nem sempre ter sido como a conhecemos nos dias que hoje correm, pois nem sempre foi cidade. Por isso, para finalizar a aula, projetei no quadro a carta de foral concedida à cidade de Viana do Castelo em 1258 por D. Afonso III. A aula foi do agrado do professor orientador que, apenas, apontou um ou outro aspeto que podia ser melhorado e foi uma das melhores recordações com que fiquei do 1.º ciclo de escolaridade e foi também das últimas, já que esta aula se realizou em janeiro. Esta experiência no 1.º ciclo fez-me crescer, evoluir e ganhar um maior sentido de responsabilidade. Considero este ciclo mais exigente do que o 2.º, devido ao facto de ter que ser tudo mais pensado ao pormenor, pelo simples facto de as crianças serem mais novas. É também importante não falhar neste ciclo, pois é neste ciclo que as crianças adquirem todas as suas competências básicas e se uma criança não sair deste ciclo com todas as bases que necessita e que são essenciais, este poderá ser um problema irremediável no futuro. Por isso, quem dá aulas no 1.º ciclo tem que estar sempre

consciente da sua responsabilidade e de que se encontra na presença do futuro do nosso país, cidade ou freguesia. Descurar essa responsabilidade é o primeiro passo para um futuro condenado.

No que respeita ao 2.º ciclo, o sistema já funcionou de uma forma muito diferente daquilo a que vínhamos habituados no 1.º ciclo. Como já referi em linhas anteriores, no 2.º ciclo deixei de fazer parte de um par pedagógico para passar a pertencer a um trio, do qual faziam parte (para além de mim) duas colegas com as quais estava já mais habituado a trabalhar e que não fizeram parilha comigo durante o estágio no 1.º ciclo por mero capricho do sorteio. Esta passagem pelo 2.º ciclo de escolaridade deixou marcas em mim e gerou um enorme sentimento de um dia querer voltar, caso haja possibilidade, para aquela escola (escola básica integrada de uma freguesia limítrofe do concelho de Viana do Castelo). Todos aqueles miúdos que constituíam a turma de 6.º ano onde fomos colocados a estagiar ficarão para sempre na minha memória, por várias razões. A turma era extremamente bem comportada, humilde, curiosa e com muita vontade de aprender e perante todas estas características foi simplesmente um prazer lecionar e trabalhar em conjunto com esta turma. Neste aspeto, foi também extremamente importante todo o apoio que tive por parte dos diferentes professores cooperantes, que se mostraram sempre bastante disponíveis a ajudar-me, não esquecendo também todos os outros professores, que tudo fizeram para que os estagiários se sentissem apoiados e integrados, reinando, então, um clima saudável de boa disposição. Lembro-me de, inicialmente, estar expectante e até um pouco apreensivo, devido ao facto de nunca ter passado pela experiência de ter que lecionar 4 disciplinas, ainda por cima, sendo elas tão diferentes umas das outras. Como eu fazia parte de um trio pedagógico, a distribuição das disciplinas foi perfeita. Isto é, um de nós ficava responsável por dar as aulas de LP, o outro ficava a seu cargo com a disciplina de Matemática e o elemento restante acartava com HGP e CN simultaneamente. No entanto, estas 2 disciplinas em conjunto tinham exatamente a mesma carga horária que cada uma das outras mencionadas. A PES II teve a duração de 12 semanas, corretamente distribuídas. Senão vejamos: 3 semanas destinadas à observação das aulas da turma nas 4 diferentes disciplinas, 3 semanas para lecionar LP, 3 semanas para lecionar HGP e CN e 3 semanas para lecionar Matemática. Devo acrescentar que a ordem atrás apresentada foi aquela que se verificou no meu caso, tendo, logicamente, a das minhas colegas sido diferente.

Tenho que referir, mais uma vez, a enorme importância que tiveram as 3 semanas de observação, pois quando tive que iniciar a lecionação (no caso, Língua Portuguesa) a minha relação com os alunos já era excelente, muito devido, também, à sua curiosidade e exaltação em relação aos professores estagiários. O facto de esta experiência ter corrido tão bem começa logo por aí, pelo facto de os alunos estarem tão entusiasmados com a vinda destes “novos professores” e por todo o carinho que me deram durante a minha estadia naquela escola. Isto a juntar ao seu exemplar comportamento nas aulas e a sua vontade de participar, fez com que esta turma me tenha deixado uma imensidão de saudades.

Através do meu empenho, esforço e dedicação, consegui levar avante aquilo a que me propus, ou seja, concluir o estágio com um bom desempenho e com o sentimento de missão cumprida. Apesar de não gostar de todas as disciplinas que lecionei da mesma maneira, esforcei-me para que em todas me saísse bem e assim acabou por acontecer. No entanto, estava claro para mim que a disciplina que mais prazer me dava e onde eu estava mais à vontade era a HGP. Por coincidência, quando chegou a minha vez de lecionar esta disciplina, o tema que ia ser abordado era a Revolução do 25 de abril de 1974, o que acabou por ser totalmente do meu agrado e me facilitou o trabalho a nível da preparação da matéria, uma vez que já andava a preparar os inquéritos, que posteriormente apliquei. Durante as 3 semanas em que lecionei a disciplina, fui alvo de 2 avaliações por parte do professor orientador, as quais acabaram por decorrer normalmente e com um resultado final bastante satisfatório. Tive sempre como grande preocupação estabelecer, de uma aula para a outra, uma “ponte” com a matéria que tinha ficado para trás e com aquela que ia ser dada. Isso era feito através do diálogo e questionamento dos alunos e só depois de revista a aula que tinha passado é que entrava a fundo na nova matéria. Os esquemas que idealizei para as aulas, a fim de expor a matéria, resultaram muito bem, já que, dessa forma, os alunos conseguiram assimilar melhor os conteúdos do que se limitassem a estudar um texto contendo exatamente a mesma matéria. Os conteúdos foram esquematizados no quadro de forma simples e quase rudimentar, sempre com o contributo dos alunos, uma vez que eu só avançava na construção do esquema à medida que os alunos, oralmente, iam contribuindo para a sua construção. Nada era esquematizado sem a participação ativa dos alunos. Outra aposta forte, da minha parte, incidiu na interpretação de documentos (na maioria, ilustrações ou cartoons), partindo sempre da sua análise para o debate de ideias. É,

também, de referir o enorme interesse e a grande atenção prestada pelos alunos aquando da exibição de um vídeo alusivo à Revolução de 25 de abril de 1974.

Apesar de não ter havido um teste para os alunos poderem aferir os conhecimentos adquiridos acerca desta temática ao longo das aulas, foi-lhes proposto que, organizados em grupos, elaborassem um trabalho acerca de um dos seguintes temas: “O 25 de abril de 1974” ou o “1.º de maio”. Os alunos, dispostos em 4 grupos de 4 elementos, acabaram por escolher o tema de forma equitativa, o que quer dizer que 2 grupos optaram pelo tema “O 25 de abril de 1974” e os outros dois pelo tema do “1.º de maio”. O resultado final deste trabalho foi positivo em todos os grupos, que nos seus trabalhos acabaram por cumprir os objetivos mínimos. No entanto, e como é natural que aconteça, um dos trabalhos acabou por se destacar dos demais, pois tinha imensa qualidade ao nível do texto, da escolha das imagens e da apresentação gráfica.

Em suma, esta passagem pelo 2.º ciclo, mais concretamente por uma turma do 6.º ano de escolaridade, foi memorável e jamais me irei esquecer dela. Desde os alunos, passando pelos funcionários da escola e até aos professores só tenho uma palavra para com todos eles: obrigado!

CONCLUSÃO

Passaram cerca de quatro décadas (38 anos e alguns meses, na altura em que estas linhas são escritas) desde que no dia 25 de abril de 1974 um grupo de militares inconformados, identificados como MFA, fez cair o regime ditatorial que desde 1933 tomava conta de Portugal. Nesse dia, militares e povo conjuntamente, celebraram aquela que era “a vitória das vitórias” de importância fundamental para a Democracia. No entanto, e em comparação com outros países europeus, este foi um “acordar” tardio ao nível da abertura ao Mundo e simultaneamente à evolução e ao desenvolvimento, tendo essa sido uma fatura pesada para os portugueses. Ainda assim, esse é um aspeto menor quando pensamos nos benefícios e nas facilidades que a revolução acabou por trazer à sociedade portuguesa que até essa data se via privada de alguns dos direitos mais básicos do cidadão como a liberdade de expressão e o direito à greve.

Ainda hoje essa data é devidamente assinalada e comemorada com um feriado nacional no dia 25 de abril de cada ano. Por isso, hoje em dia, a “Revolução dos Cravos” é ainda lembrada e estudada, fazendo parte integrante dos conteúdos programáticos da disciplina de História e Geografia de Portugal do 6.º ano de escolaridade do ensino básico. Posto isto, achei importante aplicar um inquérito junto de duas turmas do 6.º ano de escolaridade na escola onde realizei a PES II, que no início identifiquei por “Escola de Santiago”. O inquérito foi alvo de um cuidado processo de elaboração, e para isso foram necessárias reuniões com o professor orientador Henrique Rodrigues e com as colegas que também tinham um relatório final cujo tema estava relacionado com a História e Geografia de Portugal. Através da troca de opiniões, do debate e da boa relação que mantínhamos uns com os outros não foi difícil encontrar uma tipologia de inquérito que considerássemos ser a mais indicada. Faltava, então, dar o próximo passo que era obter as autorizações necessárias para aplicá-lo na escola onde estagiava. Daqui não resultaram dificuldades e após uma conversa com a diretora da escola e depois de garantido o anonimato dos alunos, a professora Graça Pires (diretora) não só autorizou que o inquérito fosse aplicado como achou bastante interessante e produtivo que tal sucedesse. Esse inquérito foi preenchido por 34 alunos distribuídos por 2 turmas e estava dividido em duas partes distintas: a primeira dedicada aos dados pessoais dos alunos e aos seus hábitos de estudo e a segunda

composta por quatro diferentes exercícios relacionados com Estado Novo e revolução de 25 de abril de 1974, que veio pôr um fim ao mesmo. É de salientar que, aquando da revolução, os pais dos inquiridos eram crianças e outros ainda não tinham visto a luz do dia. Os alunos (no cômputo geral) sem exibirem elevados requisitos no contexto das aprendizagens, fizeram prova, através das suas respostas, de serem possuidores de conhecimento dos factos ocorridos. Na sua generalidade, os alunos conseguem reconhecer as principais figuras da época, estejam elas ligadas ao Estado Novo ou sendo elas pertencentes ao lote de personalidades que abraçou a causa da luta pela Democracia no nosso país. Figuras tão importantes na nossa história como António de Oliveira Salazar, Américo Tomás, Marcello Caetano, José (Zeca) Afonso, Mário Soares e Salgueiro Maia são quase unanimemente reconhecidos pelos alunos que realizaram este questionário e facilmente associados por eles à Ditadura ou à Democracia, conforme o caso específico de cada uma das diferentes personalidades. Os resultados obtidos com os inquéritos são satisfatórios e demonstram, de certa maneira, que os alunos das gerações mais recentes continuam a valorizar esse acontecimento e estão informados sobre ele, muitas das vezes devido a conhecimentos transmitidos por membros mais velhos da família, ocorrendo, portanto, essa transmissão de conhecimentos num contexto extra escola.

Os manuais escolares têm também responsabilidade na preservação da “memória de abril” e muito daquilo que os alunos absorvem deve-se à forma como este conteúdo é tratado nos mesmos. Por isso, neste relatório foram comparados dois manuais escolares na tentativa de clarificar qual deles tratava melhor a matéria em questão. Preocupações também as houve quanto à didática da História e Geografia de Portugal, na procura das mais adequadas estratégias de sala de aula para cativar e prender a atenção dos alunos, numa disciplina comumente mal-amada.

Para acrescentar a tudo isto, realizei também uma entrevista a uma das maiores figuras da “Revolução dos Cravos” o coronel Otelo Saraiva de Carvalho, a fim de obter um testemunho real (com maior conhecimento e proximidade dos factos era praticamente impossível) acerca da revolução, desde a sua preparação até ao seu culminar vitorioso. O Coronel, sempre acessível e cooperante realça a importância da liberdade conquistada, bem como a sua preservação: *“Este conceito do que é a liberdade que deve ser preservada a todo o custo e lutar por ela sempre, pela continuidade do gozo das liberdades.”*

Assim, o 25 de abril de 1974 deve perdurar na memória coletiva de todos nós e os valores pela qual se regeu devem ser preservados e exaltados.

BIBLIOGRAFIA

1º Encontro de História da Educação em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 1988.

BABO, Alexandre [et al.] - *Abril, abril*. Lisboa: Avante, 1975.

BONBOIR, Anna - *Como avaliar os alunos*. Lisboa: Seara Nova, 1976.

CABRAL, Marianela – *Como Analisar Manuais Escolares*. Lisboa: Texto Editores, 2005.

CAPELO, Rui Grilo [et al.] - *História de Portugal em Datas*. Lisboa : Temas & Debates, 2007.

CARDOSO, General Silva - *Angola, anatomia de uma tragédia*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro, 2005.

CERVELLÓ, Josep Sánchez - *A revolução portuguesa e a sua influência na transição espanhola: (1961-1976)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

CRUZ, Manuel Braga - *O Partido e o estado no Salazarismo*. Lisboa: Editorial Presença, cop. 1988.

FERREIRA, José Medeiros - *Ensaio histórico sobre a revolução do 25 de abril: o período pré-constitucional*. Lisboa: Publicações Alfa: 1983.

FIDALGO, Joaquim, Diretor - *25 de abril, antes e depois*. Porto: Público, 1999.

FONSECA, Abel; PACHECO, Fernando Assis; GOMES, Adelino - *Portugal livre: 20 fotógrafos da imprensa contam tudo sobre a revolução das flores*. Lisboa: Lisboa Editorial O Século: 1974.

HERCULANO, Alexandre – *História de Portugal*. Lisboa: Ulmeiro, cop. 1980.

MARQUES, Oliveira e SERRÃO, Joel – *Nova História de Portugal*, vol. 11: Portugal da Monarquia para a República. Lisboa: Presença, 1987-2004.

MARQUES, Oliveira e SERRÃO, Joel – *Nova História de Portugal*, vol. 12: Portugal e o Estado Novo (1930-1960). Lisboa: Presença, 1987-2004.

MARQUES, Oliveira – *História de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

MARTINS, Oliveira – *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

MATTOSO, José (coord.) - *História de Portugal*, vol. 6: Crise e revolução (1890-1926). Lisboa: Estampa, D.L. 1993.

MEDINA, João – *História de Portugal Contemporâneo: político e institucional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1994.

OLIVEIRA, Ana [et al.] – *Nova História 9*. 1ª ed. Lisboa: Texto Editores, Lda., 2008.

OLIVEIRA, César – *Os anos decisivos: Portugal 1962 – 1985: um testemunho*. Lisboa: Editorial Presença: 1993.

PATO, Maria Helena - *Trabalho de grupo no ensino básico: guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora, 1995.

PESTANA, Manuel Inácio - *Didática do ensino da História*. Coimbra: Atlântida, 1966.

PROENÇA, Maria Cândida – *Didática da História*. Universidade Aberta: 1989.

PROENÇA, Maria Cândida – *Ensinar / Aprender História – questões da didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte: 1990.

PROENÇA, Maria Cândida - *História: Estado Novo: materiais para professores*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1977.

REIS, António (coord.) - *Portugal Contemporâneo*, vol. 5: Declínio e queda do Estado Novo; Inovações e contradições na estrutura económica e social; Tempos de mudança na vida cultural; Valores e mentalidades em confronto. Lisboa: Publicações Alfa: 1990.

RIBEIRO, Lucie Carrilho - *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto, 1989.

ROCHA, Maria Donzília Ferreira da – *Atuação pedagógica do professor e do desenvolvimento pessoal e social dos seus educandos: análise dos comportamentos dos alunos face à metodologia utilizada pelo professor*. Viana do Castelo: Ed. autor, 1997.

RODRIGUES, Henrique - *Didática e Pedagogia do ensino da História*, in *1º Encontro de História da Educação em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

RODRIGUES, Henrique – *Didática e Pedagogia do Ensino da História: Um conjunto de experiências*. Viana do Castelo: 1986. (policopiado)

RODRIGUES, Henrique - *O Papel Formativo da História*. Viana do Castelo: 1988. (policopiado)

ROSAS, Fernando (coord.) – *História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974) – vol.7*. Lisboa: Estampa, D. L. 1993.

SALEMA, Maria Helena – *Ensinar e aprender a pensar*. Lisboa: Texto Editora, 1997.

SANTO, Manuela Espírito - *O ano em que nasceu Abril: 1974*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa - *Reinventar a democracia*. Lisboa: Gradiva, 1998.

SARAIVA, José Hermano (coord.) - *História de Portugal*, vol. 3: 1640 – atualidade. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.

SEQUEIRA, Maria de Fátima – *Manual para elaboração de Teses de Mestrado e Doutoramento em Educação*. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho, 1990.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, vol. XI: A Primeira República (1910 – 1920). Lisboa: Verbo, 1978 – 1979.

SOARES, Pedro - *Tarrafal, campo da morte lenta*. Lisboa: Avante, 1975.

SOUSA, M. J., BAPTISTA, C.S. - *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios - segundo Bolonha*. Lisboa: PACTOR- Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea, 2011.

TORMENTA, José Rafael - *Manuais escolares: inovação ou tradição*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996.

Bibliografia em rede:

ALVES, Nisa Ávila do Couto – *Investigação por inquérito*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2005/2006. Disponível em: <http://www.amendes.uac.pt/monograf/tra06investgInq.pdf>>.

AMARO, Ana [et al.] – *A arte de fazer questionários*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2004/2005. [Consultado a 18 de novembro de 2012]. Disponível em: <http://nautilus.fis.uc.pt/cec/esjf/wp-content/uploads/2009/11/elab_quest_quimica_up.pdf>-

ANDRADE, Luiz Alexandre – *Cinema como recurso didático nas aulas de história*. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/cinema-como-recurso-didatico>>.

MARTINHO, António Manuel Matoso – *A História da Educação na formação de professores*. Disponível em: <<http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/mathesis/mat9/mathesis9279.pdf>>.

MARTINS, Valdemar Nascimento Parreira - *Avaliação do valor educativo de um software de elaboração de partituras : um estudo de caso com o programa Final e no 1.º ciclo*. Braga: Instituto da Educação e Psicologia da Universidade de Braga, 2006.
Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6326/6/F-%20Cap%C3%ADtulo%203.pdf>>.

MESQUITA, Raimundo Nonato Silva - *O papel da didática no ensino-aprendizagem*. Disponível em: <<http://mesquit.bligoo.com.br/o-papel-da-didatica-no-processo-ensino-aprendizagem#.UPqHQfKnW-0>><http://mesquit.bligoo.com.br/o-papel-da-didatica-no-processo-ensino-aprendizagem#.UPqHQfKnW-0>>.

MORERIA, Joaquim Mendes – *Ensinar História, Hoje*. Revista da Faculdade de Letras. Porto: 2001 Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2307.pdf>><http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2307.pdf>>.

PEREIRA, Ana Bela – *Revista Lusófona da Educação*. n.15. Lisboa: 2010. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S164572502010000100014&script=sci_arttext>.

RAMOS, Graziela [et al.] – *A função educativa da autoavaliação*. Maio de 2006. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entriD=806>>.

Câmara Municipal de Viana do Castelo: <<http://www.cm-viana-castelo.pt/>>.

Direção Geral da Educação: Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto. Disponível em: <<http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=63>>.

Educação na Aldeia. Disponível em: <<http://educacao.aaldeia.net/psicologia-crianca-1012-anos/>>.

Junta de Freguesia de Castelo de Neiva: <<http://www.jf-castelodoneiva.com/site/>>.

República de Angola: Portal Oficial do Governo de Angola. Disponível em: <<http://www.governo.gov.ao/Historia.aspx>>.

Rutura integra a construção do Bloco de Esquerda. Disponível em: <<http://litci.org/especial/index.php/construcao/portugal/portugal-artigos/1809-ruptura-integra-a-construcao-do-bloco-de-esquerda>>.

ANEXOS

ANEXO I

Planificação da aula de Língua Portuguesa



Agrupamento de Escolas Foz do Neiva

Planificação de Aula



Departamento Curricular/Ciclo: Línguas

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano de escolaridade: 6º Ano

Ano letivo: 2011/2012

Duração: 90'

Nome do Professor estagiário: Carlos Cepa

Data: 08 / 03 / 2012

Turma: 6º C

Nome do Professor Orientador Cooperante: Sandra Silva

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

1º Ciclo

- Leitura
- Escrita
- A classe dos pronomes: pessoais; possessivos; demonstrativos; interrogativos.

2.ª Ciclo – 5.º ano

- A classe das preposições

Temas/Conteúdos	Ideias detetadas nos alunos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p>Unidade 4 – Sonhos e Aventuras</p> <p>Lição 18 – A classe dos pronomes</p> <p>- Pronomes possessivos</p> <p>- Pronomes demonstrativos</p>	<p>A maioria dos alunos demonstrou pouco à vontade em relação ao conteúdo dos pronomes possessivos, na ficha de levantamento de conceções que lhes foi entregue. Os alunos demonstraram algumas limitações ao nível da utilização/adequação dos pronomes possessivos.</p>	<p>- O aluno identifica e usa as formas dos paradigmas dos pronomes. (MF82)</p> <p>- O aluno identifica e usa os paradigmas de flexão nominal (número, género). (MI82.1)</p> <p>- O aluno identifica as classes e subclasses fechadas de palavras e mobiliza esse conhecimento na compreensão e na produção de textos. (MF93)</p> <p>- O aluno identifica classes (preposições) e subclasses fechadas de palavras (artigos, demonstrativos, possessivos, pronomes pessoais) e</p>	<p>A aula é iniciada com a escrita do sumário relativo aos conteúdos que foram abordados na aula anterior.</p> <p>Como forma de iniciar a aula, o professor escreve no quadro as seguintes frases:</p> <p>“Podes contar com a minha amizade. Eu contarei com a tua.”</p> <p>“A Susana elogiou os teus desenhos, mas também gostou dos meus.”</p> <p>Posteriormente, o professor pede aos alunos que identifiquem os pronomes possessivos presentes nas frases que estão escritas no quadro. Espera-se</p>	<p>Grelhas de observação/avaliação:</p> <p>- atitudes;</p> <p>- expressão oral;</p> <p>- leitura;</p> <p>- escrita.</p>

		<p>mobiliza esse conhecimento na compreensão e na produção de textos. (MI93.1)</p>	<p>que os alunos respondam que os pronomes possessivos das frases são: “minha”; “tua”; “teus”; “meus”.</p> <p>De seguida, o professor entrega aos alunos um quadro sobre a classe dos pronomes possessivos para que os alunos completem de acordo com o que é pedido. Os alunos colam-no no caderno diário. (Anexo LP_3 – 3C)</p> <p>Como modo de introdução aos pronomes demonstrativos o professor fornece aos alunos uma pequena banda desenhada, de maneira a que os alunos identifiquem a classe a que as palavras destacadas pertencem. (Anexo LP_4 – 4C)</p> <p>De seguida, o professor entrega aos alunos um quadro sobre a classe dos pronomes demonstrativos para que os</p>	
--	--	--	--	--

			<p>alunos completem de acordo com o que é pedido. Os alunos colam-no no caderno diário. (Anexo LP_5 – 5C)</p> <p>Como forma de consolidar os conteúdos abordados anteriormente, os alunos resolvem os exercícios de aplicação da página 173 do manual. A correção dos exercícios é feita no final de cada exercício (Anexo LP_6 – 6C).</p>	
--	--	--	--	--

Bibliografia:

- ✓ LOPES, Maria do Céu ; ROLA, Dulce Neves; “Novo Português em linha”- Língua Portuguesa- 6º ano; Lisboa, 2005; Plátano Editora.
- ✓ “Metas de Aprendizagem”- Ministério da Educação- DGIDC.
- ✓ AMORIM Clara; COSTA, Vera; “À Descoberta da Gramática”- 1º Ciclo do Ensino Básico; 2011; Areal Editores.

- ✓ PINTO, J M de Castro LOPES, Maria do Céu Vieira; NEVS, Manuela; “Gramática do Português Moderno”; Lisboa; 1998; Plátano Editores.

ANEXO II

Planificação da aula de Ciências da Natureza



Agrupamento de Escolas Foz do Neiva



Planificação de Aula

Departamento Curricular/Ciclo: Ciências Exatas

Disciplina: Ciências da Natureza

Ano de escolaridade: 6º Ano

Ano letivo: 2011/2012

Duração: 45'

Nome do Professor estagiário: Carlos Cepa

Data: 11 de abril de 2012

Turma: 6ºC

Nome do Professor Orientador Cooperante: Isabel Maria Martins de Araújo Barbosa

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

1ºCiclo

Domínio: Conhecimento do Meio Natural e Social

Subdomínio: Viver melhor na Terra

Meta final: O aluno sistematiza as modificações ocorridas no seu corpo, explicando as funções principais dos órgãos constituintes, bem como as funções vitais de sistemas humanos, e relaciona características fisionómicas de membros da mesma família.

✓ O aluno identifica a função reprodutora/sexual

Temas/Conteúdos	Ideias detetadas nos alunos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Avaliação
<p>Bloco 1- Processos vitais comuns aos seres vivos</p> <p>Transmissão da vida</p> <p>Unidade 7- Reprodução humana e crescimento</p>	<p>- Os alunos não conseguem identificar os órgãos inerentes, quer ao sistema reprodutor feminino quer ao sistema reprodutor masculino.</p> <p>A maioria dos alunos entende por reprodução algo de novo, algo que nasce de novo, referindo:</p> <p>“reprodução é quando uma mulher engravida.”;</p> <p>“reprodução é quando se fazem os filhos.”;</p>	<p>Domínio: Viver melhor na Terra</p> <p>Subdomínio: Organismo humano</p> <p>O aluno identifica os caracteres sexuais (primários e secundários) e explica as funções principais dos órgãos bem como as funções vitais de sistemas humanos. MF8</p> <p>O aluno diferencia caracteres sexuais primários e secundários e identifica-os. MI8.1</p> <p>O aluno descreve os principais estádios do desenvolvimento humano (uterino e puberdade), distinguindo-os</p>	<p>No início da aula é redigido o sumário.</p> <p>No sentido de abordar os conteúdos propostos é apresentado aos alunos um pequeno texto intitulado: “O meu corpo está a mudar!”, sobre as mudanças que ocorrem no nosso corpo. (Anexo CN_1). Este texto é projetado para que todos os alunos o possam acompanhar.</p> <p>Depois de lido o texto, o professor incita o diálogo com os alunos e coloca algumas questões sobre o que acabaram de ler. (Diferença entre puberdade e adolescência, mudanças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grau de conhecimento: - Capacidade de Interpretação do texto projetado; - Compreensão dos conteúdos abordados na aula; - Comunicação e questionamento oral acerca dos conteúdos abordados na aula; - Organização;

	<p>“reprodução é a criação de um novo ser.”;</p> <p>“reprodução é “dar” um filho ao mundo!”</p> <p>Os alunos não sabem as etapas inerentes à conceção até ao nascimento de um ser humano.</p> <p>Os alunos confundem fecundação com ovulação.</p>	<p>entre si. (MI8.2)</p> <p>O aluno explica as funções dos órgãos e glândulas dos sistemas: digestivo, respiratório, circulatório, reprodutor e excretor e as dependências entre sistemas. (MI8.3)</p> <p>O aluno reconhece que a sexualidade humana envolve sentimentos de respeito de uns pelos outros. (MI8.4)</p>	<p>que irão ocorrer).</p> <p>Seguidamente, o professor, juntamente com os alunos, explora as fotografias que estes trouxeram quando eram bebés.</p> <p>O professor coloca as fotografias no quadro e pede aos alunos que tentem identificar quem é quem na turma. O professor pede no quadro para os alunos separarem as fotografias dos meninos das fotografias das meninas. Esta atividade tem como finalidade incutir nos alunos a ideia de que, enquanto pequenos, não conseguimos distinguir um rapaz de uma rapariga a não ser pelos seus órgãos sexuais ou pelas roupas e acessórios, brinquedos, ...</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Respeito pelo professor e colegas; - Cumprimento das regras de sala de aula; - Participação na aula; - Empenho nas tarefas da aula; - Formas de produção escrita; - Registos da aula.
--	---	---	--	--

			<p>No final da atividade o professor pergunta aos alunos se foi difícil fazer a distinção e pergunta também o que fazem as pessoas para distinguir meninos e meninas.</p> <p>Posteriormente, o professor apresenta um “powerpoint” (Anexo CN_2), apresentando os caracteres sexuais primários e os caracteres sexuais secundários, enquanto os alunos registam informações desse “powerpoint” no seu caderno diário.</p> <p>Para este conteúdo ficar consolidado, os alunos leem as páginas 134 e 135 do manual e resolvem as questões do “Já Sabes?” da página 135. (Anexo CN_3).</p>	
--	--	--	--	--

Bibliografia:

- Azevedo, J.; Santana, P.; Teixeira, C. (2005) Ciências da Natureza 6ºano. Lisboa: Texto Editores.
- Burnie, D. (1994) Dicionário Escolar da Natureza – 2000 entradas assunto a assunto. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Caldas, I.; Pestana, I. (2011) Ciências da Natureza 6ºano. Caderno de atividades. Carnaxide: Santillana.
- Caldas, I.; Pestana, I. (2011) Ciências da Natureza 6ºano. Guia de recursos do professor. Carnaxide: Santillana.
- Caldas, I.; Pestana, I. (2011) Ciências da Natureza 6ºano. Manual do Professor. Carnaxide: Santillana.
- Caldas, I.; Pestana, I. (2011) Ciências da Natureza 6ºano. Manual Interativo Multimédia do professor. Carnaxide: Santillana.
- Caldas, I.; Pestana, M. (2003) Terra Viva 5ºano. Carnaxide: Santillana.
- Departamento de Educação Básica (2004) Organização Curricular e Programa: Ensino Básico – 1o Ciclo (4a ed.). Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Feteira, S.; Magalhães, V. (2005) Ciências da Natureza – 2ºvolume. Lisboa: a folha cultural.
- Metas de Aprendizagem de Ciências da Natureza – 6ºano <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/metas/?area=22&level=4>, consultado em 23 de Fevereiro de 2012.
- Ministério da Educação (1991) Programa de Ciências da Natureza – Plano de Organização do Ensino e Aprendizagem, 2º ciclo. Vol.II. Lisboa: Ministério da Educação.

ANEXO III

Planificação da aula de História e Geografia de Portugal



Agrupamento de Escolas Foz do Neiva



Planificação de Aula

Departamento Curricular/Ciclo: Ciências Sociais e Humanas

Disciplina: História e Geografia de Portugal

Ano de escolaridade: 6º Ano

Ano letivo: 2011/2012

Duração: 90'

Nome do Professor estagiário: Carlos Cepa

Data: 11 de abril de 2012

Turma: 6ºC

Nome do Professor Orientador Cooperante: Lurdes Belo

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

1º Ciclo

- **Bloco 2: À Descoberta dos outros e das instituições**

4º Ano

2. PASSADO NACIONAL

- ✓ Recolher dados sobre aspetos da vida quotidiana de tempo em que ocorreram esses factos;
- ✓ Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal;
- ✓ Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalha ocorrida em local próximo, reis que concederam forais a localidades da região...);
- ✓ Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e o seu significado;
- ✓ Recolher dados sobre aspetos da vida quotidiana de tempo em que ocorreram esses factos;
- ✓ Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal;
- ✓ Conhecer unidades de tempo: o século.

3. RECONHER SÍMBOLOS NACIONAIS

- ✓ Bandeira nacional;
- ✓ Hino nacional.

Temas/Conteúdos	Ideias detetadas nos alunos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p>Tema D – O século XX</p> <p>D3- O 25 de abril de 1974 e o regime democrático</p> <p>3.1- O 25 de abril e a consolidação da democracia portuguesa</p> <p>O fim da ditadura</p> <p>O regresso da liberdade</p>	<p>Na ficha de levantamento de conceções que foi entregue aos alunos e que abordava exclusivamente o tema da Revolução de 25 de Abril de 1974, a grande maioria revelou algumas carências ao nível do domínio desta temática, não deixando, no entanto, de apresentar já algum conhecimento acerca do tema. As maiores dificuldades parecem</p>	<p>O aluno utiliza marcas cronológicas significativas para Portugal e para a Humanidade na construção de tabelas/frisos cronológicos. MF4</p> <p>O aluno usa datas essenciais para situar novas aprendizagens e constrói tabelas/frisos cronológicos simples que exprimam situações relevantes na História de Portugal desde as primeiras comunidades até ao século XVIII. MI4.1</p> <p>O aluno comunica por escrito e oralmente os seus conhecimentos e conceções sobre o passado histórico a realidade geográfica de Portugal. MF10</p>	<p>De modo a iniciar a aula, o professor, em conversa com os alunos, faz a ponte com os conteúdos abordados antes da interrupção letiva. Durante a conversa, o professor colocará algumas questões aos alunos que eles terão que responder, de modo a ser estabelecida uma ligação com a aula preparada para hoje.</p> <p>Depois, o professor apresenta os objetivos da aula, que passam pelas razões que levaram ao 25 de abril, a revolução e o que se passou no pós-25 de abril.</p> <p>Em seguida, e de modo a introduzir a</p>	<p>- Grelha de avaliação</p> <p>- Esquema síntese</p>

<p>A descolonização</p> <p>A Constituição de 1976</p> <p>As regiões Autónomas</p> <p>O poder local</p>	<p>ser ao nível do conhecimento das personalidades que, à época, faziam parte do regime ou, por outro lado, estavam contra ele. Dificuldades ao nível das razões e de toda uma conjuntura que levou à revolução parecem ainda longe de estar assimiladas, bem como a localização de datas importantes. Na ficha de levantamento são verificáveis também aspetos positivos, uma vez que a grande maioria dos alunos mostrou saber que a partir do momento em</p>	<p>O aluno comunica os seus conhecimentos e conceções sobre o passado histórico e a realidade geográfica em estudo, redigindo frases, legendagens, resumos e narrativas. MI10.1</p> <p>O aluno interpreta fontes diversas e, com base na informação que seleciona e nos seus conhecimentos prévios, constrói conhecimento acerca do passado em estudo. MF6</p> <p>O aluno reconhece a existência de diferentes pontos de vista justificando parte das diferenças como associadas às especificidades do contexto cultural dos autores. MI6.2</p> <p>O aluno reconhece a diversidade de identidades pessoais, sociais e culturais, explicitando razões, atitudes e consequências de</p>	<p>temática relacionada com o 25 de Abril, o professor projeta uma imagem com várias caricaturas alusivas à Revolução dos Cravos. (Anexo HGP1_1)</p> <p>Com esta projeção, os alunos são conduzidos à análise da imagem, encontrado causas que levaram à revolução (censura, a guerra colonial, a proibição do aparecimento de novos partidos políticos e as difíceis condições de vida), mas que identifiquem também o que mudou com a revolução (regresso dos exilados, fim da guerra colonial, regresso dos retornados, papel ativo dos partidos na vida política, etc.).</p> <p>Após exibição da imagem, o professor, em conjunto com os alunos, elabora no</p>	
--	---	---	---	--

	<p>que se deu a revolução se instaurou em Portugal um regime democrático. Os alunos têm também noção do papel decisivo que tiveram as forças armadas na revolução e grande parte denotou cultura geral ao associar as canções “Grândola, Vila Morena” de Zeca Afonso e “E Depois do Adeus” de Paulo de Carvalho à Revolução dos Cravos.</p>	<p>situações de interação pacífica ou de conflito, colocando hipóteses sobre evoluções possíveis à luz da compreensão do passado. MF7</p> <p>O aluno aponta contributos marcantes do passado local e nacional para as sociedades do presente e sugere mudanças possíveis e suas implicações a breve prazo, na localidade ou no país. MI7.2</p> <p>O aluno constrói um relato sobre períodos e momentos significativos da História de Portugal, integrando diversas dimensões históricas e protagonistas (coletivos ou individuais). MF8</p>	<p>quadro um esquema onde expõe as razões que levaram à revolução e a conjuntura que se formou e favoreceu a mesma, nomeadamente a criação do MFA. À medida que o esquema é elaborado, os alunos copiam-no para o seu caderno.</p> <p>Para que os alunos fiquem com uma noção dos acontecimentos que ocorreram em Lisboa a 25 de Abril de 1974, o professor encaminha-os para a leitura das páginas 128 e 129 do manual.</p> <p>Posteriormente, o professor pede aos alunos que analisem as figuras 9 e 11 da página 130, com vista a tratar o que mudou com a revolução.</p> <p>Seguidamente, os alunos leem em</p>	
--	---	---	--	--

	<p>O aluno descreve e atribui significado a momentos chave de Portugal, no passado, desde o século XVIII até aos finais do século XX. MI8.1</p> <p>O aluno comunica por escrito e oralmente os seus conhecimentos e conceções sobre o passado histórico a realidade geográficas de Portugal. MF10</p> <p>Expressar os conhecimentos e conceções sobre o passado histórico em estudo e a realidade geográfica, participando em debates, discussões argumentativas e diálogos. MI10.3</p>	<p>grande grupo a página 130 e anotam no seu caderno as medidas que restituíram as liberdades fundamentais.</p> <p>De modo a abordar a descolonização, o professor pede a um aluno que leia o documento intitulado “Texto 1 – África adeus” da página 133 do manual.</p> <p>Antes do final da aula será exibido um vídeo alusivo à Revolução de 25 de Abril de 1974. (Anexo HGP1_2)</p> <p>Para concluir a aula será feita uma revisão oral dos conteúdos abordados nesta aula.</p> <p>No final da aula é redigido o sumário.</p>	
--	--	---	--

			<p>Para trabalho de casa o professor pede aos alunos que realizem os exercícios 1, 2, 3, 4, 5 e 6 da página 129.</p> <p>Material</p> <ul style="list-style-type: none">- Quadro preto- Quadro interativo- Giz- Manual- Caderno diário- Livro de ponto - Imagem alusiva à revolução (Anexo HGP1_1) - Vídeo didático (Anexo HGP1_4)	
--	--	--	---	--

Bibliografia:

- Costa, Fátima; Marques, António. (2004) História e Geografia de Portugal- 6ºano. Porto: Porto Editora.
- Departamento de Educação Básica (2004) Organização Curricular e Programa: Ensino Básico – 1o Ciclo (4a ed.). Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- <<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/metas/?area=26&level=4>>, retirado em 17 de Fevereiro de 2012.
- <http://www.youtube.com/watch?v=E3HFPbeCy_E&feature=related>, retirado em 20 de Fevereiro de 2012.
- Ministério da Educação (1991) Programa de História e Geografia de Portugal – Plano de Organização do Ensino e Aprendizagem, 2o ciclo. Lisboa: Ministério da Educação.
- Oliveira, Ana; Rodrigues, Arinda; Cantanhede, Francisco (2008). História e Geografia de Portugal – 6º ano. Volume 2. Lisboa: Texto Editores.
- Silva, Ricardo (2011). História e Geografia de Portugal 6.º ano – Sucesso Escolar. Porto: Porto Editora.

ANEXO IV

Planificação da aula de Matemática



Agrupamento de Escolas Foz do Neiva



Planificação de Aula

Departamento Curricular/Ciclo: Ciências Exatas

Disciplina: Matemática

Ano de escolaridade: 6º Ano

Ano letivo: 2011/2012

Duração: 90'

Nome do Professor estagiário: Carlos Cepa

Data: 04 / 05 / 2012

Turma: 6º C

Nome do Professor Orientador Cooperante: Maria João da Silva Passos

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

- Compreender a adição nos sentidos de combinar e acrescentar.
- Compreender a subtração nos sentidos retirar, completar e comparar.
- Adicionar e subtrair números inteiros.
- Interpretar a subtração como a operação inversa da adição, compreendendo que ela é sempre possível no conjunto dos números inteiros.

Temas/Conteúdos	Ideias detetadas nos alunos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p>Números inteiros</p> <p>✓ Noção de número inteiro e representação na reta numérica</p> <p>✓ Comparação e ordenação</p>	<p>A maioria dos alunos apresenta grandes dificuldades no que diz respeito aos conjuntos numéricos. Dentro deste conteúdo, os conjuntos onde mais facilmente são detetadas dificuldades são os números naturais e os números inteiros. A inclusão do “0” no conjunto dos números naturais, acaba por ser o erro mais frequentemente detetado, bem como a inclusão de apenas números positivos nos</p>	<p>Compreende a noção de número inteiro. (MF15)</p> <p>Identifica e dá exemplos de números inteiros. <i>(MI 15.1)</i></p> <p>Identifica grandezas que variam em sentidos opostos e utiliza números inteiros para representar as suas medidas. <i>(MI 15.2)</i></p> <p>Identifica e dá exemplos de valor absoluto e de simétrico de um número. <i>(MI 15.3)</i></p>	<p>A aula é iniciada com a abertura da lição.</p> <p>Depois de aberta a lição, o professor levanta algumas questões sobre os conteúdos abordados na aula anterior.</p> <p>Inicia-se a correção do trabalho de casa. (Anexo_M3 – Anexo_M3C)</p> <p>A correção será feita no quadro com os alunos.</p> <p>De modo a abordar o conteúdo do “Valor absoluto e simétrico de um número inteiro”, o professor com recurso à reta numérica que estará no</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação: <ul style="list-style-type: none"> ○ Comunicação e questionamento oral; ○ Participação na aula; ○ Comportamentos e atitudes • Formas de produção escrita: <ul style="list-style-type: none"> ○ Trabalhos de grupo e/ou individuais

	<p>números inteiros. No entanto, a maioria dos alunos reconhece facilmente os números inteiros negativos e também inclui, acertadamente, o “0” nos números inteiros não negativos.</p> <p>Trabalhar com a reta numérica aparenta ser uma enorme dificuldade partilhada por toda a turma. Os alunos não escalonaram corretamente os números na reta nem marcaram os pontos das abcissas. Um problema frequente foi a colocação na reta apenas</p>	<p>Representa e compara números inteiros. (MF16)</p> <p>Localiza e posiciona números inteiros na reta numérica. <i>(MI 16.1)</i></p> <p>Compara e ordena números inteiros na reta numérica. <i>(MI 16.2)</i></p>	<p>quadro usa os seguintes exemplos para tratar o valor absoluto (módulo) de um número: -3 e 3; -5 e 5; -2 e 2. Após chamar alguns alunos ao quadro para estes representarem os referidos números na reta, o professor pergunta a que distância se encontra cada um dos números da origem, ou seja, do 0, de modo a levar os alunos ao conceito de “<i>valor absoluto</i>”, conceito esse que anotarão no caderno diário:</p> <p>“ <i>O <u>valor absoluto</u> ou <u>módulo</u> de um número inteiro é a distância a que este se encontra da origem.</i>” Este conceito é depois ilustrado pela utilização de um termómetro, onde os alunos podem visualizar alguns exemplos através da projeção do mesmo. (Anexo_M4)</p>	
--	--	---	--	--

das letras, sem a marcação do ponto e da letra correspondente. A juntar a isso, a distância a que os números foram colocados, regra geral, varia de número para número, mesmo para os números que são consecutivos.

No que concerne à comparação de números inteiros é evidente o à vontade dos alunos, pois mesmo quando comparados números negativos, a grande maioria dos alunos soube reconhecer qual o maior.

Com a projeção desta imagem pretende-se que os alunos percebam que uma distância é sempre positiva ou nula.

$$\mathbf{I+30I = 30}$$

$$\mathbf{I-10I = 10}$$

$$\mathbf{I0I = 0}$$

Com os números utilizados anteriormente, o professor pede aos alunos que detetem aqueles que se encontram à mesma distância do 0 (origem). Depois de devidamente identificados, o professor informa os alunos que quando os números possuem sinais contrários mas têm a mesma distância a separá-los da origem estão na presença de números simétricos.

Ex:

$$\mathbf{I-2I = 2 \text{ e } I2I = 2}$$

$$\mathbf{I-3I = 3 \text{ e } I3I = 3}$$

$$\mathbf{I-5I = 5 \text{ e } I5I = 5}$$

Seguidamente, o professor escreve no quadro a definição de números simétricos para os alunos a registarem no caderno:

“Dois números inteiros de sinais contrários dizem-se simétricos se tiverem o mesmo valor absoluto, ou seja, se estiverem à mesma distância da origem.”

Posteriormente, o professor projeta o termómetro de rua (Anexo_M4) para que os alunos atentem que as temperaturas indicadas (positivas/negativas) são simétricas, pois:

			<p>$+20 = 20$ e $-20 = 20$</p> <p>e encontram-se à mesma distância da temperatura 0°C.</p> <p>Para consolidar os conteúdos, os alunos resolvem os exercícios 11, 12, 15 e 16 da página 54 do manual. De seguida é feita a correção. (Anexo_M5 – Anexo_M5C)</p> <p>No final da aula é redigido o sumário.</p>	
--	--	--	--	--

Bibliografia:

- DURÃO, E. G. e BALDAQUE, M. M. (2011) *Matemática 6*. Lisboa: Texto Editora.
- Metas de Aprendizagem de Matemática – 5ºano e 6º Ano. Disponível em: <<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/metas/?area=7&level=4>>. [Consultado em 23 de Fevereiro de 2012].

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007). Programa de Matemática do Ensino Básico. Lisboa: ME/DGIDC.
- SEQUEIRA, A. F., ANDRADE, A. P., ALMEIDA, C. e BEJA, E. (2011) “*Olá, Matemática 5 (Parte 3)*”. Porto: Porto Editora.
- SEQUEIRA, A. F., ANDRADE, A. P., ALMEIDA, C. e BEJA, E. (2011) *Olá, Matemática 6 (Parte 2)*. Porto: Porto Editora.

ANEXO V

Questionário (inquérito) distribuído aos alunos



Agrupamento de Escolas Foz do Neiva

Escola Básica Integrada – Castelo do Neiva

História e Geografia de Portugal

Questionário

Este questionário tem por finalidade a elaboração de um relatório final de curso para conclusão de Mestrado em 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Todas as respostas dadas têm garantia de confidencialidade. Este questionário encontra-se dividido em duas partes: a primeira relativa aos hábitos de estudo da turma e a segunda relativa a um tema da história de Portugal, no caso “A Democracia (O 25 de abril)”.

Parte I

1 - Dados pessoais do aluno

Ano de escolaridade: 6.º ano

Data de nascimento: _____

Sexo: Feminino

Masculino

Naturalidade: Concelho _____ Freguesia _____ Lugar/Rua _____

Residência: Concelho _____ Freguesia _____ Lugar/Rua _____

2 - Quadro familiar

Com quem vives?

Parentesco	Marca um X	Idade	Profissão	Habilitações exemplo : 4º ano, 6º ano, 9º ano, 12º ano, curso superior
Mãe				
Pai				
Padrasto				
Madrasta				
Irmão	Nº			
Irmã	Nº			
Madrinha				
Padrinho				
Tio				
Tia				
Avós maternos	Nº			
Avó paternos	Nº			
Outros				

3 – Vida Escolar

Gostas da escola?

Sim

Não

Se sim, porquê? (Assinala apenas uma opção)

Gosto de estar com os meus amigos

Gosto dos professores

Gosto de estudar e aprender

Sou obrigado pelos meus pais

Outro

Qual? _____

Frequência no ensino pré-primário: Sim

Não

Repetências:

Em que anos?

1°	2°	3°
4°	5°	6°

Apoio pedagógico:

Disciplinas:

Como te deslocas para a escola?

Carro

A pé

Autocarro

Outro

Qual? _____

4 – Hábitos de estudo e de leitura

Estudas:

Diariamente 2 vezes por semana 1 vez por semana

Na véspera dos testes Raramente

Tens alguém que te ajude nos estudos?

Sim

Não

Quem? _____

Local de estudo:

Na escola Em casa de amigos Em casa: Quarto

Cozinha Sala Outro

Qual? _____

Costumas conversar em casa sobre a escola?

Sim

Não

As conversas sobre a escola são:

Todos os dias Ao fim de semana

Quando tenho testes Quando tenho boas notas

Quando o teste corre mal Quando recibes o teste

Só no fim do período

Costumas ler outros livros, que não o manual?

Sim

Não

Se sim, onde lês?

Biblioteca Municipal

Biblioteca da Escola

Biblioteca Ambulante

Casa

Outro

Qual? _____

Na tua casa tens livros?

Sim

Não

Se sim, quantos livros possuis?

Mais de 10

Mais de 50

Mais de 100

Mais de 500

Parte II

1 – Algumas noções acerca da ditadura e do 25 de abril

Das personalidades do quadro abaixo, coloca um X e determina apenas aquelas que estão de alguma forma ligadas à ditadura que terminou em 1974 ou à democracia que vigorou desde então até aos dias de hoje.

<u>Personalidades</u>	<u>Ditadura</u>	<u>Democracia</u>
Álvaro Cunhal		
Américo Tomás		
Bernardino Machado		
D. Dinis		
D. ^a Inês de Castro		
Infante D. Henrique		
José (Zeca) Afonso		
Leonor Beleza		
Manuel de Arriaga		
Marcello Caetano		
Maria de Lurdes Pintassilgo		
Mário Soares		
Otelo Saraiva de Carvalho		
Sá Carneiro		
Salazar		
Salgueiro Maia		
Sidónio Pais		
Teófilo Braga		
Vasco da Gama		

Coloca o número do acontecimento em frente à data a que corresponde:

<u>Acontecimentos</u>	<u>Datas</u>	<u>Número</u>
1 – Início do Estado Novo, com a aprovação da nova Constituição	1933	
2 – Angola torna-se oficialmente independente.	1958	
3 – Salazar é substituído por Marcello Caetano.	1961	
4 – Mário Soares e outros fundam, na Alemanha, o Partido Socialista.	1968	
5 – Início da Guerra Colonial.	1973	
6 – Revolução que pôs fim à ditadura.	1974	
7 – Humberto Delgado candidata-se às eleições presidenciais.	1975	
8 – Foi aprovada a primeira constituição após o 25 de Abril.	1976	

Preenche as lacunas com as soluções dadas na chave:

Chave:

PIDE; Governo; Moçambique; militares; adeus; expressão; greve; cortar; 1945;
polícia política; 13 anos; 1963; Zeca; 1961; censura; sindicatos; presos; Tarrafal.

Em 1936 foi criada uma _____ que tinha informadores secretos e perseguia todos aqueles que fossem considerados opositores do regime.

A polícia política chamou-se, a partir de _____, Polícia Internacional e de Defesa do Estado (_____).

As cadeias mais violentas para os _____ políticos eram: Caxias, Peniche e _____ (Cabo Verde).

Não havia liberdade de _____. Foi criada uma comissão de “_____ prévia” que tinha como função examinar todos os jornais, revistas, filmes, teatros, etc., e “_____” previamente tudo aquilo que pudesse prejudicar o regime.

Foi proibido o direito à _____ não era permitido o direito aos trabalhadores associarem-se livremente em _____ e federações.

Em _____ e como resposta aos ataques de guerrilheiros a colonos portugueses em Angola, o _____ português enviou de imediato tropas para aquele território.

Depois de Angola (1961), a Guerra estendeu-se à Guiné (_____) e a _____ (1964).

Foi uma Guerra devastadora e difícil que se prolongou por _____, perante o descontentamento dos _____ e da população.

As canções “ E depois do _____” de Paulo de Carvalho e “Grândola, vila morena” de _____ Afonso ficaram para sempre associadas à revolução de 25 de Abril de 1974.

Coloca um X em frente a cada afirmação, sendo ela V (verdadeira) ou F (falsa).

	V	F
As primeiras eleições após o 25 de Abril realizaram-se a 25 de Abril de 1976.		
Como resultado da “descolonização” portuguesa em África, nasceram cinco novos países independentes: Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola.		
Os oficiais do MFA entregaram o poder a uma Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general António de Spínola.		
O Bloco de Esquerda foi um dos partidos que mais contribuiu para o fim da ditadura.		
A reconquista da liberdade permitiu o regresso dos exilados, a libertação dos presos políticos e a comemoração do dia 1.º de Dezembro.		
Com a independência dos novos países, os militares portugueses mantiveram-se em território africano.		
Após Marcelo Caetano assumir o poder, a PIDE passou a chamar-se DGS.		
O Partido Socialista (PS), o Partido Popular Democrático (PPD/PSD), o Partido Comunista Português (PCP) e o Partido Popular (CDS-PP) concorreram às primeiras eleições após a revolução.		

Obrigado pela tua colaboração!

Carlos Cepa

ANEXO VI

Quadros do Excel relativos ao tratamento dos dados do Inquérito

	Masculino	Feminino	Total	%
Ano 1999	3	1	4	11,8
Ano 2000	13	17	30	88,2
Total	16	18	34	100

Quadro 1 – Datas de Nascimento dos alunos, por sexo, das duas turmas.

Masculino	Feminino
16	18

Quadro 2 – Número de alunos, por sexo, envolvidos no presente inquérito.

	Masculino	Feminino	Total	%
Paris (França)	1	0	1	2,9
Faro	0	1	1	2,9
Esposende	0	2	2	5,9
Viana do Castelo	14	15	29	85,3
Reims (França)	1	0	1	2,9
Não respondeu	0	0	0	0
Total	16	18	34	100

Quadro 3 – Naturalidade dos alunos, por sexo, envolvidos no inquérito.

	Masculino	Feminino	Total	%
Viana do Castelo	16	16	32	94,1
Esposende	0	2	2	5,9
Total	16	18	34	100

Quadro 4 – Concelho de residência, por sexo, dos alunos das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total
Empregado Fabril	1	1	2
Soldador	2	0	2
Camionista	1	2	3
Construtor Civil	3	5	8
Carpinteiro	1	1	2
Estocador	1	0	1
Pescador	1	1	2
Pintor (Const. Civil)	1	0	1
Comerciante	1	0	1
Eletricista	1	1	2
Desempregado	0	2	2
Reformado	0	1	1
Agricultor	0	1	1
Recauchutador	0	1	1
Bancário	0	1	1

Quadro 5 – Profissão dos progenitores, por sexo, dos alunos das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total
Empregada Fabril	4	2	6
Desempregada	2	5	7
Florista	1	1	2
Funcionária de Estufa	1	0	1
Doméstica	1	2	3
Costureira	1	1	2
Empregada de Mesa	1	0	1
Estudante	2	0	2
Condutora	1	0	1
Caixa Comercial	1	0	1
Pasteleira	1	1	2
Tecedeira	0	1	1
Empregada Têxtil	0	1	1
Empregada de Limpeza	0	1	1
Funcionária Municipal	0	1	1
Agricultora	0	1	1
Formadora	0	1	1

Quadro 6 – Profissão das mães, por sexo, dos alunos das duas turmas envolvidas.

Idade	Pai	Mãe	Total	%
31	0	1	1	1,7
32	0	1	1	1,7
34	0	1	1	1,7
35	1	1	2	3,4
36	3	1	4	6,8
37	1	2	3	5,1
38	3	8	11	18,6
39	4	4	8	13,6
40	2	1	3	5,1
41	3	3	6	10,2
44	1	2	3	5,1
45	1	2	3	5,1
46	3	0	3	5,1
47	1	0	1	1,7
48	0	2	2	3,4
50	1	0	1	1,7
51	2	1	3	5,1
52	1	1	2	3,4
53	1	0	1	1,7
Total	28	31	59	100

Quadro 7 – Idades dos pais dos alunos das duas turmas envolvidas.

	Pai	Mãe	Total	%
1º ano	0	1	1	2
4.º ano	3	4	7	14
6.º ano	12	9	21	42
7.º ano	1	0	1	2
8.º ano	2	0	2	4
9.º ano	4	2	6	12
11.º ano	0	2	2	4
12.º ano	2	7	9	18
Licenciatura	0	1	1	2
Total	24	26	50	100

Quadro 8 – Habilitações literárias dos pais dos alunos das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Mãe	16	18	34	100
Pai	12	17	29	85,3
Padrasto	0	0	0	0
Madrasta	0	0	0	0
Irmão	8	8	16	47,1
Irmã	7	9	16	47,1
Madrinha	1	1	2	5,9
Padrinho	1	0	1	2,9
Tio	3	0	3	8,8
Tia	2	0	2	5,9
Avós maternos	2	1	3	8,8
Avós paternos	2	1	3	8,8
Outros	1	1	2	5,9
Máximo	16	18	34	100

Quadro 9 – Membros do agregado familiar que residem com os alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	14	18	32	94,1
Não	2	0	2	5,9
Total	16	18	34	100

Quadro 10 – Resposta dos alunos relativamente à questão “Gostas da escola?”, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Gosto de estar com os meus amigos.	12	14	26	60,5
Gosto dos professores.	4	3	7	16,5
Gosto de estudar e aprender.	3	5	8	18,6
Sou obrigado pelos meus pais.	1	0	1	2,3
Não respondeu	2	0	2	4,7
Total	22	21	43	100

Quadro 11 - Resposta dos alunos à questão “Se sim, porquê?”, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	14	18	32	94,1
Não	0	0	0	0
Não respondeu	2	0	2	5,9
Total	16	18	34	100

Quadro 12 – Frequência do ensino pré-primário dos alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	3	0	3	8,8
Não	10	14	24	70,6
Não respondeu	3	4	7	20,6
Total	16	18	34	100

Quadro 13 – Repetências dos alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
1º ano	0	0	0	0
2º ano	2	0	2	66,7
3º ano	0	0	0	0
4º ano	0	0	0	0
5º ano	0	0	0	0
6º ano	1	0	1	33,3
Total	3	0	3	100

Quadro 14 – Resposta dos alunos à questão “Em que anos?” (ocorreram as repetências), por sexo, das duas turmas que assinalaram na questão anterior “Sim”.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	4	3	7	20,6
Não	7	12	19	55,9
Não respondeu	5	3	8	23,5
Total	16	18	34	100
Disciplinas:				
Matemática				
Língua Portuguesa				
Ciências da Natureza				
História e Geografia de Portugal				

Quadro 15 – Apoio Pedagógico dos alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Carro	5	6	11	32,4
A pé	1	0	1	2,9
Autocarro	15	14	29	85,3
Outro	1	0	1	2,9
Total	16	18	34	100

Quadro 16 – Resposta à questão “Como te deslocas para a escola?” dos alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Diariamente	8	12	20	58,8
2 vezes por semana	5	4	9	26,5
1 vez por semana	2	0	2	5,9
Nas vésperas dos testes	0	2	2	5,9
Raramente	1	0	1	2,9
Não respondeu	0	1	1	2,9
Total	16	18	34	100

Quadro 17 – Frequência com que os alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas estudam.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	8	16	24	70,6
Não	8	2	10	29,4
Total	16	18	34	100
Quem?				
Pai				
Mãe				
Irmão (a)				
Primo (a)				
Explicadora				
Filha da ama				

Quadro 18 – Resposta à questão “Tens alguém que te ajude no estudo?” dos alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Na escola	1	7	8	12,3
Em casa de amigos	1	2	3	4,6
Quarto	13	15	28	43,1
Cozinha	6	9	15	23,1
Sala	4	4	8	12,3
Outro	1	2	3	4,6
Total	26	39	65	100
Outras respostas:				
Escritório				

Quadro 19 – Local de estudo preferencialmente escolhido pelos alunos, por sexo, das duas turmas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	13	17	30	88,2
Não	3	1	4	11,8
Total	16	18	34	100

Quadro 20 – Resposta dada pelos alunos à questão “Costumas conversar em casa sobre a escola?”, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Todos os dias	11	16	27	79,4
Ao fim de semana	1	2	3	8,8
Quando tenho testes	2	0	2	5,9
Quando tenho boas notas	1	0	1	2,9
Quando o teste corre mal	0	0	0	0
Quando recibes os testes	0	0	0	0
Não respondeu	1	0	1	2,9
Total	16	18	34	100

Quadro 21 – Frequência com que os alunos, por sexo, conversam em casa sobre a escola.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	14	18	32	94,1
Não	2	0	2	5,9
Total	16	18	34	100

Quadro 22 – Resposta dada pelos alunos à questão “Costumas ler outros livros, que não o manual?”, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Biblioteca Municipal	0	0	0	0
Biblioteca da escola	4	6	10	22,2
Biblioteca Ambulante	1	0	1	2,2
Casa	14	18	32	71,1
Não respondeu	2	0	2	4,4
Total	16	18	34	100

Quadro 23 – Local onde os alunos, por sexo, das duas turmas envolvidas costumam ler.

	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	15	18	33	97,1
Não	1	0	1	2,9
Total	16	18	34	100

Quadro 24 – Resposta dos alunos relativamente à questão “Na tua casa tem livros?”, por sexo, das duas turmas envolvidas.

	Masculino	Feminino	Total	%
Mais de 10	7	13	20	58,8
Mais de 50	4	3	7	20,6
Mais de 100	3	1	4	11,8
Mais de 500	1	1	2	5,9
Não respondeu	1	0	1	3
Total	16	18	34	100

Quadro 25 – Estimativa da quantidade de livros que os alunos, por sexo, têm em casa.

Personalidades	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Álvaro Cunhal	2	5,9	3	8,8	5	14,7
Américo Tomás	11	32,4	14	41,2	25	73,5
Bernardino Machado	2	5,9	6	17,6	8	23,5
D. Dinis	2	5,9	3	8,8	5	14,7
D.^a Inês de Castro	2	5,9	5	19,2	7	20,6
Infante D. Henrique	2	5,9	3	8,8	5	14,7
José (Zeca) Afonso	8	23,5	11	32,4	19	55,9
Leonor Beza	1	2,9	2	5,9	3	8,8
Manuel de Arriaga	2	5,9	8	23,5	10	29,4
Marcello Caetano	11	32,4	13	38,2	24	70,6
Maria de Lurdes Pintassilgo	2	5,9	3	8,8	5	14,7
Mário Soares	3	8,8	3	8,8	6	17,6
Otelo Saraiva de Carvalho	6	17,6	10	29,4	16	47,1
Sá Carneiro	4	11,8	5	14,7	9	26,5
Salazar	14	41,2	16	47,1	30	88,2
Salgueiro Maia	5	14,7	4	11,8	9	26,5
Sidónio Pais	2	5,9	6	17,6	8	23,5
Teófilo Braga	5	14,7	5	14,7	10	29,4
Vasco da Gama	2	5,9	3	8,8	5	14,7
Máximo	16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 26 – Respostas dadas pelos alunos, por sexo, relativamente às personalidades que consideram ter estado ligadas à ditadura.

Personalidades	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Álvaro Cunhal	6	17,6	4	11,8	10	29,4
Américo Tomás	2	5,9	3	8,8	5	14,7
Bernardino Machado	5	14,7	3	8,8	8	23,5
D. Dinis	1	2,9	4	11,8	5	14,7
D.^a Inês de Castro	1	2,9	2	5,9	3	8,8
Infante D. Henrique	1	2,9	4	11,8	5	14,7
José (Zeca) Afonso	5	14,7	10	29,4	15	44,1
Leonor Beleza	3	8,8	5	14,7	8	23,5
Manuel de Arriaga	5	14,7	4	11,8	9	26,5
Marcello Caetano	4	11,8	4	11,8	8	23,5
Maria de Lurdes Pintassilgo	1	2,9	3	8,8	4	11,8
Mário Soares	8	23,5	12	35,3	20	58,8
Otelo Saraiva de Carvalho	8	23,5	8	23,5	16	47,1
Sá Carneiro	3	8,8	7	20,6	10	29,4
Salazar	2	5,9	2	5,9	4	11,8
Salgueiro Maia	8	23,5	11	32,4	19	55,9
Sidónio Pais	4	11,8	2	5,9	6	17,6
Teófilo Braga	4	11,8	6	17,6	10	29,4
Vasco da Gama	4	11,8	4	11,8	8	23,5
Máximo	16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 27 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente às personalidade que consideram ter tido um papel ativo na obtenção da democracia.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Início do Estado Novo, com a aprovação da nova Constituição.	1933	8	38,1	13	61,9	21	61,8
	1958	3	75	1	25	4	11,8
	1961	0	0	0	0	0	0
	1968	2	66,7	1	33,3	3	8,8
	1973	1	100	0	0	1	2,9
	1974	0	0	0	0	0	0
	1975	2	40	3	60	5	14,7
	1976	0	0	0	0	0	0
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 28 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Angola torna-se oficialmente independente.	1933	2	100	0	0	2	5,9
	1958	3	75	1	25	4	11,8
	1961	2	40	3	60	5	14,7
	1968	3	33,3	6	66,7	9	26,5
	1973	0	0	0	0	0	0
	1974	1	100	0	0	1	2,9
	1975	3	33,3	6	66,7	9	26,5
	1976	2	55,0	2	50	4	11,8
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 29 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Salazar é substituído por Marcello Caetano.	1933	0	0	0	0	0	0
	1958	2	33,3	4	66,7	6	17,6
	1961	6	60	4	40	10	29,4
	1968	1	50	1	50	2	5,9
	1973	4	36,4	7	63,6	11	32,4
	1974	1	100	0	0	1	2,9
	1975	1	50	1	50	2	5,9
	1976	1	50	1	50	2	5,9
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 30 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Mário Soares e outros fundam, na Alemanha, o Partido Socialista.	1933	0	0	0	0	0	0
	1958	1	20	4	80	5	14,7
	1961	3	42,9	4	57,1	7	20,6
	1968	4	66,7	2	33,3	6	17,6
	1973	3	60	2	40	5	14,7
	1974	1	100	0	0	1	2,9
	1975	2	40	3	60	5	14,7
	1976	2	40	3	60	5	14,7
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 31 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Início da Guerra Colonial.	1933	3	60	2	40	5	14,7
	1958	1	16,7	5	83,3	6	17,6
	1961	2	33,3	4	66,7	6	17,6
	1968	3	100	0	0	3	8,8
	1973	3	60	2	40	5	14,7
	1974	1	33,3	2	66,7	3	8,8
	1975	0	0	1	100	1	2,9
	1976	3	60	2	40	5	5,7
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 32 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Revolução que pôs fim à ditadura.	1933	1	33,3	2	66,7	3	8,8
	1958	1	100	0	0	1	2,9
	1961	0	0	1	100	1	2,9
	1968	2	66,7	1	33,3	3	8,8
	1973	1	50	1	50	2	5,9
	1974	10	47,6	11	52,4	21	61,8
	1975	1	50	1	50	2	5,9
	1976	0	0	1	100	1	2,9
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 33 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Humberto Delgado candidata-se às eleições presidenciais.	1933	2	66,7	1	33,3	3	8,8
	1958	3	60	2	40	5	14,7
	1961	2	50	2	50	4	11,8
	1968	1	16,7	5	83,3	6	17,6
	1973	3	42,9	4	57,1	7	20,6
	1974	1	33,3	2	66,7	3	8,8
	1975	3	75	1	25	4	11,8
	1976	1	50	1	50	2	5,9
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 34 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	DATAS	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Foi aprovada a primeira constituição após o 25 de abril.	1933	0	0	0	0	0	0
	1958	2	66,7	1	33,3	3	8,8
	1961	1	100	0	0	1	2,9
	1968	0	0	2	100	2	5,9
	1973	1	33,3	2	66,7	3	8,8
	1974	1	25	3	75	4	11,8
	1975	4	66,7	2	33,3	6	17,6
	1976	7	46,7	8	53,3	15	44,1
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 35 - Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à data em que ocorreu o acontecimento em questão.

	Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
polícia política	12	48	13	52	25	73,5
1945	8	61,5	5	38,5	13	38,2
PIDE	10	43,5	13	56,5	23	67,6
presos	14	58,3	10	41,7	24	70,6
Tarrafal	10	43,5	13	56,5	23	67,6
expressão	14	45,2	17	54,8	31	91,2
censura	14	50	14	50	28	82,4
cortar	9	52,9	8	47,1	17	50
greve	12	48	13	52	25	73,5
sindicatos	10	62,5	6	37,5	16	47,1
1961	7	41,2	10	58,8	17	50
Governo	9	40,9	13	59,1	22	64,7
1963	8	44,4	10	55,6	18	52,9
Moçambique	9	45	11	55	20	58,8
13 anos	14	51,9	13	48,1	27	79,4
militares	11	55	9	45	20	58,8
adeus	15	50	15	50	30	88,2
Zeca	15	50	15	50	30	88,2
Máximo	16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 36 – Respostas dadas pelos alunos, por sexo, relativas ao preenchimento de espaços.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
As primeiras eleições após o 25 de abril realizaram-se a 25 de abril de 1976.	Verdadeiro	7	41,2	10	58,8	17	50
	Falso	9	52,9	8	47,1	17	50
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 37 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Como resultado da “descolonização” portuguesa em África, nasceram cinco novos países independentes: Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola.	Verdadeiro	12	42,9	16	57,1	28	82,4
	Falso	4	66,7	2	33,3	6	17,6
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 38 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Os oficiais do MFA entregaram o poder a uma Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general António de Spínola.	Verdadeiro	14	56	11	44	25	73,5
	Falso	2	22,2	7	77,8	9	26,5
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 39 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
O Bloco de Esquerda foi um dos partidos que mais contribuiu para o fim da ditadura.	Verdadeiro	8	34,8	15	65,2	23	67,6
	Falso	8	72,7	3	27,3	11	32,4
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 40 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
A reconquista da liberdade permitiu o regresso dos exilados, a libertação dos presos políticos e a comemoração do dia 1º de Dezembro.	Verdadeiro	6	42,9	8	57,1	14	41,2
	Falso	10	50	10	50	20	58,8
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 41 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Com a independência dos novos países, os militares portugueses mantiveram-se em território africano.	Verdadeiro	6	54,5	5	45,5	11	32,4
	Falso	10	50	13	56,5	23	67,6
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 42 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
Após Marcelo Caetano assumir o poder, a PIDE passou a chamar-se DGS.	Verdadeiro	8	44,4	10	55,6	18	52,9
	Falso	8	50	8	50	16	47,1
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 43 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

		Masculino	% relativa	Feminino	% relativa	Total	%
O Partido Socialista (PS), o Partido Popular Democrático (PPD/PSD), o Partido Comunista Português (PCP) e o Partido Popular (CDS-PP) concorreram às primeiras eleições após a revolução.	Verdadeiro	12	48	13	52	25	73,5
	Falso	4	44,4	5	55,6	9	26,5
Total		16	47,1	18	52,9	34	100

Quadro 44 – Resposta dadas pelos alunos, por sexo, relativamente à afirmação em questão.

ANEXO VII

Grelha de Análise de Manuais

ESTRUTURA/ORGANIZAÇÃO			CONTEÚDOS ANALISADOS	
			O 25 de abril de 1974 e o regime democrático	
			MANUAL A	MANUAL B
NÚMERO DE PÁGINAS			19	17
PÁGINA INTRODUTÓRIA COM OBJETIVOS			Não	Não
NÚMERO DE SUBTEMAS			3	1
SOLUÇÕES			Sim	Não
AUTOAVALIAÇÃO			Sim	Sim
PROJETOS/INVESTIGAÇÃO			Não	Sim
TIPOLOGIA DA INFORMAÇÃO	TEXTOS	Documentos autênticos	Sim	Sim
		Textos Explicativos	Sim	Sim
		Fontes atuais	Sim	Sim
		Localização dos documentos	xxxxx	xxxxx
		Destaque visual dos documentos	xxxxx	xxxxx
TIPOLOGIA DE ATIVIDADES QUESTÕES	Pistas de trabalho e/ou investigação		Sim	Sim
	Perguntas que exigem respostas factuais		Sim	Sim
	Complementação (esquemas/textos/documentos)		Sim	Sim
	Perguntas de interpretação de textos		Sim	Sim
	Perguntas de análise e/ou síntese		Sim	Sim
TIPOLOGIA DE ILUSTRAÇÕES	Fotografias		Sim	Sim
	Desenhos		Sim	Sim
	Esquemas		Sim	Sim
	Gráficos		Não	Não
	Mapas		Sim	Sim
	Espaço dedicados às imagens		xxxxx	xxxxx
	Localização das imagens		xxxxx	xxxxx

ANEXO VIII

Entrevista ao Coronel Otelo Saraiva de Carvalho

Carlos Cepa: Quer falar-nos acerca do projeto que deu origem ao 25 de abril? Como é que surgiu? Quem foi o mentor?

Otelo Saraiva de Carvalho: O 25 de abril surge em consequência, prioritariamente, de uma Guerra Colonial que já durava havia 12 anos. Na altura em que o governo da ditadura, liderado pelo prof. Marcello Caetano, decide dar continuidade à Guerra Colonial que já durava há 12 anos, quando nós militares do Quadro Permanente e o povo deste país estava à espera que fosse encontrada uma solução política que estancasse a Guerra Colonial, que terminasse com ela e que não permitisse a partir daí que 200 000 jovens portugueses tivessem que estiolar em situações de perigo na Guerra Colonial e perder por vezes as suas vidas ao serviço de uma causa perfeitamente injusta. Quando isso não acontece e, pelo contrário, o Governo Fascista toma medidas no sentido de dar continuidade à Guerra Colonial. Então, ultrapassados os limites considerados admissíveis, os militares do Quadro Permanente, capitães, sobretudo, resolvem revoltar-se contra isso e através de manifestos abaixo-assinados, iniciam uma manobra reivindicativa contra os decretos do Governo que rapidamente, de facto, ficam rebocados, 2 meses depois. Portanto, a partir daí uma continuidade ao Movimento de Capitães, os Capitães vão agora aliciar oficiais de outras patentes e outros ramos das Forças Armadas para símbolos do Exército. Vão organizar-se, vão realizar eleições dentro de si para escolher uma Comissão Diretiva e tudo isto vai tomando forma com o sentido objetivo de um dia derrubar o Governo.

CC: Isso vai de encontro à pergunta seguinte. Estava a falar em Julho de 73, a Revolução já estava a ser preparada há algum tempo?

OSC: Não. A revolução propriamente dita, o 25 de abril, não estava a ser preparada desde essa altura. Só começa a tomar forma o objetivo de derrube do Governo em novembro de 1973. A partir daí entra-se numa segunda fase, que é a fase do Movimento de Oficiais das Forças Armadas, que é esse alargamento, a que eu me referi, a oficiais de outras patentes e o movimento vai tomando forma, vai-se consciencializando, vai ganhando consistência política, sempre com o objetivo de um dia derrubar o Governo. Isto acontece a partir de novembro de 1973. Uma das perspectivas do movimento é se outras atividades táticas não conduzirem a esse objetivo, um dia derrubar o Governo pela força. Isso vai tomar uma

consistência definitiva após um acontecimento, que foi a saída de uma unidade militar das Caldas da Rainha para impedir a exoneração do General Spínola e do General Costa Gomes, que ocupavam as mais altas funções dentro do Exército e das Forças Armadas. De modo a evitar essa exoneração, essa unidade militar toma a atitude de ir para Lisboa com uma coluna militar sem objetivos definidos. Perde, ou seja, são todos presos, mas desde aí há uma tomada de consciência firme por parte dos camaradas do Quadro Permanente, que faziam parte do Movimento de Oficiais das Forças Armadas para que não haja outra hipótese que não seja uma operação militar.

CC: Foi, então, um movimento que foi crescendo e foi ganhando forma?

OSC: Sim. E consciência política para que haja uma tomada de poder por parte do movimento.

CC: A minha questão, então, é a seguinte: num tempo de censura, como é que se conseguiu estabelecer uma rede tão grande de contactos?

OSC: Os oficiais do Quadro Permanente, em serviço das Forças Armadas, gozavam de um certo privilégio que era a possibilidade de estar na guerra em contacto estreito com os elementos da Polícia de Segurança do Estado, portanto, a PIDE e da Direção Geral da Segurança (DGS), mais tarde, porque era essa polícia que através de ações brutais de tortura, etc. infligidas aos negros dos movimentos de libertação ou mesmo da povoação, que eram detidos pelas Forças Armadas em operações na Guerra Colonial. Entregavam-nos à Polícia Política que depois extraía deles, pela violência, informações ou indícios que permitiam depois às Forças Armadas executarem operações militares no sentido de destruir acampamentos inimigos, etc.. Havia, portanto, esse entrosamento entre a polícia política e as forças militares em operações na Guerra Colonial. Depois, cá, em situação europeia, as Forças Armadas deixavam de ter contacto com a PIDE. O movimento vai surgindo através da ação militar, confrontando-se com o Governo, confrontando-se com os chefes militares e a PIDE não intervém. Não intervém porque não tem autorização para intervir. Só intervém pela primeira vez no 16 de Março de 1974, aí é que a PIDE já vai prender oficiais do exército, nunca antes disso tinha acontecido.

CC: Foi, então, uma operação bem sucedida. Mas para ser bem sucedida, o que lhe quero perguntar é: se houve algum apoio por trás, um apoio estrangeiro?

OSC: Nenhum apoio estrangeiro.

CC: Estávamos numa altura em que quase todas as potências europeias já tinham perdido as suas colónias, enquanto Portugal as mantinha...

OSC: Tinham acelerado as independências. A partir da independência da Índia em 1947 (2 anos após ter terminado a Guerra Colonial), a Inglaterra perde a sua joia da coroa, a Índia, que é hoje a União Indiana. Desde aí houve uma sucessão muito grande de tudo que eram colónias dos impérios coloniais irem ganhando as suas independências e era fatal que isso acontecesse com as colónias portuguesas em África e na Ásia. Havia por parte do presidente dos Estados Unidos, na altura John Kennedy, em 1961 uma pressão grande no sentido de Portugal conceder a independência a Angola e Moçambique sobretudo, pois havia interesses económicos em jogo, por parte dos Estados Unidos da América. Quando se dá o 25 de Abril não existe nenhuma intervenção estrangeira! A própria CIA, que considerava Portugal uma “Quinta” de Espanha, não dava importância nenhuma a isto (Portugal), tendo apenas cá dois elementos para serviços de Embaixada. A CIA e o Embaixador americano em Lisboa são apanhados completamente de surpresa, não esperavam que houvesse, sobretudo depois do 16 de Março, uma nova operação militar com o objetivo de derrubar o Governo. Portanto, o 25 de abril é todo ele puramente de oficiais do Exército, com alguns oficiais da Força Aérea também em ação e 2 da Armada, mas é uma revolução exclusivamente militar e sem a intervenção de quaisquer civis.

CC: No momento de arranque da revolução teve ou notou por parte dos seus camaradas algum momento de hesitação?

OSC: Sim, houve momentos de hesitação.

CC: Da sua parte?

OSC: Não, da minha parte não, porque eu tinha a certeza que íamos ganhar. Se as missões fossem todas cumpridas íamos ganhar.

CC: Na altura, houve quartéis que ficaram de pé atrás...

OSC: Exatamente, era isso que eu ia dizer. À última da hora, já eu estava no posto de comando, tive conhecimento de unidades que tinham oferecido capitães do MFA, quando essas unidades me tinham garantido duas companhias ou uma ou um pelotão que fosse, para entrar na operação militar e já eu estava no posto de comando na noite do dia 24 quando soube que não podia contar com essas unidades. Ainda assim a operação foi avante e teve o êxito que teve. O facto de essas unidades não terem participado na operação levou a alguns problemas e levou a que a PIDE, ocupando a sua sede, tivesse morto a rajadas de metralhadora 4 civis que estavam em frente à sede a fazer uma manifestação e que queriam assaltar a sede da PIDE. No entanto, isso não obstou a que, de facto, o êxito da operação militar tivesse sido fulminante.

CC: Passados que estão 38 anos sobre a revolução de 25 de abril de 1974, o que é que valeu a pena?

OSC: Valeu a pena a reconquista daquilo que é fundamental para qualquer ser humano, eu diria mesmo que é fundamental para qualquer ser vivo, que é a liberdade. A liberdade é um bem precioso, um bem inestimável que nós devemos preservar a todo o custo, e foi uma mensagem que eu transmiti numa das escolas em que estive hoje à juventude, foi a preservação da liberdade. Quando nos querem retirar a liberdade no seu conjunto de liberdades, a liberdade de reunião, a liberdade de expressão, a liberdade de manifestação, etc.. Quando essas liberdades estão a ser retiradas por um governo deve haver uma reação imediata de todo um povo que começa a ver-se privado dessas liberdades. Isso não foi feito quando Salazar, em 1932, foi chamado à presidência do Conselho de Ministros, e quando ele elabora uma Constituição que promulga em 1933, que retira a liberdade aos portugueses, logo aí, devia ter havido uma reação imediata e muito dura. Isso não aconteceu e o fascismo surgiu calmamente e foi imposto à população durante 36 anos pelo Salazar com a continuidade por mais 5 anos pelo governo de Marcello Caetano.

CC: Para finalizar, gostava de lhe pedir uma mensagem que gostaria de deixar aos nossos estudantes, à nossa juventude.

OSC: A mensagem que eu deixo é exatamente essa. Há valores fundamentais, como são os casos da liberdade, da dignidade, do conceito de ser um cidadão livre na posse dos seus direitos sociais, políticos e civis. Este conceito do que é a liberdade que deve ser preservada a todo o custo e lutar por ela sempre, pela continuidade do gozo das liberdades. O conceito da dignidade do ser humano que não pode ser rebaixado, não deve ser humilhado, espezinhado. O conceito de cidadania, de cada um de nós se sentir um cidadão livre, num Estado livre, em que os seus direitos sejam assegurados e ele deve também cumprir os seus deveres. Este conceito de cidadania que é importantíssimo, de facto. É essa a mensagem que eu deixo, essa preservação desses valores fundamentais para um ser humano se sentir realmente um ser humano livre e capaz de poder lutar em benefício da comunidade a que pertence, em benefício do próprio país a que pertence se tiver capacidades para isso. ▪